

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 58 - Série VII - N.º 768
15 de Setembro de 1988
Preço: 50\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

XII festa
Avante!

Afirmção poderosa de força e de confiança no futuro do PCP



«Por aquilo que é, aquilo que significa, aquilo que afirma, aquilo que testemunha, a Festa dá uma resposta àquelles que pisam e repisam que o PCP está em crise. A Festa dá uma resposta: o PCP está vivo, de pé, firme, coerente com a sua natureza, o seu ideal e o seu projecto político, na luta e pronto para ela, sempre com os trabalhadores, sempre com o povo, com a força que lhe dão a consciência revolucionária, o trabalho e a inteligência e a luta dos seus militantes e de muitos e muitas portuguesas e portuguesas de todas as idades e profissões que, não sendo militantes, estão com o Partido e lutam com o Partido.»



«A base de apoio social, político e eleitoral do PSD e de Cavaco Silva já é na actualidade consideravelmente mais reduzida do que foi em 19 de Julho.

«A luta contra o Governo PSD de Cavaco Silva vai ser dura e difícil. Mas podemos estar certos de que, em democracia, um governo que perde dia-a-dia a confiança do povo acabará por ser derrotado.»



«No momento de perigo para o regime democrático que o país atravessa, quero aqui neste comício onde participam decerto muitos socialistas e eleitores do PS, dirigir-me uma vez mais ao PS e a todos os socialistas, e proclamar, para que ninguém possa dizer que o não sabe, que o PCP está inteiramente disposto a considerar com o PS os objectivos, as formas, os métodos de combatermos em conjunto a direita, de defendermos em conjunto os interesses do povo e do país, de defendermos em conjunto a Constituição e o regime democrático ameaçado.»



«Certamente, o XII Congresso não será, como alguns gulosamente gostariam que fosse, uma espécie de parlamento burguês, com vários partidos à bulha. O XII Congresso, no qual o funcionamento democrático é assegurado, será a expressão final da vontade, das opiniões, da contribuição de todo o nosso grande colectivo partidário que já começou a participar e participará activamente nos debates que desde agora se vão realizar nas organizações.

«O XII Congresso será a expressão deste Partido profundamente democrático que somos e que queremos continuar a ser.»

Álvaro Cunhal, no comício de encerramento da Festa

Festa do «Avante!» — Uma lição a tirar

Mais uma vez aconteceu a Festa, mais uma vez vivemos uma impressionante jornada democrática de massas de características sem par no pós-25 de Abril em Portugal — a Festa do «Avante!» na sua edição de 1988.

Uma afirmação que é quase um lugar comum. Mas esta décima segunda edição da Festa constituiu uma resposta conclusiva a várias questões candentes da hora actual, além de que a grandiosa manifestação festiva do último fim-de-semana na Quinta do Infantado em Loures, depois da interrupção do ano passado por vesga perseguição política da direita governante, distingue-se de todas as outras por particularidades dignas de realce.

A primeira é naturalmente de natureza política. A Festa de 1988, magnífica jornada festiva de vincado cunho popular, decorreu nas condições de uma rude ofensiva contra-revolucionária, das mais perigosas para o regime democrático, visando a destruição das conquistas mais significativas do 25 de Abril na sua substância económica e política, na sua constitucionalidade.

Na sua expressão progressista a Festa foi uma luta do pensamento avançado contra o retrógrado e o reaccionário.

A segunda particularidade foi de natureza conceptual e técnica. Vicissitudes e obstáculos de implantação num novo local sem vocação anterior para uma iniciativa daquela envergadura, um local desconhecido, aparentemente fora de mão, desprovido de infra-estruturas básicas mínimas, todo o inesperado de um arranque a partir do zero. Por outro lado uma prolongada invernia que tornou impraticável durante um largo período qualquer acção no terreno e encurtou drasticamente o tempo útil dos trabalhos. E por fim a busca de soluções técnicas e estéticas adaptadas às novas condições e aos objectivos políticos-culturais visados.

A terceira particularidade que importa realçar foi de natureza partidária interna, e como todas as questões internas do PCP, estreitamente relacionada com o reforço do trabalho geral do Partido, com a realização mais eficiente e acertada das suas tarefas diárias, com o carácter e empenha-

mento do grande colectivo partidário, com as suas propostas políticas, com a sua intensa actividade de massas.

E naturalmente, como ponto dominante, a inserção da Festa na preparação e realização do XII Congresso como prólogo festivo a 3 meses de distância e no centro de uma intensa batalha política e ideológica, preparação de um areópago que se propõe esboçar as linhas mestras para uma democracia avançada no limiar do século XXI.

A 12.ª edição da Festa do «Avante!» teve, como as anteriores, a nota saliente de um grandioso convívio popular, de uma impressiva manifestação político-cultural de massas de elevada qualidade, de um grande encontro social, de vasta representatividade regional, de notável convivência internacionalista.

Das zonas mais próximas densamente povoadas dos distritos de Lisboa e Setúbal mas também das mais distantes. Cerca de 600 excursões de autocarros oriundas dos lugares mais recônditos trouxeram até à Quinta do Infantado milhares de visitantes. O afluxo de milhares de viaturas e de um serviço rodoviário sem mãos a medir revelaram o profundo interesse e o prestígio populares da Festa do «Avante!». Trinta e sete representações estrangeiras marcaram encontro na Quinta do Infantado.

E uma característica única voltou a evidenciar-se com força nesta edição de 1988: a Festa do «Avante!», grande iniciativa de uma força política enraizada na classe operária e no povo — o PCP — mostrou-se de novo como um grande espaço social, cultural e politicamente aberto onde todos puderam fruir sem constrangimentos a mensagem lúdica de amizade e paz.

A Festa de 88, num auge da campanha ideológica e política contra o PCP, dá, como foi dito por Álvaro Cunhal na tribuna do gigantesco comício do último dia, «uma resposta aqueles que pisam e repisam que o PCP está em crise. A

Festa dá uma resposta: o PCP está vivo, de pé, firme, coerente com a sua natureza, o seu ideal e o seu projecto político, na luta e pronto para ela, sempre com os trabalhadores, sempre com o povo».

Resposta na implantação, resposta na participação, resposta na qualidade.

Resposta na implantação quer dizer resposta na militância, no trabalho, no engenho, na criatividade de milhares de camaradas e de muitos simpatizantes do PCP que com os comunistas ombrearam na complexa tarefa de erguer e fazer viver a pequena cidade do Infantado.

Fazer complicada acrobacia no alto de uma estrutura tubular não é propriamente fazer uma exibição de ginástica mas correr um risco sério para pôr firme uma coluna ou uma travessa e garantir a segurança do visitante.

Rasgar no terreno à força de pulso regos e valas e depois cobrir neles cabos, tubos e manilhas; cortar, pregar, pintar quilómetros de tábuas; assegurar literalmente a limpeza diária de pavilhões, arruamentos, instalações sanitárias; organizar o afluxo de mantimentos; confeccionar refeições para centenas de milhares de pessoas; conceber, desenhar, detalhar projectos; encontrar soluções rápidas para um desenrascado técnico; enquadrar rapidamente centenas de camaradas de profissões indiferenciadas para uma tarefa específica concreta, não são como se compreende meros exercícios de diletância mas actos responsáveis.

É isso a militância e a compreensão política de um acrescido esforço para o êxito de uma importante realização do Partido.

E a Festa do «Avante!» de 1988 foi um admirável exemplo vivo da militância e da dedicação sem limites de muitos milhares de homens, mulheres e jovens que em menos de dois meses a puseram de pé e em poucos dias a estão desmontando.

Provavelmente estiveram lá, no Infantado, trabalhando no duro, camaradas que têm opiniões críticas sobre falhas e insuficiências no trabalho

Resumo

7

Quarta-feira

O vespertino «A Capital» é vendido ao grupo Balsemão. O primeiro processo de privatização de um jornal do Estado ■ O Sindicato dos Professores da Zona Sul denuncia que centenas de professores estão em risco de não receber o salário referente ao mês de Setembro ■ Dados divulgados pela Direcção-Geral da Concorrência e Preços indicam que os preços dos materiais escolares aumentaram em média 9,3% num ano ■ Memorando sobre situação dos trabalhadores da zona do Chiado atingida pelo incêndio é entregue aos diversos grupos parlamentares ■ Uniformização das leis sociais europeias está fora de questão, diz vice-presidente espanhol da Comissão Europeia ■ Recomeçam em Brazzaville as negociações sobre o Sudoeste de África ■ A nave espacial «Soyuz TM-5» regressa finalmente à Terra



com os cosmonautas Vladimir Liakhov e Abdul Mohamand ■ Inicia-se em Nicósia a Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros dos Países Não-Alinhados ■ Estados Unidos iniciam a destruição dos mísseis Pershing.

8

Quinta-feira



Presidente da Câmara de Lisboa anuncia início de obras na zona sinistrada do Chiado ■ A Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola reclama do Governo português que reaja prontamente às «ameaças e insultos» do dirigente da Unita, Savimbi, que ameaça de represálias cooperantes portugueses em Angola ■ O Presidente da República promulga Lei de Bases da Reforma Agrária ■ Mais de trinta e três por cento da população de Moçambique é directa ou indirectamente atingida pelas atrocidades da Renamo, denuncia o delegado moçambicano ao Congresso sobre Alimentação em África a decorrer em Harare ■ Um acordo sobre a retirada das tropas cubanas de Angola num prazo de 30 meses está a ser negociado em Brazzaville ■ A República Popular Democrática da Coreia comemora o 40.º aniversário da sua fundação ■ A Birmânia é paralisada por nova greve geral contra o governo do presidente Maung Maung ■ Quinze mil assassinatos no Chile, em quinze anos de ditadura, denuncia Comissão Chilena dos Direitos Humanos.

9

Sexta-feira



Começa Festa do «Avante!» ■ Milhares de peixes aparecem mortos no Sado. Autarquia considera estar-se perante «uma eventual catástrofe ecológica» ■ NATO decide integrar Açores na área do comando de Oeiras ■ Partidos timorenses repudiam, em comunicados divulgados na Austrália, compromisso de acordo entre Camberra e Jacarta sobre exploração de petróleo na zona marítima de Timor-Leste ■ Viúva de Allende, afirma, no México, a sua determinação de voltar ao Chile ■ Anunciado encontro entre o presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, e o presidente da África do Sul, Pieter Botha, no Songo, no Noroeste de Moçambique ■ O presidente do Parlamento Europeu, Lord Plumb, convida o dirigente soviético Mikhail Gorbachov, para se deslocar a Estrasburgo e discursar perante a Assembleia Parlamentar.

10

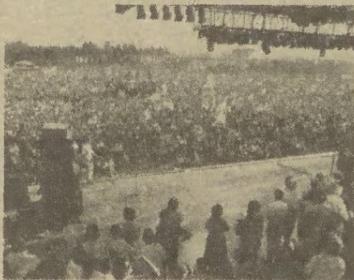
Sábado

Vaga de calor destrói completamente produção de uvas do Douro superior. Prejuízos calculam-se em meio milhão de contos ■ O secretário da Defesa norte-americano, Frank Carlucci, termina visita de seis dias à China ■ Investigadores criam vacina oral contra a cólera ■ Cuba apoiará Angola enquanto durar agressão militar sul-africana, afirma em Chipre, o ministro dos Negócios Estrangeiros cubano ■ Anunciado encontro entre o secretário de Estado norte-americano, Shultz e o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Shevardnadze ■ O foguetão europeu «Ariane» coloca em órbita dois satélites norte-americanos de comunicações ■ Sondagens realizadas na área de Estocolmo apontam para um maior número de deputados sociais democratas do que de partidos à direita, quando das eleições gerais de 18 de Setembro.

11

Domingo

Encerra a Festa do «Avante!». No comício realizado Álvaro Cunhal apela



à unidade democrática ■ Ministro angolano da Segurança do Estado, Kundi Payama, defende em Havana a necessidade de organizar em Angola uma «guerra de todo o povo» contra a Unita ■ Papa João Paulo II inicia visita de cinco países africanos, começando pelo Zimbabué, a que se segue Botswana, Lesotho, Suazilândia e Moçambique ■ A Confederação Geral do Trabalho da Argentina convoca greve geral de 24 horas «de tristeza nacional» em resposta à selvática repressão de uma manifestação, de que resultaram dois mortos ■ O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, propõe aos «contras» uma reunião na Guatemala, para preparar uma retomada de conversações para um cessar-fogo definitivo ■ Centenas de milhares de chilenos manifestam-se em jornada de luta que assinala os 15 anos de ditadura militar.

12

Segunda-feira

Proibida a entrada no nosso país da delegação da Frente Polisário que deveria ter participado na Festa do «Avante!» ■ Escombros do Chiado começam a ser removidos ■ Uma delegação da Confederação Sindical Cristã Belga, a maior central sindical daquele país, chega a Lisboa a convite da CGTP ■ Amadora festeja nove anos de criação do município ■ Dirigentes do sindicato dos trabalhadores postais da Grã-Bretanha discutem propostas para fim da greve que paralisou toda a entrega de correio no país ■ Milhares de manifestantes birmaneses rejeitam proposta de eleições e exigem que seja constituído um governo provisório após demissão do actual presidente ■ África do Sul compromete-se a cessar o seu apoio aos terroristas da Renamo ■ Greve geral na Argentina tem elevada adesão.

13

Terça-Feira



Uma delegação do PCP parte para Angola a convite do MPLA-PT. A saída de Lisboa, Octávio Pato salientou a importância de a visita se realizar num momento em que se desenham «perspectivas reais para uma solução pacífica» ■ As Organizações Representativas dos Trabalhadores da Cometa denunciam a intenção da administração de despedir 600 trabalhadores e de encerrar a unidade fabril da Amadora ■ Em Estrasburgo é apresentado o Orçamento geral da CEE. Um orçamento que reduz significativamente as verbas destinadas a Portugal ■ Três dirigentes do movimento anti-apartheid evadem-se da prisão e refugiam-se no consulado dos Estados Unidos em Joanesburgo ■ No campeonato do mundo de Hóquei em patins, a selecção portuguesa empata a uma bola com a sua congénere italiana

geral ou específico do Partido ou de tal organização do Partido. Mas arregaçaram as mangas e guardam as críticas para o momento das análises e debates. E a análise e o debate intensificam-se agora em torno de propostas e projectos a que o XII Congresso seguramente dará expressão definitiva.

E de facto o XII Congresso esteve presente nas mil manifestações da Festa.

Milhares de exemplares do folheto de capa verde do Projecto de Programa do Partido e de capa vermelha do das Alterações aos Estatutos desapareceram dos escaparates. Na sombra de um painel ou de uma árvore havia quem os folheasse numa primeira vista de olhos que no sossego da casa se vai ler e apreciar com mais detalhe.

Mas na música, na canção, na manifestação folclórica, nas exibições desportivas, nos palcos, nos debates; na temática de cultura e arte, em tudo isso que viveu na Festa estava presente o XII Congresso do PCP.

E naturalmente presente no comício de encerramento, nas palavras do Secretário-Geral do Partido, do Director do jornal «Avante!», do representante da Juventude, da representante das mulheres comunistas.

O comício foi uma portentosa manifestação política de massas, expoente da unidade e coesão interna do Partido, da sua influência no seio do povo, da sua dinâmica de luta.

Uma resoluta vontade se desprendia dos muitos milhares de rostos, da chama que iluminava os olhos; dos aplausos e dos protestos:

Defesa de Abril e das suas conquistas; defesa da Liberdade, da Constituição, dos direitos dos trabalhadores e do povo, das nacionalizações, da Reforma Agrária, do Poder Local democrático, do direito ao trabalho, à segurança social, ao ensino, à cultura, à saúde, à habitação; exaltação da Paz, da Amizade entre os povos, da independência nacional.

Tudo isso ressaltava da leitura da Festa. Saibamos extrair-lhe as lições.

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º - 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL. Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora: Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50 Porto - Rua do Almada, 18-2.º, Esq.º - 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heská Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/88

Tipagem média do mês de Agosto: 23412 exemplares



«É lindo, entusiasmo e dá força»

**12.ª Festa
do «Avante!»
— um êxito
político**



Carlos Rabaçal: *Esta é uma «festa que, afinal, sem a juventude não faria sentido. O calor, o pó, o suor, o cansaço, mas também o trabalho criativo, a organização, a entreatada, o convívio, a alegria e a beleza estiveram presentes durante a construção da Festa, em que os jovens, com destaque para os comunistas e de entre estes para as raparigas, desempenharam um papel de relevo». A Festa «permitiu mais uma vez o convívio entre jovens comunistas e não comunistas, mostrando uma certa forma de viver a acção política com a sua sensibilidade muito própria, de solidariedade e esperança na construção, hoje, de uma sociedade mais justa e fraterna»*



Fernanda Mateus: *«As mulheres têm contado e continuarão sempre a contar com o PCP». A política de direita, «agravada pelo Governo de Cavaco Silva, lesa fortemente os direitos das mulheres e compromete o avanço do processo de emancipação e libertação. Vejam-se os elevados índices de desemprego feminino, a generalização do trabalho precário, o alargamento do trabalho nocturno na indústria, o não cumprimento de leis como a da protecção à maternidade-paternidade, a do planeamento familiar e a do aborto. E o que dizer da proliferação de situações de miséria, com aumento da prostituição, já não só juvenil, mas infantil?». Mas, perante tal quadro, «são cada vez mais numerosas as mulheres que estão conscientes da necessidade de defender e alargar os seus direitos»*

sto, visto daqui, é lindo, entusiasmo, dá força!

Foi assim que Carlos Rabaçal, da direcção da JCP, iniciou a sua intervenção no comício da 12.ª Festa do «Avante!». Mais do que uma frase bonita e espontânea — não vinha no texto mas saltou cá para fora —, são palavras que exprimem o sentir de quem esteve na Quinta do Infantado e cuja justeza foi prontamente confirmada pela resposta das dezenas de milhar de pessoas que «viam» o comício do outro lado do palco 25 de Abril e que já tinham visto muito do que ali houve de único durante o passado fim-de-semana.

Festa do «Avante!», festa do PCP, nela participaram muitas e muitas pessoas que não são do Partido. Notava-se, este ano, a presença de muitos jovens; as dificuldades nos acessos ao novo local não foram suficiente obstáculo a que muita gente tivesse, enfim, decidido ir este ano pela primeira vez à Festa.

Naturalmente, estava também ali a mensagem política dos comunistas; antes de mais nada, na forma como se faz e se vive a Festa, no ambiente de são convívio, de alegria e de autêntica fraternidade, no «tu cá, tu lá» que marcava o ambiente; e metia-se por outros atalhos, das exposições às piadas do camarada que apresentava o circo ou às milhentas formas de pedir os comes e bebes.

Mas o momento político por excelência foi o comício de domingo à tarde.

Esclarecer e ganhar para a acção

Do palco 25 de Abril — onde estavam os oradores (Fernanda Mateus, Carlos Rabaçal, Dias Lourenço e Álvaro Cunhal) e camaradas das 38 delegações estrangeiras presentes na Festa, do Comité Central do Partido e dos seus organismos executivos, da Comissão da Festa do «Avante!» — via-se, enquanto decorria o comício, uma multidão de cabeças, chapéus, punhos, bandeiras...

Pouco antes tinha havido mesmo desfiles pela Festa a caminho do palco, com bandas de música, ou com bombos, ou apenas com gente.

A «plateia» do palco 25 de Abril era bem grande e cabia lá ainda mais gente. Mas houve os que não estiveram pelos ajustes e decidiram trepar ao «balcão» para ver aquilo lá do alto, outros ficaram mesmo ali na rampa que ligava o palco e o recinto onde se apertavam visitantes e pavilhões. Muitos outros aproveitaram as sombras que já davam para refrescar um pouco e sentaram-se apenas a ouvir.

A mensagem do PCP — a análise política, as propostas que temos para o País, o próximo Congresso — chegava a todos os participantes da Festa directamente, sem deturpações.

Esclarecer cada vez mais portugueses, ganhar cada vez mais trabalhadores, homens, mulheres, jovens, para os ideais do socialismo e para a acção em defesa dos interesses do nosso povo e do nosso país — uma tarefa que marcou a Festa do «Avante!» e que vamos prosseguir todos os dias; e agora, depois do êxito político que foi esta Festa, com mais entusiasmo e mais força. ■

Um dia destes

Já é de tradição dizer-se que cada Festa do «Avante!» traz consigo um manancial de histórias. Mundo que é, feito pelo ajuntamento de muitos milhares de pessoas vindos de todas as partes do país convivendo durante três dias e lamentando que os dias não sejam mais compridos e se estendam, em Festa, pelo ano todo, a Festa é o ponto de encontro para muitos que todos os anos lá vão e para muitos outros que a visitam pela primeira vez. Encontros que se fazem, amizades que se tecem, esperanças e encantos que rapidamente se estabelecem, conversas que se abrem ao esclarecimento, dúvidas que se levam para lá à espera de serem confirmadas ou desvanecidas. Há, assim, todos os anos, milhentas histórias que se repetem na tradição da Festa do «Avante!» que culmina todos os anos com o fortalecimento geral de uma confiança política nos comunistas e no seu Partido e lança de novo milhares de trabalhadores e de democratas na renovada luta por um país mais livre e justo.

Não admira que o que se costuma dizer da Festa seja de algum modo a repetição do que se disse no ano anterior, embora tecido nas condições diversas de cada ano, vestido de novas cores, ateadado de novo fulgor.

Todos os anos é diferente. Mas todos os anos é igual. Desta vez, porém, as coisas não se passaram assim, no mesmo romance do que é previsível e acontece.

Não vamos buscar às circunstâncias materiais diversas o que tornou a Festa diferente. Já se sabia que o intervalo de um ano sem Festa certamente traria um novo modo de a fazer, de a povoar, de a olhar e de participar nela. Já se sabia que, sendo o terreno tão diferente, o que víamos em Loures traria a sensação da novidade. Já se suspeitava de que os difíceis acessos, facilitados o melhor que foi possível, modelaria o modo e o tempo de entrar e de sair da Festa. Era de prever que os espectáculos correriam de outra maneira dada a nova disposição do palco 25 de Abril e dos seus acessos no interior do recinto.

O que de realmente novo aconteceu na Festa foi, na minha opinião, de outra ordem. Foi uma Festa diferente, em muitos aspectos de natureza política e social. Foi, como não havia sido até então no mesmo grau, uma resposta. Uma resposta às campanhas contra o Partido, contra as dificuldades que de há longos anos lhe vêm sendo criadas para que a Festa não tenha lugar, uma resposta ao silêncio com que pretenderam rodear a mais importante iniciativa política e cultural do país, uma resposta às calúnias, às mentiras vindas um pouco de todos os quadrantes.

Uma resposta, finalmente, aos que, de algum modo influenciados pela intensa campanha anticomunista, já perclitavam na sua confiança de que o PCP está vivo, forte, dinâmico, preparado e preparando-se para continuar a luta e para encetar novas lutas.

Quantas vezes, nas nossas deambulações de reportagem, não ouvimos o comentário, feito por militantes ou por simples amigos, ou mesmo por visitantes da primeira vez: «Ora aqui está a resposta!

Agora eles devem estar a morder-se todos!» Frase certamente ingénua, que a gente não faz a Festa para que alguém se morda. Mas certa, porque a gente faz a Festa apesar das mordidas dos outros... Foi nova, a Festa, numa outra dimensão.

Já dissemos aqui da participação juvenil nesta grandiosa manifestação política e cultural. E temos falado verdade. Ao longo dos anos, mais e mais jovens vão à Festa, participam nela. Vindos de vários quadrantes, de várias famílias ideológicas, com interesses vários. Muitos deles para os espectáculos e para o convívio. Mas também para o trabalho de construir e fazer andar aquela cidade de três dias. Mas nunca como no passado fim-de-semana, ao vê-los ruidosamente cantar e confraternizar, aplaudir e trabalhar, os vimos tão numerosos. Nunca como nesses dias tivemos a sensação de que os jovens esperam dos comunistas propostas que dêem, na selva que se enleia de novo em redor das suas vidas, na sociedade que lentamente tem regressado, pela mão da direita, às situações negras do desemprego e do consumismo (paradoxo apenas aparente), propostas que dêem um sentido construtivo às suas vidas de jovens, esperanças ao seu futuro.

E não os vimos, repito, apenas no calor da confraternização. Mas também, numerosos e activos, ao trabalho. Um dia destes eles tomam conta disto. Ajudemo-los a prepararem-se.

■ LM

Dias Lourenço Inexcedível militância de milhares de homens, mulheres e jovens

Amigos, camaradas,
estimados convidados

Dizer-vos simplesmente bom-dia ou boa-tarde neste magnífico entardecer desta magnífica festa popular pareceria inútil. Mas não é.

Boa-tarde, amigos e camaradas! Um bom fim de festa para todos vós, os que das várias regiões do nosso país e de várias partes do mundo viestes até aqui participar connosco neste fraterno convívio democrático da Quinta do Infantado.

A Festa do «Avante!» de 1988, aí a temos a chegar ao fim com a apoteose de sempre, e dentro de algumas horas marcaremos encontro para a Festa do «Avante!» de 1989.

E neste retomar, após um ano de intervalo forçado, da Festa mais bela e mais humana de Portugal de Abril, é com renovada alegria que vos transmito, em nome da Comissão da Festa do «Avante!», as nossas calorosas saudações.

Camaradas, longo e acidentado tem sido o percurso da nossa Festa. FIL, Vale do Jamor, Alto da Ajuda, agora Quinta do Infantado, aqui no concelho de Loures.

Forçados mais uma vez a mudar de chão em resultado da tacanhez de vistas e da acção retrógrada do engenheiro Abecasis e do cavaquismo governante, aqui estamos a dar continuidade à Festa do «Avante!» no terceiro concelho do país, o florescente concelho de Loures, que há poucos dias comemorou festivamente o centésimo primeiro aniversário da sua criação — pelo qual o saudamos.

A interdição do belo espaço físico do Alto da Ajuda foi um indecoroso episódio que não dignificou os seus autores.

Colmatar aquela grave lacuna da actividade cultural e lúdica do nosso povo, pôr novamente de pé a Festa do «Avante!», era um desafio a que se impunha dar resposta.

A décima segunda edição da nossa Festa, aqui no Infantado, é, além dessa imperativa resposta, uma desafronta do in-



qualificável atentado cometido contra a democracia portuguesa pela direita restauracionista governante.

Neste novo espaço físico é outro o quadro natural envolvente, são outras — sempre diferentes — a temática e a concepção da Festa, são outras as formas de expressão da nossa mensagem de amizade, paz, cultura e arte.

Mas foram os mesmos os objectivos principais: aprofundar os laços com o povo, criar um grande espaço de convivência democrática, proporcionar a todos os visitantes a fruição de uma manifestação superior e única de elevada qualidade — desta iniciativa de massas sem par na nossa terra que é a Festa do «Avante!».

Aqui, mais uma vez, num terreno de características diferentes, tivemos de novo de começar do zero.

Com a mesma vocação e a mesma determinação, construimos no Infantado uma cidade, pequena mas de linhas arrojadas, policroma como são de hábito as festa do «Avante!».

E tudo o que pudesdes visitar e ver nestes dias saiu da inexcedível militância e vontade de milhares de homens e mulheres e jovens rapazes e raparigas, das suas engenhosas mãos, da sua criatividade, da sua provada capacidade de organização e direcção.

Os detractores do PCP que se têm ocupado em denegrir os obreiros que têm posto de pé iniciativas desta envergadura, os profetas anticomunistas da desgraça, têm aqui, no Infantado, um grande motivo de reflexão e contrição das suas falsidades e mentiras.

Os que levanamente falam em crise do PCP têm aqui uma fonte de meditação e de inspiração para a sua falta de perspectivas.

Só desde o dia 16 de Julho até ao passado domingo (4 de Setembro) foram registadas cerca de 12 mil jornadas de trabalho, muitas outras ficaram por registar; e só nesta última semana alguns milhares de camaradas vieram, em alguns casos com as suas famílias, acampar aqui no nosso parque anexo e acabar as suas férias em esforçadas jornadas de trabalho voluntário.

É, pois, pela operosa acção colectiva desses milhares de militantes e amigos do PCP, pela sua dedicação sem limites, que foi possível apresentar-vos nestes dias esta bela realização de incomparável qualidade.

Suponho que estareis de acordo em endereçarmos daqui a todos os dedicados obreiros da Festa, aos projectistas, técnicos, decoradores e construtores, uma palavra de gratidão e estímulo pelo trabalho realizado, ao qual deram o melhor de si próprios.

Camaradas e amigos, esta Festa do «Avante!» tem, como

as antecedentes, pontos de referência política e histórica, temas e motivações da vida nacional e internacional e da vida, trabalho e luta do nosso Partido.

O Programa da Festa deu-vos de tudo uma informação sucinta e pudesdes verificá-la numa directa vivência.

Os Descobrimentos, o Cosmos, o Partido — foram temas dominantes, e a nossa Festa de 88 pretendeu ser o pórtico político e festivo do nosso XII Congresso.

Como sempre — e sempre de qualidade elevada — o espectáculo, a canção e a música, o desporto, a convivência democrática e fraterna sob as formas mais diversas, o debate cultural e político animaram estes dias da Quinta do Infantado.

E agora uma inolvidável jornada vai chegando ao fim.

Sim, a sua mola fundamental foi a acção dinâmica, criadora e esforçada dos comunistas e de muitos amigos que nos deram a sua preciosa contribuição.

Aos artistas da Festa — cantores, músicos, actores, animadores portugueses e estrangeiros das mais diversas formas de expressão —, aos desportistas, a todos os que no domínio da animação artística, cultural e desportiva deram à Festa do «Avante!» um magnífico cunho de elevação e arte manifestamos a nossa gratidão pelos belos momentos que nos fizeram viver.

Uma saudação muito especial aqui deixamos aos jovens que deram à nossa Festa a bela e extraordinária marca da sua juventude!

Mas sem outras participações e ajudas de entidades e serviços públicos do concelho de Loures e outros dos distritos de Lisboa e de Setúbal teria sido quase impraticável levar a bom termo esta edição da Festa.

Queremos aqui deixar o nosso agradecimento a todos os que, de uma ou outra forma, intervieram para que a nossa Festa pudesdes realizar-se o melhor possível:

À Câmara Municipal de Loures que — da mesma forma que antes os serviços da Câmara Municipal de Lisboa — nos deu toda a colaboração;

Aos Bombeiros Voluntários de Loures e à sua qualificada banda musical; à banda do Zambujal; a todas as autarquias (e muitas foram) que nos facilitaram a realização de complexas tarefas e trabalhos; aos Bombeiros Voluntários de Odivelas;

À Polícia de Segurança Pública e à GNR de Loures; à Brigada de Trânsito; ao Governo Civil de Lisboa;

À Rodoviária Nacional, à Carris de Lisboa, aos condutores e organizadores do complexo problema dos transportes da RN para a Festa;

À Federação Portuguesa de Ginástica, às federações de Atletismo, de Natação, de Xadrez, de Damas; ao Comité Olímpico Português e às 13 federações olímpicas que nos facultaram materiais para a exposição desportiva;

À Junta Nacional de Investigação Científica, à Fundação Gulbenkian, ao Museu da Marinha, à Direcção-Geral de Florestas e à RTP, que nos facultaram materiais e filmes documentais e culturais para exposições;

A todas as entidades que por lapso não mencionamos e a quem pedimos desde já desculpa por eventuais omissões; a todos o nosso muito e muito obrigado.

Uma expressão das mais significativas da nossa Festa é a solidariedade internacionalista, que lhe dá uma das suas marcas características mais distintas.

Estão presentes na nossa Festa e estão aqui connosco neste palco ilustres delegados e camaradas de 38 órgãos da imprensa comunista e operária internacional dos partidos e organizações seguintes: Congresso Nacional Africano, Partido Socialista Unificado da Alemanha, Partido Comunista Alemão, MPLA-Partido do Trabalho, Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste, Partido Comunista Brasileiro, Partido Comunista Búlgaro, Partido Africano para a Independência de Cabo Verde, Partido Comunista do Canadá, Partido Comunista da Checoslováquia, Partido Comunista do Chile, Partido Comunista da China, Partido do Trabalho da Coreia, Partido Comunista de Cuba, Partido Comunista de Espanha, Partido Comunista dos Povos de Espanha (observador), Partido Comunista da Catalunha (observador), Partido dos Trabalhadores da Etiópia, Partido Comunista Francês, Partido Comunista da Grécia, Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau, Partido Socialista Operário Húngaro, Partido Comunista Italiano, Partido Comunista Japonês, Liga dos Comunistas da Jugoslávia, Partido Comunista Libanês, Congresso do Povo da Líbia, Partido FRELIMO, Partido Popular Revolucionário Mongol, Organização de Libertação da Palestina, Frente Popular para a Libertação da Palestina, Partido Operário Unificado Polaco, Partido Comunista Romeno, Revista Internacional, Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe, FRETILIN, Partido Comunista da União Soviética — em cuja delegação se incluí o cosmonauta e herói da URSS Vladimir Soloviev.

Vários outros órgãos da imprensa comunista e operária não puderam estar presentes e enviaram-nos as suas saudações.

Pela sua origem e pelo país de onde nos chega, e porque faz hoje 15 anos que foi assassinado Salvador Allende, queremos referir de entre estas a comovedora mensagem que Clodomiro de Almeida, secretário-geral do Partido Socialista do Chile, nos dirigiu das prisões de Pinochet.

A ele, a Nelson Mandela, a Haydar Kutlu e Nihat Sargin, e a todos cujas vidas estão em perigo e sofrem nas prisões a cruel repressão de regimes reacçãoários expressamos a nossa viva solidariedade e o desejo de próxima libertação.

Até ao próximo ano, camaradas!

PCP



Álvaro Cunhal

Um governo que perde dia a dia a confiança do povo acabará por ser derrotado

Camaradas, amigos:

Muita gente gostaria que a Festa do «Avante!» não se realizasse mais. Por tudo quanto fizeram para nos privar de terrenos, alguns talvez tenham mesmo acreditado que a Festa não mais se realizaria.

Afinal a Festa do «Avante!», a Festa do PCP, a Festa, voltou. Cá está de novo, espectacular e grandiosa parada de arte, de cultura e de desporto, cidade de repouso e de diversão, gigantesca confraternização popular. E (porque é a sua origem, a sua raiz e o seu significado) afirmação poderosa da vida, da actividade, da vontade, da força e da confiança no futuro do Partido Comunista Português. Testemunho também da solidariedade internacionalista que nos trouxeram os nossos numerosos convidados que com grande alegria aqui temos connosco.

A Festa

A Festa é uma afirmação de como trabalham, do que são, do que querem, do que propõem os comunistas.

Por aquilo que é, aquilo que significa, aquilo que afirma, aquilo que testemunha, a Festa dá uma resposta àqueles que pisam e repisam que o PCP está em crise. A Festa dá uma resposta: o PCP está vivo, de pé, firme, coerente com a sua natureza, o seu ideal e o seu projecto político, na luta e pronto para ela, sempre com os trabalhadores, sempre com o povo, com a força que lhe dão a consciência revolucionária, o trabalho e a inteligência e a luta dos seus militantes e de muitos e muitas portugueses e portuguesas de todas as idades e profissões que, não sendo militantes, estão com o Partido e lutam com o Partido.

Daqui saudamos todos aqueles que aqui no terreno e noutras tarefas se empenharam na realização da Festa, nomeadamente os muitos milhares de camaradas, homens, mulheres e jovens, que construindo esta cidade de 3 dias, deram alto exemplo de militância comunista, de trabalho, de inteligência e de criatividade.

Tiraram-nos Lisboa. Mas há razões para nos alegrarmos com a região que nos cerca. Porque é um concelho onde os comunistas dirigem a gestão municipal e apresentam uma notável obra realizada em benefício da população. Daqui os saudamos com todo o nosso apreço.

Por muitas novas dificuldades que venham a criar, a Festa do «Avante!», festa do Partido, festa dos comunistas, festa do povo, festa da juventude, continuará a ser uma grande realização querida do povo e um elemento integrante da democracia portuguesa.

O PCP contra o Governo de direita

Dizemos que a Festa do «Avante!» é elemento integrante da democracia portuguesa.

De facto, a Festa do «Avante!» é uma exaltante expressão de liberdade. Pelo que tem sido e pelo que é, pela poderosa presença, aqui à nossa volta, dos testemunhos das grandes conquistas democráticas do nosso povo, pelo ar político que se respira, pelo ambiente de fraternidade e humanismo que se vive, a Festa do «Avante!» é uma conquista de Abril e é uma Festa de Abril.

Por isso se pode dizer que a ofensiva contra a Festa do «Avante!» se insere na actuação dos governos de direita contra Abril e as suas conquistas.

A direita afirma, repete e torna a repetir que a sua política é de mudança, é de modernidade, e que o seu objectivo é fazer o país andar para a frente.

Que mostram os factos, camaradas?

Os factos mostram que mudança há, mas que essa mudança não é um avanço para o futuro mas um recuo para o passado, um passado de exploração e injustiça social.

Porventura será modernizar o país, será andar para a frente destruir empresas nacionalizadas em sectores básicos da economia e pretender restaurar o sistema dos monopólios, que dominaram o país no tempo do fascismo? Será andar para a frente liquidar direitos dos trabalhadores e restaurar a exploração à moda antiga? Será andar para a frente roubar terras às UCPs/Cooperativas da reforma agrária para as entregar de novo aos grandes agrários que, tal como antigamente, as mais das vezes as deixam abandonadas ao mesmo tempo que dezenas de milhares de trabalhadores são lançados no desemprego? Será andar para a frente abolir o Serviço Nacional de Saúde e provocar a degradação da assistência hospitalar e o aumento do preço dos medicamentos? Será andar para a frente subir de tal forma as custas nos tribunais que o povo fica privado de recorrer à justiça? Será andar para a frente generalizar a especulação, as negociatas, a corrupção? Será andar para a frente agravar a inflação, conter os salários, oferecer ao estrangeiro como motivo de investimentos a miséria dos portugueses ao mesmo tempo que, quem assim decide, decide

também acrescentar uma grossíssima fatia aos próprios vencimentos? Será andar para a frente entregar em leilão a comunicação social do Estado (jornais, canais de rádio, a própria televisão?) ao grande capital ávido de criar monopólios de informação ao seu serviço? Será andar para a frente fazer leis para dificultar ao máximo a propaganda política dos partidos e organizações democráticas abrindo as portas à propaganda com grandes meios, paga a peso de ouro? Será andar para a frente dar um novo papel dominante na sociedade a valores morais retrógrados e obscurantistas? Será andar para a frente entregar ao estrangeiro recursos, riquezas e sectores básicos da nossa economia? Será andar para a frente submeter o país a ditames da CEE e das multinacionais frontalmente contrários aos interesses do nosso povo e da nossa pátria? Será andar para a frente aceitar para Portugal na divisão internacional do trabalho a situação de país mais atrasado da Europa, de país dependente, submetido a interesses estrangeiros? Será andar para a frente aprovar toda essa escandalosa série de «pacotes» inconstitucionais e pretender fazer uma revisão da Constituição que, a ser aprovada, significaria a subversão do regime democrático?

Não, camaradas, isto não é andar para a frente, mas sim andar para trás, pretendendo fazer rodar ao contrário a roda da História.

Por isso o nosso Partido sem hesitação se opõe firmemente ao governo PSD de Cavaco Silva e à sua política.

Por isso o nosso Partido se mantém sempre ao lado dos trabalhadores, dos pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, dos intelectuais, dos quadros técnicos, das mulheres, da juventude, de todos os que sofrem a exploração e a injustiça, dos reformados e pensionistas, dos deficientes, na defesa dos seus interesses e direitos.

Por isso, camaradas, a luta continua!

A luta continua

Após as eleições de 19 de Julho do ano passado, num momento em que a direita triunfalmente proclamava que «Abril acabou!», num momento em que muitos consideravam que tinha acabado também a possibilidade de grandes lutas e proclamavam que o PCP terminara como grande partido nacional e estava condenado a desaparecer aos poucos, — qual foi a posição que o Partido assumiu?

Poucos dias após as eleições de 19 de Julho, analisando a situação na sua reunião dos dias 22 e 23, o Comité Central do Partido avançou algumas ideias fundamentais: que o Governo não resolveria nenhum dos mais graves problemas nacionais e que seria «inevitável» que centenas de milhares de portugueses que, enganados pelas medidas demagógicas, pela propaganda e pelas promessas votaram no PSD, dentro em pouco reconheceriam a ilusão e o engano em que caíram e se voltariam contra o Governo.

A grandiosa movimentação social de massas que se desenvolveu na primeira metade do ano corrente, com a classe operária na vanguarda, com a realização da greve geral, na qual a CGTP-IN, a grande central sindical dos trabalhadores

portugueses, teve um papel determinante, com fortes movimentações camponesas em zonas em que o PSD havia obtido altas votações, com acções massivas de importantes sectores intelectuais, com avanços da juventude democrática nas eleições associativas, com novas iniciativas no movimento das mulheres — toda essa grandiosa movimentação social em que participaram, ao lado dos comunistas e outros democratas, milhares e milhares de portugueses e portuguesas que haviam votado no PSD, deu razão às previsões avançadas pelo PCP.

Um primeiro-ministro teimoso e arrogante, ministros paus-mandados do grande capital como Barreto e Cadilhe, uma ministra incompetente como Leonor Beza, aí está um governo que já perdeu a fama de credibilidade e de competência que ainda há um ano muitos lhe atribuíam.

A base de apoio social, político e eleitoral do PSD e de Cavaco Silva já é na actualidade consideravelmente mais reduzida do que foi em 19 de Julho.

A luta contra o Governo PSD de Cavaco Silva vai ser dura e difícil. Mas podemos estar certos de que, em democracia, um governo que perde dia a dia a confiança do povo acabará por ser derrotado.

As recentes eleições autárquicas

Nas últimas 3 semanas realizaram-se 31 eleições autárquicas suplementares em outras tantas freguesias.

Qual foi o resultado?

O resultado é altamente esclarecedor no momento político que atravessamos. **No total das 31 eleições a CDU ganhou 21, das quais 20 com maioria absoluta.**

Nas 31 eleições a CDU passou de 52,9% nas eleições autárquicas de 1985 e dos 34,1% nas eleições para a Assembleia da República em 1987 para 54,3% nestas eleições.

Quanto ao PSD, que já considerava como adquiridos nessas freguesias os votos que alcançara nas eleições de 19 de Julho, perdeu 64% dos votos.

Vê-se que por um lado se reduz a base de apoio do PSD, do Governo e de Cavaco e que, por outro lado, o PCP, desmentindo os vaticínios da campanha anti-PCP, não só mantém uma sólida influência, como reforça o apoio eleitoral.

Creemos ser justo aqui felicitar pelas vitórias alcançadas os camaradas e as populações das 21 freguesias em que a CDU ganhou nestas eleições. E felicitar também os camaradas e as populações das outras freguesias pelo reforço, em alguns casos considerável, das posições do PCP e seus aliados, cujo prestígio nas autarquias resulta do grandioso trabalho que nelas realizam para solucionar os problemas das populações.

Nestas eleições, uma vez mais se verificou a lamentável tradição de alianças e combinações entre o PS e o PSD, em sistema de ajuda recíproca, não apresentando cada qual listas para beneficiar o outro contra a CDU, contra o PCP. Os resultados mostram que por vezes tais alianças têm o prémio merecido. Em Pêro Pinheiro o PS não apresentou lista para que o PSD lhe desse os votos em Montelavar. E afinal acabou por entregar Pêro Pinheiro ao PSD e não evitar, mesmo com os votos do PSD, a vitória da CDU em Montelavar.



PCP

Estes resultados constituem um novo indício de que a base de apoio social, político e eleitoral do Governo de Cavaco se restringe, de que o Partido, o povo português, os democratas têm condições para continuar a luta com confiança em que a reacção acabará por ser derrotada.

A unidade necessária

Uma das mais importantes características e um dos mais importantes factores da forte dinâmica e da amplitude das grandes lutas de massas travadas contra a política do Governo no primeiro semestre do ano corrente, foi a unidade dos trabalhadores, a unidade dos agricultores, a unidade de importantes sectores de intelectuais e de quadros técnicos, a unidade de populações inteiras atingidas em interesses vitais.

No que respeita às instituições, uma das principais características da resistência oposta (em muitos casos com êxito) na Assembleia da República à política do Governo, foi a convergência dos partidos democráticos.

A luta pela unidade dos trabalhadores, pela unidade dos democratas é um imperativo da situação nacional e uma constante da acção do PCP.

Para poder resistir e fazer frente com êxito à reacção, para poder defender com êxito os interesses dos trabalhadores é essencial a sua unidade. Unidos nas empresas e em todos os locais de trabalho. Unidos nos Sindicatos e nas Comissões de Trabalhadores.

Pelo papel de primeiro plano que representa na vida nacional, pelo exemplo que dá de organização de classe e de unidade de classe — é justo aqui saudar a grande central sindical dos trabalhadores portugueses — a CGTP-Intersindical Nacional — e saudar todos aqueles que, perfilhando as mais variadas opiniões políticas, nela dão um alto exemplo da consciência de classe e de espírito unitário. A unidade da classe operária, o reforço das mais variadas formas de organização e acção unitária de massas, são condições essenciais para o desenvolvimento da luta contra a política da direita e por uma alternativa.

Não basta porém a unidade em cada organização e movimento social de massas.

Temos de continuar lutando pela convergência e a unidade de todos os democratas. Unidade para impedir a realização dos planos subversivos do PSD de Cavaco Silva. Unidade para salvar o regime ameaçado e impedir nomeadamente que o PSD consiga realizar a revisão subversiva da Constituição da República. Unidade para abrir caminho e tornar possível uma alternativa democrática.

Sempre temos estado e continuamos estando abertos ao diálogo, à troca de ideias, ao exame conjunto da situação, às mais variadas formas e aos mais variados âmbitos de convergência, entendimento e unidade.

No momento de perigo para o regime democrático que o país atravessa, quero aqui neste comício, onde participam de certo muitos socialistas e eleitores do PS, dirigir-me uma vez mais ao PS e a todos os socialistas, e proclamar, para que ninguém possa dizer que o não sabe, que **o PCP está inteiramente disposto a considerar com o PS os objectivos, as formas, os métodos de combatermos em conjunto a direita, de defendermos em conjunto os interesses do povo e do país, de defendermos em conjunto a Constituição e o regime democrático ameaçado.**

É com alegria que aqui referimos a cooperação estreita e amistosa que o nosso Partido tem com os seus aliados mais próximos — com o Partido «Os Verdes», com a Intervenção Democrática, com numerosos independentes que na CDU lutam ombro com ombro com os comunistas.

Mas convergência e unidade dos democratas exige mais do que a unidade alcançada na CDU. Exige convergência dos outros partidos democráticos. Exige particularmente que os socialistas cessem de vez com a sua desgraçada política de colaboração e aliança com a direita, corrijam os propósitos anunciados de darem ao PSD os dois terços necessários à revisão subversiva da Constituição. Exige que os socialistas se decidam finalmente à convergência, à colaboração e à aliança não com forças da direita mas com os outros democratas. Concretamente: com o outro grande partido democrático — o PCP — sem o qual não é possível (no quadro político e partidário existente) qualquer alternativa democrática.

O PCP, força essencial da democracia portuguesa

O nosso Partido apela à convergência e à unidade dos democratas e dá o devido valor a todos os democratas. É porém verdade, verdade inteira, que **o PCP tem desempenhado e desempenha na vida nacional um papel ímpar na defesa do regime democrático e da independência nacional.**

Nos 48 anos de ditadura fascista, o PCP foi indiscutivelmente a grande força da resistência. Nas transformações revolucionárias da revolução de Abril o PCP deu uma contribuição determinante. Depois, ao longo dos últimos 12 anos de ofensiva contra-revolucionária, todos os outros grandes partidos participaram de uma forma ou de outra na ofensiva antidemocrática. Todos têm sérias responsabilidades nela.

Só o PCP, sempre com o povo, sempre com a pátria, se manteve e mantém fiel às conquistas de Abril, empenhando os seus esforços para defendê-las.

O PCP interveio em praticamente todos os sectores da vida nacional como grande dinamizador político das lutas da classe operária e das massas trabalhadoras, como partido com obra notável realizada no poder local democrático onde os eleitos do PCP e os outros eleitos da CDU dão elevados exemplos de trabalho, honestidade e competência, como parti-

do que participa activamente noutros órgãos do poder (designadamente no Conselho de Estado e na Assembleia da República onde o Grupo Parlamentar comunista é conhecedor e eficaz), como partido com viva intervenção nas grandes organizações e movimentos sociais unitários, nas mais diversas actividades culturais e artísticas.

Não é uma frase propagandística mas uma realidade da vida portuguesa dizer que **o PCP é um partido necessário, indispensável e insubstituível.**

É o principal obstáculo político à actuação antioperária, antipopular e antidemocrática do Governo, à política e aos planos reacccionários da direita.

O PCP é o principal bastião da defesa do regime democrático e das suas conquistas.

A campanha contra o Partido

É esta realidade a razão da permanente e orquestrada campanha contra o PCP, que nos últimos tempos adquiriu formas novas de insidiosa e violência.

A campanha contra o PCP não é uma campanha isolada antes se insere na ofensiva ideológica universal do imperialismo e na sua tradução portuguesa.

Procuram reabilitar o capitalismo monopolista de Estado, negar a realidade da exploração capitalista sob o manto diáfano da «iniciativa privada», da «modernidade» e dos estafados logros do «capitalismo popular» e da «democratização do capital».

Procuram instilar na sociedade, como ideal de vida, o individualismo feroz, o egoísmo, o consumismo, o enriquecimento à custa dos outros e da especulação.

Procuram denegrir e caluniar as conquistas e as lutas dos trabalhadores e convencer que elas contrariam o desenvolvimento e o progresso.

Procuram fazer crer que democracia se identifica com os países capitalistas e negar a essência democrática da sociedade socialista.

Procuram negar as realizações dos países socialistas ao longo dos anos e fazer crer que os países socialistas regressam ao caminho capitalista, que o socialismo deixou de ser uma perspectiva para os povos e que o movimento comunista internacional já hoje nada é.

Na sua versão portuguesa, a ofensiva ideológica do imperialismo junta actualmente a estas componentes universais três principais linhas de ataque.

A primeira **contra as conquistas da revolução de Abril**, contra tudo quanto elas trouxeram de positivo ao país, contra o regime democrático de que são parte integrante e contra a Constituição que as instituiu.

A segunda propagando supostos benefícios da **Integração na CEE** e defendendo como causa sua a supranacionalidade da CEE apesar de gravemente atentatória da soberania e independência nacional portuguesa.

A terceira, a **campanha contra o PCP**, falsificando e injuriando a sua história, apresentando-o como um partido com objectivos antidemocráticos e sem democracia interna, um partido dirigido por «ortodoxos» e «estalinistas», um partido de agitadores contra tudo e contra todos, um partido sem programa político próprio, um partido «em crise».

Tendo em conta que o PCP é a principal fortaleza política dos trabalhadores e do povo, o principal obstáculo ao avanço dos planos subversivos da direita, a campanha de inimigos e adversários é inteiramente natural.

Já não é natural que, de há tempos para cá, essa campanha contra o Partido, tenha como principal alimento informações, opiniões, entrevistas, artigos, cartas e declarações de membros do Partido, e também essa nova figura repugnante de anónimos que escondendo a face dizem ser do PCP. A linha de força da campanha é procurar fomentar no PCP dúvidas, desalentos, fracções e divisões.

Fazer mal, fazem. Mas que não se iludam. Ninguém conseguirá que o PCP deixe de ser o grande partido comunista que

é, com fundas raízes na classe operária e no povo, com um poderoso e unido colectivo militante, fiel ao seu passado heróico, fiel ao seu ideal, fiel ao povo português e à pátria portuguesa.

O que somos e queremos ser

Quem quer que tenha vindo à nossa Festa, pode encontrar aqui mil e um desmentidos às acusações que nos fazem. Pode encontrar aqui na Festa mil e uma janelas para observar o que tem feito e o que faz o PCP, qual a sua natureza, qual o seu ideal, quais os seus objectivos, qual o seu estilo próprio de trabalhar, de fazer política, de se conduzir na sociedade.

Pode aqui tomar conhecimento, se não o tomou antes, de que o PCP prepara activamente a realização do seu **XII Congresso de 1 a 4 de Dezembro do ano corrente.**

Pode aqui adquirir e tomar conhecimento directo com os Projectos apresentados pelo Comité Central do novo Programa do PCP e de Alterações aos Estatutos do Partido, largamente difundidos na Festa e que a partir de hoje passarão a ser debatidos em todo o Partido, em todas as organizações e por todos os militantes que são chamados a dar, e nós apelamos para que dêem, as suas opiniões, a sua contribuição, as suas propostas, para a redacção final dos projectos a serem finalmente levados ao XII Congresso.

Os grandes valores da revolução de Abril criaram profundas raízes na sociedade portuguesa e projectam-se como realidades, necessidades objectivas, experiências e aspirações no futuro democrático de Portugal.

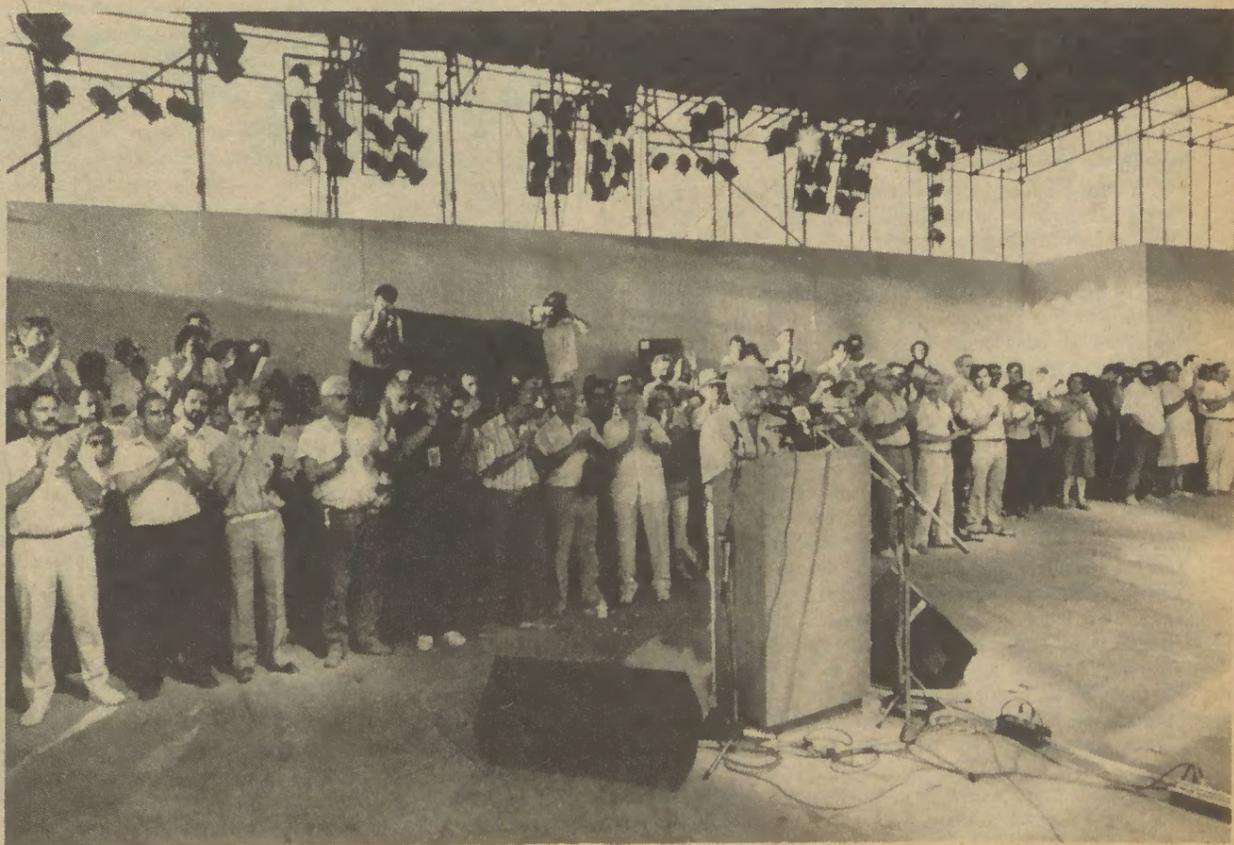
O Projecto do novo Programa do PCP propõe ao povo português uma democracia avançada no limiar do século XXI a luta pela qual é parte constitutiva da nossa luta pelo socialismo. A nossa proposta contém seis componentes fundamentais: um regime de liberdade na qual o povo decida do seu destino; um Estado democrático, representativo, baseado na participação popular e eficiente; o desenvolvimento económico assente numa economia mista poderosa e dinâmica ao serviço do povo e do país; uma política social que garanta o melhoramento das condições de vida do povo; uma política de cultura que assegure o acesso generalizado à livre criação e fruição culturais; e uma pátria independente e soberana, com uma política de paz, amizade e cooperação com todos os povos.

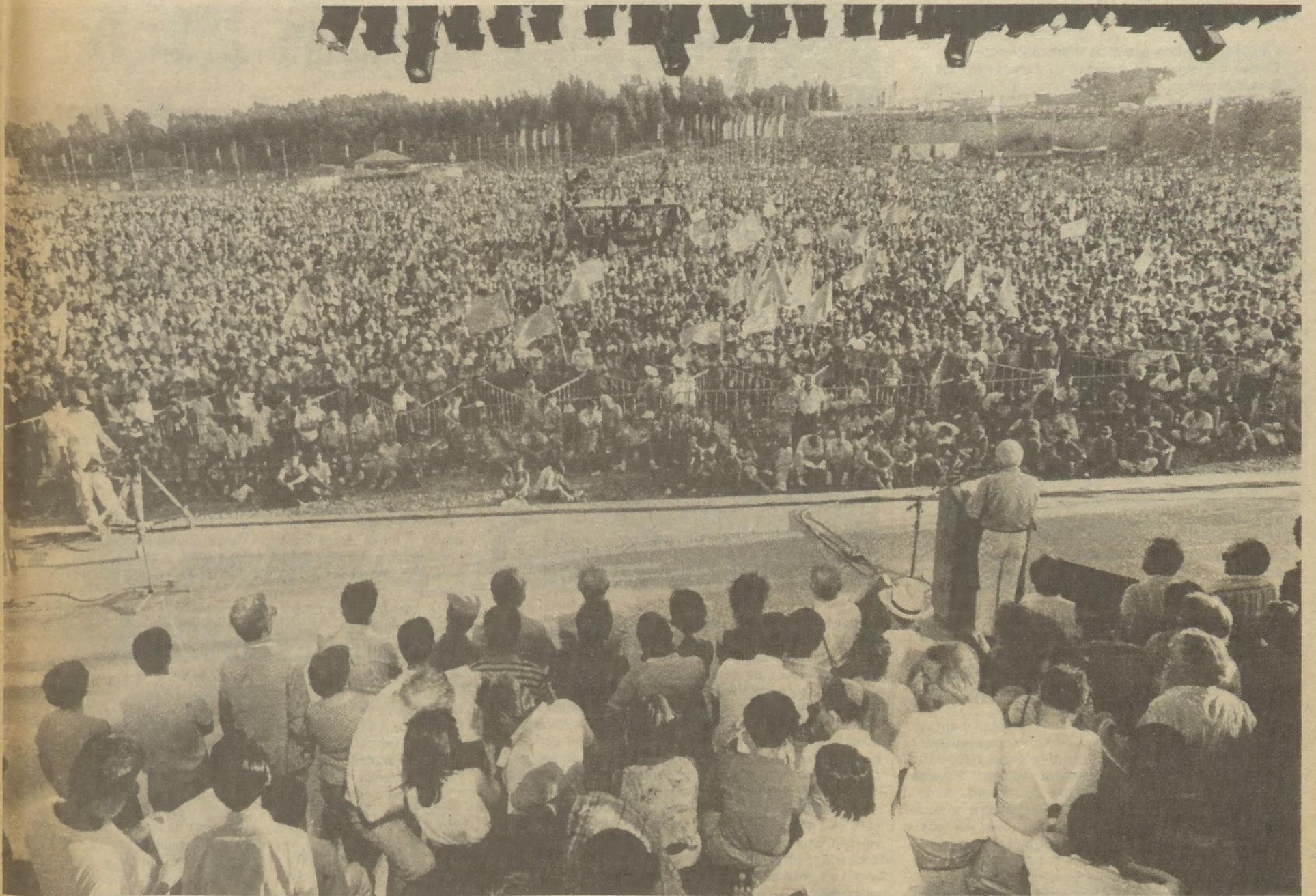
Quanto às propostas de alterações aos Estatutos, definem com mais rigor princípios e experiências, acentuam a criatividade política e ideológica e a vertente democrática dos princípios em que assenta a estrutura orgânica do Partido, aprofundam a concepção da direcção colectiva e do trabalho colectivo, reforçam a flexibilidade da organização.

Todo o trabalho realizado dá confiança em que o XII Congresso será um **grande Congresso inovador e renovador.** É porém necessário desfazer um equívoco que alguns procuram criar, como se o nosso XII Congresso fosse o Congresso constitutivo de um novo partido e não o Congresso de um partido com uma longa história, com a sua riquíssima experiência, com uma forte presença em toda a vida nacional.

Muita coisa há a melhorar, a modificar, a corrigir, a transformar, a reforçar, a desenvolver, a renovar. Mas melhorar, modificar, corrigir, transformar, desenvolver e renovar um grande partido comunista.

A nossa Festa testemunha que o PCP, aberto para a vida, atento às novas situações e aos novos fenómenos, examinando e definindo criativamente a sua orientação, preparando agora o seu XII Congresso que será sem dúvida inovador e renovador, apelando aos militantes para participarem democraticamente na elaboração das decisões, não só afirma ser como é de facto (e estas são algumas das características que constituem a sua própria identidade como partido), **o partido da classe operária e de todos os trabalhadores, um partido marxista-leninista, um partido cuja democracia interna não tem paralelo em qualquer outro partido português, um partido patriótico e internacionalista — em resumo, um partido comunista cuja política e cuja acção são conformes**





com a própria razão da sua existência, com o glorioso nome de comunista que é o seu.

Partido da classe operária e de todos os trabalhadores

Somos o partido da classe operária e de todos os trabalhadores.

Se é certo que a aplicação das conquistas da revolução científico-técnica à produção, as novas tecnologias, a automatização, a computadorização e a robotização modificam a composição e alargam os limites da classe operária (e essa realidade impõe a alteração de critérios de classificação social), não é menos certo que a classe operária, longe de estar em vias de desaparecer como apregoam alguns ideólogos do capitalismo, continua a ser a classe de vanguarda da transformação social.

O PCP é um partido cuja natureza de classe se afirma nos objectivos, na ideologia, na composição social (mais de 100 mil militantes operários) na estrutura orgânica, no trabalho de massas.

Mas é também o partido que mais firme e constantemente defende na acção os interesses de todas as classes e camadas laboriosas da população — do campesinato (pequenos e médios agricultores), dos intelectuais, dos quadros técnicos, dos artesãos, dos pequenos e médios comerciantes e industriais, de todas as classes e camadas antimonopolistas.

Muitos milhares de portugueses e portuguesas das mais variadas origens sociais militam nas fileiras do nosso Partido e nas fileiras do nosso Partido não há distinção de classes, não há deveres sem direitos nem direitos sem deveres, e direitos e deveres são iguais para todos.

A campanha contra o nosso Partido insiste em multiplicar as pressões para que o PCP abandone a sua natureza de classe e a sua política de classe; insiste em procurar provocar dentro do Partido desconfianças, contradições, oposições e se possível fracturas entre operários e intelectuais.

É oportuno aqui declarar que o Partido, todo o Partido, todos os trabalhadores militantes do Partido sentem legítimo orgulho dos intelectuais comunistas, do seu importante papel na luta de libertação da exploração e opressão capitalistas, da sua riquíssima contribuição, não apenas com a sua actividade política, mas também com os seus conhecimentos, o seu saber e a sua arte, com a afirmada identificação do seu ideal com o ideal revolucionário dos trabalhadores.

Bastá olhar atentamente em volta nesta nossa Festa para detectar o que os intelectuais são no Partido e também o que o Partido é para os intelectuais, além do mais porque o ideal libertador dos comunistas comporta a libertação da inteligência, da ciência e da arte de mil e um condicionamentos, limitações e pressões que sobre elas exerce a sociedade capitalista.

O ideal comunista corresponde aos interesses, às necessidades e às aspirações mais profundas e sentidas da maioria esmagadora da população.

Quando se diz que o comunismo é a juventude do mundo, expressa-se uma ideia de profundo conteúdo: que o ideal comunista é na história da humanidade e nos nossos dias o que há de mais novo, de mais inovador, de mais promissor, de mais confiantemente voltado para o futuro. Assim como a juventude é o futuro da vida, o comunismo é o futuro dos povos.

Partido marxista-leninista

Somos um partido marxista-leninista.

O marxismo-leninismo, com o seu método dialéctico, habilita à observação da vida, das novas situações, dos múltiplos fenómenos que não foram previstos e entretanto aparecem no caminho dos povos com o valor de indelével realidades. O marxismo-leninismo estimula e inspira a observação, a análise objectiva e a criatividade. A teoria marxista-leninista é não só o contrário mas o oposto a ideias petrificadas e ao espírito dogmático.

Na época do imperialismo não se pode ser marxista se não se é leninista. Quem rejeite o legado teórico de Lênine não pode a justo título afirmar-se marxista.

Para aqueles que proclamam que a Revolução de Outubro deixou de ser uma força propulsora do processo revolucionário e que o leninismo foi ultrapassado pela vida e pelo pensamento teórico e se tornou obsoleto, a «perestroika» em curso na União Soviética constitui uma nova e exaltante comprovação da validade e actualidade do pensamento de Lênine e da inspiração teórica, revolucionária e criativa que o marxismo-leninismo comporta.

Este século XX que está próximo de terminar, século marcado pela viragem histórica resultante da Revolução de Outubro, da instauração do poder dos trabalhadores, da construção de uma nova sociedade sem exploradores nem explorados, pela derrocada do colonialismo, pelos passos gigantes do processo revolucionário de libertação dos trabalhadores e dos povos, ficará também marcado, no plano ideológico, pela comprovação na vida do carácter científico do marxismo-leninismo e também da sua força material por ter ganho a consciência de vastíssimos sectores da Humanidade.

Partido com profunda democracia interna

Somos um partido cuja democracia interna não tem paralelo em qualquer outro partido português.

Temos uma só orientação geral. Temos uma só direcção central. Mas a orientação geral e a direcção central assentam na profunda democracia da vida partidária interna.

A democracia interna no Partido não se resume à existência de normas que a definem. Resulta de profundos conceitos acerca dos direitos, do valor e da contribuição dos indivíduos, da necessidade de compreender e apreender opiniões diferentes e eventualmente divergentes.

A democracia interna no PCP conta entre as suas características essenciais o trabalho colectivo, a valorização da intervenção criativa de todos e de cada um, a concepção de que o Partido é um grande colectivo em que homens, mulheres e jovens, com a sua opinião e vontade decidem da orientação e da prática do Partido, e decidem também de quem são os seus dirigentes a todos os níveis.

E, apesar do nosso orgulho na democracia interna existente, entendemos que é necessário aperfeiçoá-la e aprofundá-la, corrigir o que for de corrigir onde se manifestam situações e tendências que infrinjam os princípios democráticos. Para isso não temos que ir buscar soluções aos conceitos burgueses de tipo parlamentarista. Não temos de aceitar, antes temos de contrariar, certas atitudes que, em nome da democracia, procuram antidemocraticamente impor como facto consumado no Partido propostas que fazem e não são aceites.

Assim, como exemplo, todos os militantes sem excepção têm pleno direito de expressarem as suas opiniões, de discordarem, de criticarem, de proporem. Mas não têm o direito de constituírem grupos e fracções à parte da organização, de realizarem reuniões secretas e secretamente estabelecerem planos de actuação, de como grandes senhores exigirem contas de tudo e a todos mas não darem contas a ninguém, de passarem para os seus grupos e mesmo para uso de órgãos de comunicação social que conduzem a campanha contra o Partido, informações e opiniões tendenciosas acerca do que se passa em reuniões internas do Partido.

Tudo estamos fazendo para que seja assegurada e aprofundada a democracia interna no Partido, para que as decisões do Partido sejam obra de todo o Partido, de todos os militantes. E por isso estamos certos de que o XII Congresso, pela vontade do grande colectivo partidário, confirmará que o PCP não quer ser um partido minado por grupos e grupinhos, dividido por plataformas contrárias, pelo confronto de chefes e candidatos a chefes em luta uns contra os outros, mas quer ser sim um partido revolucionário, um partido unido, um partido cuja vida é delineada pelo trabalho, as ideias, a acção comum do nosso grande e fraternal colectivo.

Certamente, o XII Congresso não será, como alguns gulosamente gostariam que fosse, uma espécie de parlamento burguês, com vários partidos à bulha. O XII Congresso, no qual o funcionamento democrático é assegurado, será a expressão final da vontade, das opiniões, da contribuição de todo o nosso grande colectivo partidário que já começou a participar e participará activamente nos debates que desde agora se vão realizar nas organizações.

O XII Congresso será a expressão deste Partido profundamente democrático que somos e que queremos continuar a ser.

PCP**Partido patriótico e internacionalista**

Somos um partido patriótico e internacionalista.

Partido patriótico porque, partido da classe operária e dos trabalhadores portugueses, partido do povo em cujos interesses se identificam os interesses do país, somos os mais coerentes e firmes defensores dos interesses nacionais, da soberania e independência nacionais, e por isso nos opomos à política de capitulação nacional do Governo PSD de Cavaco Silva, à submissão dos interesses portugueses aos interesses dos países mais desenvolvidos da CEE e das multinacionais.

A nossa luta patriótica desenvolve-se na acção política geral do Partido, nas lutas populares, nas atitudes assumidas em todas as situações concretas, na actividade do Grupo Parlamentar Comunista na Assembleia da República e dos deputados do PCP no Parlamento Europeu que aí erguem a mais portuguesa das vozes portuguesas em defesa dos interesses de Portugal.

Toda a luta do PCP tem sido e é **uma luta ao serviço do povo português e da pátria portuguesa.**

Mas somos também simultaneamente um partido internacionalista, porque entre os trabalhadores de todos os países existe no fundamental uma identidade de interesses, que constitui a base do internacionalismo proletário, da cooperação e da solidariedade recíproca.

Aqui, conosco na nossa Festa, estão numerosas delegações de partidos irmãos e de jornais amigos, que com a sua presença, a sua participação, a sua solidariedade, nos trouxeram fortes motivos de alegria e novos estímulos para a luta que travamos.

Queremos aqui confirmar que estamos profundamente reconhecidos e que todos podem estar certos de que **pela nossa parte somos também para com eles activamente solidários.**

Saudações e solidariedade

Sem esquecer nenhum e abrangendo todos no nosso reconhecimento e abraço fraterno, permiti que aqui refira algumas situações e acontecimentos que adquirem actualmente particular relevo na vida internacional.

Antes de mais, a «perestroika» — reestruturação em curso na União Soviética, complexo e audacioso processo revolucionário que combate e supera erros e fenómenos negativos, acelera o desenvolvimento socioeconómico, procede à reorganização criativa do processo produtivo e dos sistemas de gestão, aprofunda a democracia no Estado, no partido e na sociedade, promove a intervenção criativa das massas em toda a vida social e toma medidas para garantir de novo a plenitude do poder dos soviéticos, do poder dos trabalhadores.

Aqui saudamos os camaradas soviéticos pela obra revolucionária que estão realizando e saudamos também os camaradas de todos os outros países socialistas, poderosas fortalezas dos povos e da libertação humana, nas quais, nas condições mais diversas, se constrói a nova sociedade cujos traços distintivos essenciais e comuns são o poder dos trabalhadores e a liquidação da exploração do homem pelo homem.

Creio ser justo referir de entre os nossos convidados, porque é a primeira vez que aqui o temos conosco na nossa Festa, o Partido Comunista da China.

Saudamos com sentimento de igual fraternidade todos os outros camaradas e amigos de partidos comunistas e operários e partidos, frentes e movimentos progressistas convidados na nossa Festa, expressando a nossa solidariedade para com a sua luta contra o imperialismo, contra ditaduras fascistas e reaccionárias, contra o colonialismo e o neocolonialismo, contra o racismo e o *apartheid*, pela liberdade, a democracia, o progresso social, a independência nacional, o socialismo e a paz.

Mandela nas prisões dos racistas sul-africanos, Kutlu e Sargin nas prisões da ditadura turca estão sempre na nossa lembrança de revolucionários e é permanente o nosso contributo à luta pela sua libertação.

Falando da Europa na qual Portugal se situa, por muitas dificuldades que os partidos comunistas atravessarem em alguns países capitalistas europeus, são os comunistas e não os defensores do capital, os únicos portadores de soluções para os problemas, de perspectivas de desenvolvimento social e político e de um projecto de uma nova sociedade conforme com os interesses vitais dos povos respectivos. É necessário combater a intensa propaganda que procura fazer crer que o movimento comunista entrou num «declínio irreversível» na Europa capitalista. Um tal combate impõe não só que cada um de nós, que cada partido comunista, se reforce no seu próprio país, mas também que **todos nós forcemos a nossa solidariedade recíproca e a nossa cooperação, ultrapassemos o exclusivo ou quase exclusivo relacionamento bilateral e empreendamos encontros multilaterais que a vida mostra serem necessários para a análise rigorosa das situações, para a definição de objectivos comuns e para iniciativas comuns de actuação.**

Os partidos políticos ao serviço do capital de há muito organizaram formas de cooperação regular entre si. Nada justifica que os comunistas o não façam.

Por isso o nosso Partido se pronuncia **pelo reforço da coesão do movimento comunista, por um maior dinamismo nas formas diversas de iniciativa, cooperação e acção comum, ao mesmo tempo que se pronuncia pelo diálogo, entendimento e unidade das forças democráticas e pacíficas de todo o mundo.**

A solução política dos conflitos regionais

Na presente situação internacional assumem particular importância os processos negociais em curso para a solução



política e pacífica de conflitos regionais, processos inseparáveis da heróica luta dos povos, da política de paz da URSS e outros países socialistas e dos passos dados no caminho do desanuviamento e do desarmamento.

Negociações implicam concessões recíprocas e compromissos. Mas uma coisa é certa: **as soluções políticas e pacíficas de conflitos regionais só serão soluções efectivas na medida em que os acordos sejam cumpridos por todos, em que não sejam ultrapassadas as linhas de segurança de cada povo e seja garantido o direito de cada povo decidir sem ingerências externas do seu próprio destino.**

Na **África Austral**, estão a ser dados importantes passos para uma solução política da grave situação existente, para a retirada total das forças invasoras sul-africanas do território angolano, para a independência da Namíbia, para a intensificação e o êxito da luta contra essa aberração humana que é o *apartheid*.

Aqui expressamos ao MPLA e ao povo angolano, a nossa inteira solidariedade, assim como à SWAPO que dirige a luta do povo da Namíbia, ao ANC que dirige a luta libertadora contra os racistas de Pretória, a Cuba revolucionária pelas provas dadas nessa emergência da sua elevada solidariedade internacionalista.

Dentro de poucos dias partirá para Angola, a convite do Comité Central do MPLA, uma delegação do nosso Partido constituída pelos camaradas Octávio Pato, Carlos Costa e Albano Nunes. Estamos certos de que essa visita marcará com êxito um novo momento das relações fraternais de amizade e cooperação existentes desde sempre entre o PCP e o MPLA.

Saudando o MPLA é oportuno saudar por razões óbvias os camaradas do Partido FRELIMO de Moçambique, PAICV de Cabo Verde, PAIGC da Guiné-Bissau, MLSTP de S. Tomé e Príncipe, assim como os camaradas da FRETILIN cuja luta pelo reconhecimento do direito do povo de Timor Leste, ocupado pelas tropas indonésias, à autodeterminação e independência o nosso Partido apoia inteiramente.

No **Próximo Oriente** o levantamento palestino nos territórios ocupados, mostra bem que os sionistas e o imperialismo não conseguiram nem conseguirão jamais esmagar a luta heróica de um povo que luta pelo seu justo direito a constituir um Estado independente na sua própria terra. Saudações fraternais à OLP assim como aos outros partidos e forças progressistas do mundo árabe aqui presentes na nossa Festa. Registe-se como facto positivo o cessar-fogo na guerra do Golfo.

Na **América Central e Caraíbas** prosseguem processos de negociação ao mesmo tempo que a Nicarágua mantém firme a sua opção ante as ameaças imperialistas e a luta continua em El Salvador e Panamá.

Na **América do Sul**, treme no Chile a ditadura de Pinochet sob a pressão da resistência popular. Saudações fraternais dos comunistas portugueses aos representantes dos partidos dos países latino-americanos.

No **Afeganistão**, os acordos de paz constituem importante passo para a solução política de guerra, mas é preciso que cesse a criminosa violação dos acordos por parte do Paquistão e do imperialismo. Expressamos a nossa solidariedade activa ao Partido Popular Democrático e ao povo do Afeganistão.

No **Sudeste Asiático**, onde também estão em curso encontros para uma solução política, desejamos aos nossos camaradas do Kampuchea, assim como aos seus irmãos de combate vietnamitas e laocianos, completo êxito da sua justa causa.

Referimos alguns. Não esquecemos nenhum. De nenhum partido, de nenhum país. Todos estão no nosso coração de revolucionários e companheiros da mesma luta, que é diferente em cada país, mas que se insere num mesmo processo universal.

A luta de libertação dos trabalhadores e dos povos do mundo visando a transformação do mundo, o fim da exploração, da opressão e das injustiças e desigualdades sociais, será sem dúvida demorada, complexa e acidentada. É porém irreversível.

O futuro da humanidade é a liberdade, a democracia, o progresso social, a independência dos povos, o socialismo, o comunismo e a paz.

É esta a convicção profunda e a razão de ser e da luta dos comunistas portugueses.

A luta pela Paz

De todos os grandes objectivos da luta dos comunistas, conta-se um **objectivo central e universal, que respeita a toda a Humanidade: a luta pela Paz.**

Graças essencialmente à política, propostas e iniciativas de paz da União Soviética e à sua nova dinâmica inseparável da «perestroika», graças à política de paz dos países socialistas, à luta heróica dos povos contra o imperialismo e na defesa dos seus justos direitos e a vastos movimentos pacifistas, foram dados passos importantes no sentido do desanuviamento e do desarmamento.

Se compararmos a situação actual com a situação existente alguns anos atrás é uma evidência que o imperialismo não conseguiu alguns dos objectivos que se propunha e anunciava: alcançar a supremacia militar sobre os países socialistas como instrumento para restaurar a sua hegemonia mundial, intensificar a cruzada contra os países socialistas, abafar pela agressão, a intervenção armada, o terrorismo de Estado, o boicote económico, o estrangulamento financeiro, a histeria da campanha de diversão ideológica equipada com poderosos e sofisticados meios, a luta dos povos pela liberdade, a independência nacional e o progresso social.

Tem particular significado e constitui forte estímulo à confiança dos povos, o facto de, em vez da prevista corrida vertiginosa a novas armas nucleares se estar verificando, como resultado dos acordos URSS/Estados Unidos, a destruição de mísseis nucleares com potência bastante para destruir cidades inteiras.

Só ingénuos podem supor que o imperialismo perdeu a sua natureza agressiva. Os perigos diminuíram mas não foram afastados. Por isso é **imperioso continuar e desenvolver a luta pela paz, com objectivos que são universais e com objectivos concretos relativos a cada país.**

Luta pela paz que para os portugueses significa por um lado a luta pelos objectivos que são de todos os povos, e, por outro lado, a luta para que o Governo português adopte uma política patriótica de paz e cooperação com todos os países; a luta por uma política de defesa nacional que não se traduza na mera integração das forças armadas portuguesas em planos estratégicos da NATO; a luta contra a estadia, trânsito e utilização por armas nucleares do nosso território, das nossas águas, do nosso espaço aéreo; a luta pela declaração de regiões desnuclearizadas; a luta contra o alargamento do Campo de Tiro de Alcochete (em prejuízo da Reserva Natural do Estuário de Tejo) e contra a instalação em Almodôvar de uma estação de rastreio de mísseis, instrumento do armamento do cosmos.

Os povos não podem descansar com os passos já dados no sentido da Paz. É nosso dever continuar, reforçar e alargar a luta pela Paz.

Saudações finais

Para terminar, ainda algumas breves palavras.

As primeiras dirigidas às **mulheres**. Esta festa é também obra sua, não menos sua que dos homens. A participação massiva de mulheres mostra que as mulheres sentem bem que esta é a festa de um partido que luta e continuará sempre lutando contra as discriminações e injustiças de que as mulheres são vítimas e pela emancipação da mulher, pelo reconhecimento efectivo da igualdade de direitos do homem e da mulher.

Também algumas palavras aos **jovens**.

Obra do Partido, a Festa do «Avante!» é também obra da juventude. Milhares de jovens trabalharam no duro para que ela se realizasse. Na Festa brilha, numa firmamento autónoma e criativa, a Cidade da Juventude, realização da Juventude Comunista Portuguesa (a JCP). Mas toda a Festa é da juventude e a Festa do «Avante!» é sem dúvida a maior festa da juventude que se realiza em Portugal. E com um particular significado, — porque, se há em Portugal um partido que esteja com a juventude e no qual a juventude esteja, que defenda os interesses da juventude, que reconheça a juventude como força social com uma intervenção própria na sociedade, que estimule nos jovens a vontade própria, a afirmação própria, a opção própria, a maneira própria de compreender a vida e de viver, que apele não à obediência e ao seguidismo, mas à liberdade, à criatividade, num quadro de saúde, de alegria, de convívio fraterno e de amor — esse partido é o Partido Comunista Português.

As últimas para os Pioneiros de Portugal e para todas as crianças.

Têm na Festa não apenas um canto. Toda a Festa é também para elas. Estão bem aqui as crianças, era necessário que estivessem, porque para elas e para nós é uma alegria e porque esta é a Festa de um partido que luta e prepara um futuro feliz para as crianças portuguesas. Obrigado a todas as crianças pela sua participação.

Dentro de poucas horas a Festa do «Avante!» terminará. Foram três grandes dias. Um banho de liberdade, de democracia, de fraternidade e confraternização, um banho de Abril.

A Festa de 1988 termina dentro de poucas horas. De novo ressurgirá, como poderosa afirmação de que o povo quer viver Abril e viver Abril com o Partido Comunista Português.

**Viva a Festa do «Avante!»!
Viva a unidade dos trabalhadores!
Viva a unidade dos democratas!
Viva Portugal de Abril!
Viva o Partido Comunista Português!**

Nacional

6,4% recusados nos CTT

● Previstas formas de luta

Com plénarios marcados para anteontem, terça-feira, em vários pontos do País, os sindicatos dos Correios (CTT) continuam a reclamar, instantaneamente, o prosseguimento das negociações de revisão do acordo de empresa (AE), recusando os 6,4 por cento de aumentos na tabela salarial, que o Governo e a administração pretendem impor este ano.

A comissão negociadora sindical (CNS), formada por vários sindicatos, incluindo a Federação das Comunicações e Telecomunicações (FCT), reivindica «tabelas salariais dignas» e «revisão

justa de todas as outras matérias». Ao mesmo tempo que anuncia a intensificação da luta, a CNS acusa a administração dos CTT e o Governo de «apostarem no conflito».

Na sessão de negociações do passado dia 7, a administração dos CTT «não evoluiu da posição já apresentada à mesa das negociações no dia 2, ou seja, manteve todas as matérias sem qualquer alteração», afirma a CNS, com a qual a direcção dos CTT pretende assinar um acordo na base dos 6,4 por cento que os sindicatos continuam a rejeitar.

A CNS acrescenta que tem mantido no processo de negociações «uma grande capacidade e disponibilidade negociadora», contrastando com «a posição intransigente e de boicote negocial» manifestada pela administração dos Correios.

Os plénarios de trabalhadores dos CTT destinados, segundo o previsto, a adoptar formas de luta, estavam marcados para anteontem, dia 13, em Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Leiria, Beja, Bragança, Mirandela, Portalegre, Castelo Branco, Vila Real e Viseu.

Estes plénarios seguem-se

a outros realizados no passado dia 2 por dirigentes e delegados sindicais, em Lisboa e no Porto, este último em conjunto com o Sindicato dos Telefonistas do Norte.

Além da FCT, do SNTCT e Sintel, fazem parte da CNS, que reclama a «continuação das negociações» e a «conclusão de um acordo justo, negociado e não imposto», os Sindicatos dos Engenheiros Técnicos do Norte; dos Agentes Técnicos de Arquitectura e Engenharia; e dos Enfermeiros Portugueses (SEP).

A CNS apela à unidade na luta para vencer.



A Cometna vai desaparecer?

Sob o título «Cometna vai ser destruída?» as ORTs (organizações representativas dos trabalhadores) desta grande empresa metalomecânica acusam a nova administração recentemente nomeada pelo Governo (a fábrica é do sector público) de ter tomado nas últimas semanas várias medidas que apontam para o desaparecimento desta empresa através da alienação do seu património». Os trabalhadores da Cometna, que têm uma forte experiência de luta (foto de arquivo), marcaram uma conferência de imprensa para divulgação do caso a que daremos o relevo necessário na próxima edição do «Avante!»

Há mulheres a trabalhar 16 horas dia e noite

A Comissão Nacional de Mulheres da CGTP revelou recentemente que há pessoal feminino com horários de 16 horas por dia e a trabalhar de noite.

Aquela Comissão, que se reuniu na passada quinta-feira em Lisboa, analisou a «proibição do trabalho nocturno das mulheres na indústria»

e constatou, nomeadamente, que «há mulheres trabalhadoras de noite sem qualquer compensação, com horários que chegam a atingir 16 horas diárias, sem transporte para os locais de trabalho e para casa, sem estruturas sociais de apoio à família, sem condições de higiene e segurança no trabalho».

Isto passa-se em Portugal, principalmente nos sectores têxtil, indústrias eléctricas e metalurgia, «na maioria dos casos com a convicção do Ministério do Emprego e da Inspeção-Geral do Trabalho», afirma aquela Comissão, que funciona no âmbito da CGTP-IN.

Recorde-se que há uma

convenção da OIT (Organização Internacional do Trabalho) ratificada por Portugal e que proíbe o trabalho naquelas condições.

Entre outras reclamações, a Comissão Nacional de Mulheres «exige que seja reposita a legalidade nesta matéria», salienta uma nota da CGTP.

Iniciativas no comércio

O plenário de sindicatos da FEPCES, que se reuniu em Leiria no passado dia 3, aprovou uma série de iniciativas para este ano e, entre outras decisões, «reclama medidas que assegurem aos bombeiros o direito de exercerem uma actividade preventiva e de fiscalização das condições gerais de segurança» dos estabelecimentos comerciais. De entre as iniciativas aprovadas pelo plenário da Federação dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços destaca-se um seminário sobre segurança social a efectuar no próximo dia 28 do corrente.

Ao referir-se à zona sinistrada do Chiado a FEPCES adianta; no que respeita à garantia dos postos de trabalho e aos salários, que «são muito insuficientes as medidas anunciadas pelo Governo».

Entretanto, o CESL (Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul) entregava no passado dia 7 a todos os líderes dos grupos parlamentares na Assembleia da República uma memorando sobre a situação em que se encontram os 1300 trabalhadores da zona atingida pelo incêndio de 25 de Agosto em Lisboa.

Segundo o memorando, «os trabalhadores não se conformam a ser relegados para e simplesmente para a situação de desempregados em consequência da tragédia que se abateu sobre Lisboa» e destacam que não estão esgotadas «as possibilidades de o Governo, a Assembleia da República e a Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito das respectivas competências, adoptarem medidas mais adequadas para ocorrer à situação criada».

Recorde-se que as medidas oficiais adoptadas até

agora não garantem salários nem postos de trabalho para além de 31 de Dezembro próximo.

Calendário de iniciativas

Além do seminário sobre Segurança Social, a realizar no próximo dia 28, em Lisboa, o plenário de sindicatos da FEPCES decidiu organizar, também na capital, no dia 17 de Dezembro de 1988 um Encontro Nacional de Trabalhadores Utilizadores de Informática.

Em Outubro, também des-

titucionalização do Mercado Único em 1992».

O plenário de sindicatos efectuado em Leiria pela FEPCES procedeu ainda a uma «discussão alargada sobre a acção reivindicativa». Segundo o departamento de informação daquela estrutura intermédia da CGTP, os resultados da acção reivindicativa mostram, à luz de vários dados, que «em 1988 os salários reais da maioria dos trabalhadores voltarão a diminuir».

De acordo com a FEPCES não existe para tal «qualquer justificação ou necessidade de natureza económica e social».

Como resultado da discussão desse assunto em plenário, a FEPCES vai diligenciar junto da CGTP para «promover ainda este Outono uma discussão alargada sobre a acção reivindicativa e a política de rendimentos, em todos os seus aspectos relevantes».

Para a CDU Escolha de Siza Vieira é derrota de Abecasis

Uma declaração dos vereadores apoiantes da CDU na Câmara Municipal de Lisboa caracterizou como acrobacia política a atitude do presidente da Câmara, ao anunciar, sozinho, que convidara o arquitecto Siza Vieira para a elaboração do Plano Geral de Recuperação da Área Sinistrada do Chiado. A escolha de Siza Vieira, que a CDU encara como motivo «de regozijo para todos os que sempre

defenderam, e defendem, que em Lisboa o camartelo deve ser substituído pelo cinzel» constitui, por outro lado, uma importante derrota do actual presidente da Câmara, que assim «se viu obrigado a convidar para o Chiado um arquitecto com conceitos de intervenção e de construção da cidade totalmente antagónicos daqueles que sempre defendeu e tem vindo a aplicar em Lisboa».

Açores

Encontro de candidatos CDU

No passado dia 10 de Setembro realizou-se no auditório do Rádio Clube de Angra, na Ilha Terceira, o Encontro Regional dos candidatos da CDU que concorre nos 9 círculos eleitorais, às eleições de 9 de Outubro para a Assembleia Regional.

No Encontro estiveram amplamente representadas as várias componentes políticas que integram a CDU (PCP, Partido «os Verdes», Intervenção Democrática e independentes).

Os participantes aprovaram, «o compromisso da CDU para o aprofundamento do papel político da Assembleia Regional dos Açores», que foi posto à discussão durante o Encontro.

A discussão em torno do documento decorreu de forma viva e participada, acabando por serem introduzidas alterações que o melhoraram significativamente.

Conforme é referido no documento, os candidatos da CDU que forem eleitos deputados comprometem-se perante os eleitores não só a desenvolver todos os esforços para contribuírem para uma mudança política na Região, como a apresentarem na próxima legislatura propostas orientadas em 4 linhas de acção distintas, e que são: «Pela defesa e valorização da autonomia constitucional», «Pelo relançamento da economia regional», «Por uma política social propiciadora do desenvolvi-

mento» e «Pela dignificação da Assembleia Regional».

O Encontro definiu também os objectivos eleitorais, que são:

1 - Aumentar a sua expressão eleitoral em toda a Região e em cada uma das Ilhas confirmando e acentuando a subida que tem tido em todas as eleições para a Assembleia Regional desde 1976.

2 - Aumentar o número de deputados eleitos pelas listas da CDU como forma de dar mais força e eficácia ao trabalho indispensável que desenvolve na Assembleia Regional, aprofundando assim a sua capacidade de intervenção no sentido de ser aprofundado o papel político da Assembleia Regional.

3 - Diversificar o número de Ilhas por onde elege deputados, à Assembleia Regional, como forma de contribuir para um maior equilíbrio político nas diversas Ilhas onde é importante, necessário e indispensável eleger deputados diferentes, porque mais activos, operativos, coerentes e intervenientes.

No final dos trabalhos seguiu-se um convívio onde actuou o Grupo de Teatro Amador da Covilhã e foi apresentado um documentário em vídeo sobre aspectos da agro-pecuária na Terceira, com apresentação e comentários do candidato dr. Vasco Reis.

Internacional

Relações internacionais do PCP

Delegação do PCP em Angola

Julgamos que tem importância o facto de a nossa visita a Angola se realizar num momento em que as tropas da África do Sul já foram forçadas a abandonar o território da República Popular de Angola e quando, ao mesmo tempo, se desenvolvem perspectivas reais de uma solução pacífica para os problemas, não apenas de Angola, mas da independência

da Namíbia, com tudo o que isto significa para os povos da África Austral.

As palavras são de Octávio Pato, da Comissão Política do PCP, na passada terça-feira, no momento da partida para Luanda numa delegação do PCP que integra também Carlos Costa, da Comissão Política e Albano Nunes, do Comité Central e responsável da Secção Internacional do PCP.

O camarada Octávio Pato afirmou ainda na ocasião que a visita, que se efectua a convite do Comité Central do MPLA - Partido do Trabalho, se enquadra «nas relações de amizade e solidariedade recíprocas que desde há muito existem entre o PCP e o MPLA - Partido do Trabalho» e que remota «à luta comum contra a ditadura fascista e contra a dominação colonial».

Octávio Pato sublinhou que «o desejo dos comunistas portugueses - e estamos certos, da esmagadora maioria do povo português - é o de que se encontre uma solução justa que corresponda aos interesses dos povos da região, que reforce a independência de Angola garantindo a paz que o povo angolano bem merece e que lhe permita reconstruir a sua economia e assegurar o seu próprio progresso».

O dirigente comunista referiu também que os comunistas portugueses desejam que «as relações entre os dois Estados - Portugal e RPA - se reforcem no interesse dos dois povos e sem interferência nos assuntos internos dos respectivos países».

Não Alinhados apelam à paz

Terminou entretanto, no domingo, em Nicósia, a con-

ferência de ministros dos Negócios Estrangeiros dos Países Não Alinhados, com a firme condenação do colonialismo, terrorismo e política racial e um apelo à paz.

A Declaração final da conferência condena a política do *apartheid* da África do Sul, bem como a ocupação militar sul-africana da Namíbia.

Aquele documento critica ainda a política de «punho de ferro» de Israel nos territórios árabes ocupados e «as arbitrarias prisões em massa, tortura, deslocamento de pessoas, expulsões e destruições de casas». No que se refere à América Latina, a Declaração manifesta o apoio do Movimento ao regime sandinista da Nicarágua e critica a política dos EUA no continente.

A Conferência decidiu ainda, entre outras coisas, eleger a Jugoslávia para a nova presidência do Movimento dos Não Alinhados.

Recusa do visto para Frente Polisário estar na Festa do «Avante!»

O PCP não pode deixar de chamar a atenção da opinião pública para o facto da delegação da Frente Polisário ter sido impedida de entrar em Portugal para participar na Festa do «Avante!».

A Frente Polisário, não tendo obtido o visto em Argel, solicitou ao PCP a intervenção para poder entrar em Por-

tugal.

Após as necessárias diligências por parte do PCP e após garantias governamentais de que o delegado da Frente Polisário poderia entrar, é, no mínimo, um acto de hostilidade para com o PCP e os seus convidados, que não dignifica o País, independentemente das responsabilidades de quem decidiu impedir

a entrada da delegação da Frente Polisário.

O PCP responsabilizou-se de forma clara e inequívoca pela entrada em Portugal dos seus convidados, pelo que nada justifica semelhante acto.

12.9.88

A SIP do PCP

40.º Aniversário da Coreia do Norte

O camarada Jaime Serra, membro da Comissão Política e do CC do PCP, visitou a República Popular Democrática da Coreia de 9 a 11 de Setembro, onde representou o PCP nas comemorações do 40.º aniversário da fundação da RPDC.

Na ocasião, o CC do PCP enviou ao CC do Partido do Trabalho da Coreia a seguinte mensagem:

Queridos Camaradas,
Por motivo das celebrações do 40.º aniversário da fundação da República Popular Democrática da Coreia, o Comité Central do Partido Comunista Português envia ao Comité Central do PTC, e por seu intermédio a todos os comunistas e ao povo trabalhador da Coreia socialista, as calorosas e fraternais saudações dos comunistas portugueses.

Ao fazê-lo temos presente a longa e dura luta do povo coreano pela independência e soberania da sua pátria e em particular os enormes sacrifícios consentidos na luta de libertação contra a ocupação japonesa e durante a guerra desencadeada pelo imperialismo norte-americano com o objectivo de destruir a RPDC, livre, independente e socialista. Temos presente as realizações e conquistas históricas do socialismo no norte da Coreia, fruto do trabalho pacífico e laborioso do seu povo, sob a direcção do PTC e do seu presidente, camarada Kim Il Sung. Temos presente a corajosa luta do povo do Sul da Coreia pela liberdade, a democracia e a reunificação da sua pátria.

A fundação da RPDC constitui um acontecimento de grande importância e significado para o povo coreano, para o movimento comunista e operário internacional, para todos os povos que lutam pela sua libertação. Ao longo dos 40 anos da sua existência a RPDC, enfrentando firmemente as ameaças do imperialismo, afirmou-se como um importante factor de progresso social e de paz. Ao associarmos-nos às celebrações da histórica data de 9 de Setembro, queremos desejar-vos os maiores sucessos nas tarefas de edificação da sociedade socialista e confirmar-vos a activa solidariedade dos comunistas portugueses para com a luta dos comunistas, dos patriotas e do povo da Coreia pela reunificação pacífica e independente da sua pátria e pela paz na região.

No plano internacional, registaram-se nos últimos tempos importantes progressos no sentido do desanuviamento, do desarmamento e do afastamento da ameaça nuclear, progressos resultantes em parte decisiva da activa e persistente política de paz da URSS e dos países socialistas. Entretanto os círculos mais reacçãoários do imperialismo resistem tenazmente e procuram impedir uma viragem real no clima internacional.

A situação criada na Península da Coreia pela política militarista e agressiva do imperialismo norte-americano constitui uma ameaça particularmente perigosa para a paz a que é necessário pôr termo

com a maior urgência. O PCP condena firmemente uma tal política de ameaça e confrontação, exige a retirada das bases militares e das tropas dos EUA do Sul da Coreia, é solidário com os esforços do PTC e da RPDC para aliviar a tensão, eliminar o perigo de guerra, transformar a Península numa zona desnuclearizada e de paz. O PCP sempre esteve e estará ao lado do povo coreano na sua luta libertadora, certo de que a reunificação pacífica da Coreia, correspondendo aos mais profundos interesses e aspirações do povo coreano, é simultaneamente do interesse da causa da paz.

Queridos Camaradas,
Guiando-se pelos princípios do internacionalismo proletário, o PCP age invariavelmente pela unidade do movimento comunista internacional e pelo fortalecimento da cooperação de todas as forças revolucionárias e progressistas, factor fundamental do avanço da luta pelo progresso social e a defesa da paz.

Reiterando os votos dos maiores sucessos aos comunistas e ao povo coreano, expressamos a nossa vontade de fortalecer as tradicionais relações de amizade, cooperação e solidariedade existentes entre os nossos dois partidos, no interesse da causa comum do socialismo e da paz.

Viva o 40.º aniversário da RPDC!

Viva a amizade entre o PCP e o PTC!

Viva o internacionalismo proletário!



Visita a Portugal de um representante do PC da Grécia

A convite do Comité Central do Partido Comunista Português, visitou Portugal no dia 7 de Setembro o camarada **Orestis Kolozof**, membro da Comissão Política do Partido Comunista da Grécia, que manteve conversações com o camarada **Álvaro Cunhal**, secretário-geral do PCP, sobre questões relativas à situação internacional e às relações entre os dois Partidos.

As conversações decorreram no ambiente de fraternal amizade e cooperação que caracteriza as relações entre os dois Partidos e contribuíram para o reforço ulterior da sua cooperação.

Participou na entrevista também o camarada **Carlos Aboim Inglez**, membro do Comité Central do PCP.

Condolências ao PSUA

O Secretariado do Comité Central do PCP enviou ao Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha o seguinte telegrama de condolências:

Manifestando profundo pesar pelo falecimento do camarada Werner Felte, dirigente destacado do PSUA e da RDA, cuja vida foi consagrada aos ideais do socialismo, transmitimos sentidas condolências e expressamos aos comunistas e povo da RDA sentimentos de fraternal solidariedade dos comunistas portugueses.

O camarada Werner Felte era membro do Bureau Político e do Secretariado do CC do PSUA.

AVANTE! MILITAMOS DE TODOS OS MÉRITOS

«Uma grande esperança nasceu. Agora todos vêem que o acordo é possível. Pode-se pôr fim à mortandade. Pode-se pôr termo à guerra fria.

Em tal momento, exortamos solenemente os povos a exigirem dos seus governos que negociem e que procurem o entendimento.

Cabe a todos nós apoiar toda a iniciativa — de qualquer governo que seja — para resolver os conflitos por meios pacíficos. Cabe a todos nós fazer fracassar as acções dos que impedem ou retardam o acordo.

A Paz está ao nosso alcance. É preciso que a conquistemos.»

(«Do Conselho Mundial da Paz» - «Avante!», VI Série, n.º 180, Setembro de 1953)

Avante!
Proletários de todos os países UNÍ-VOS!

«Bento Gonçalves ensinounos, com o exemplo da sua vida, a não pôr limites à nossa dedicação ao Partido. Saibamos ser dignos de Bento Gonçalves, entregando toda a nossa vida, a actividade, os pensamentos, ao nosso Partido, à causa do nosso povo e do nosso país, à causa da revolução.

Bento Gonçalves ensinounos que os dirigentes do Partido devem saber ouvir a voz dos militantes e das massas, devem ser modestos e simples. Saibamos ser dignos de Bento Gonçalves, ligando cada vez mais a nossa actividade às massas exploradas e oprimidas, cumprindo dentro do Partido os princípios do centralismo democrático, convencendo antes que impondo, sendo modestos e simples.

Bento Gonçalves ensinounos a defender a unidade do Partido, lutando, quando em liberdade e no Campo do Tarrafal, contra todos os fraccionistas e divisores, e criando uma real camaradagem, amizade e confiança entre os quadros. Saibamos ser dignos de Bento Gonçalves, expurgando sem contemplações o Partido de todos aqueles que minem a unidade do Partido, criando no nosso Partido uma só e sólida vontade.»

(«Há Dois Anos, Foi Assassinado, no Tarrafal, Bento Gonçalves» - «Avante!», VI Série, n.º 61, 1.ª quinzena de Setembro de 1944)

AVANTE!

«O Governo anunciou a grande ofensiva contra o «mercado negro». Essa ofensiva traduziu-se na prisão de pequenos comerciantes e lavradores e na apreensão de escassas quantidades de produtos. O certo é que o governo procura desviar as atenções dos verdadeiros responsáveis da escassez, da alta dos preços e do mercado negro, que são os senhores dos Grémios e Juntas. Procura lançar o ódio popular, não contra o governo e organismos corporativos, mas contra os pequenos comerciantes e produtores.»

(«O Salazarismo Fomentador do Mercado Negro» - «Avante!», VI Série, n.º 94, Setembro de 1946)

Em Foco

Avante!

Ano 58 - Série VII
N.º 768

15 de Setembro de 1988

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



Mensagem de amizade, *XII* festa *Avante!* paz, cultura e arte



XII festa
Avante!

Ao cheiro do país



Por entre as muitas reflexões que ouvimos durante a Festa, e deixando mesmo de lado a que mais se fez ouvir e que o camarada Álvaro Cunhal, no comício de encerramento, viria também a sublinhar — eles pensavam que a gente nunca mais fazia uma festa assim —, uma outra se nos atravessou frequentemente ao caminho. «Mas que grande organização que isto é», dizia-se. Entretanto, estendida a festa no terreno plano do Infantado, sem os pontos de referência fáceis de encontrar na Ajuda, apenas com a torre do pavilhão central a guiá-los os passos e o mapa do programa a ajudar, como descobrir as organizações que trouxeram o País, mais uma vez, à Festa do «Avante!»?

Indo ao cheiro, pensámos. E assim fizemos.

Logo à entrada, virando à esquerda, **Setúbal** abria-nos as portas. Em verdadeira urbanização, que fez dos stands da organização daquele distrito entre Tejo e Sado, um dos mais belos conjuntos propostos à visita. Telheiros, casas, escadas, praticetas em harmonia. Sombras e esplanadas. Música. E o cheiro misturado do moscatel e do marisco, da caldeirada e do choco frito. E sobretudo um cheiro a fraternidade... O café da fraternidade foi, também em Setúbal, todos os dias, um amplo espaço de convívio, de música e de alegria, por entre uma discreta mas bem arrumada exposição política a mostrar a importância do distrito.

Daqui vemos os pavilhões da **Emigração**. Que também é país, apesar de longe. Ponto de encontro de emigrantes que dão uma saltada à Festa. Um cheiro de saudade, portanto. A exposição mostra as fotos de um trabalho que por cá falta. E as dos convívios dos portugueses

lá fora para amaciar saudades. E a luta. Pelos direitos. Destaque para a Carta dos Direitos do Emigrante que em 16 de Junho deu entrada na Assembleia da República por iniciativa do PCP.

E falando de distâncias e de proximidades: estamos de repente na **Madeira**. Se é difícil chegar a Loures em dias da Festa, mais o será para os que da Madeira chegam, atravessando o mar que os separa do continente. Hoje mete-se essa dificuldade nos «custos da insularidade». Mas antes do 25 de Abril e da autonomia regional que a revolução permitiu, tais custos eram mais elevados. E os comunistas continuam a lutar por uma verdadeira

autonomia e por uma verdadeira democratização das regiões insulares. Em tempo de eleições para as assembleias regionais, a CDU apresenta-se como força indispensável.

Do cheiro doce da Madeira passamos aos **Açores**. Aqui os camaradas tiveram mais sorte. Os pavilhões açorianos ficam rodeados não de mar mas, verdadeira ilha de sombra, de inúmeros visitantes que logo de manhã assentaram arraias e farnéis. Um pulo aos Açores foi assim fácil para muita gente, ao cheiro de um petisco, ao sonho de um convívio animado.

E agora, ala, atravessando devagar, que a gente é muita, a Cidade Internacional. Quem diria que va-

mos em direcção ao **Minho**. Mas o aroma do caldo verde atravessa a poeira da manhã. E é como se fosse uma manhã de romaria. Coações e malmequeres decoram e dão o tom popular da festa. Mantas de trapo, madeiras, cestos de Vianna. À volta das pipas de verde já os aficionados se juntam para o refresco. O mesmo se passa em redor das adegas e bares de Ponte de Lima, de Caminha, de Braga, de Guimarães.

E logo temos a surpresa. Aqui o Norte reuniu-se numa exposição que contempla e mostra as três regiões — o Minho, o Porto, Trás-os-Montes. A exposição abre com um poema de Brecht que fala do que

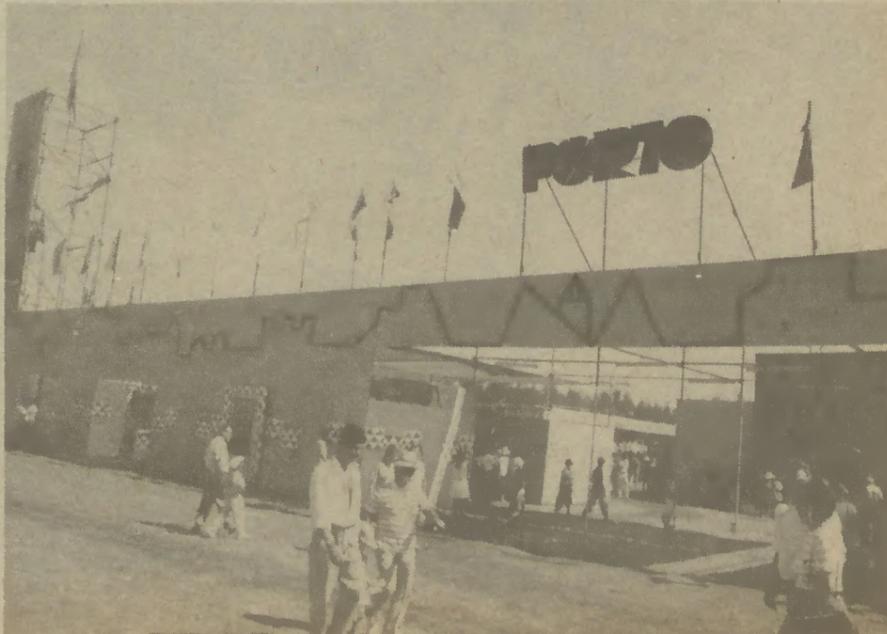
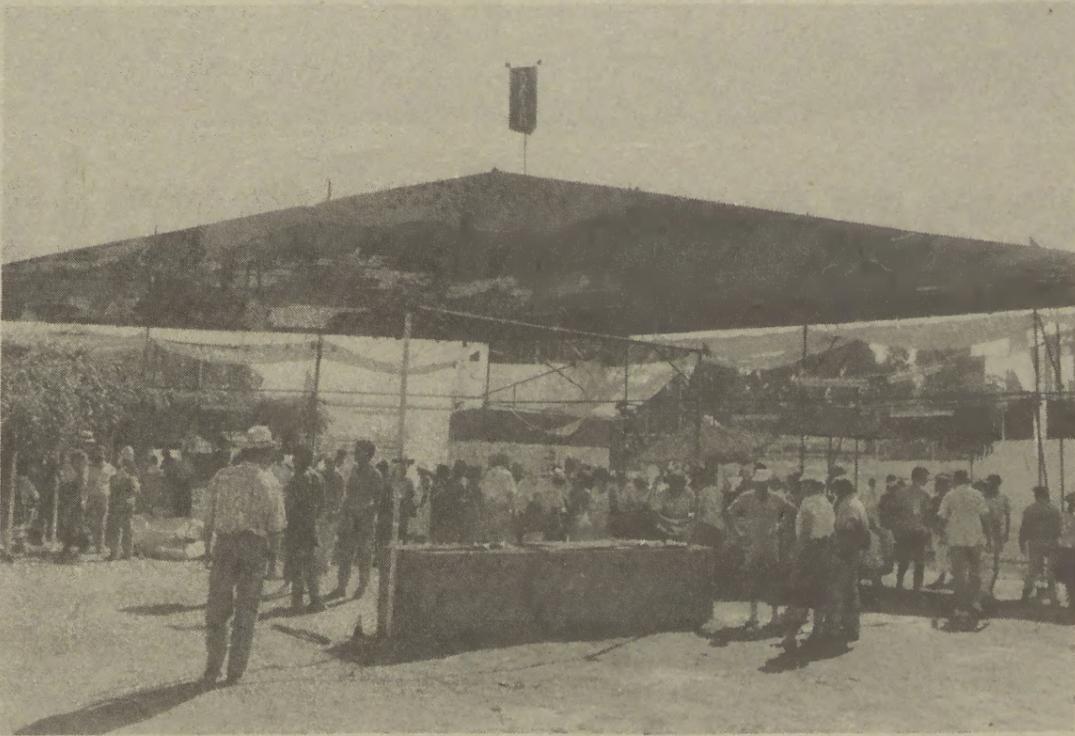
o Partido tem de indestrutível, vanguarda que é dos trabalhadores. Um Partido que se vai apresentando e ilustrando, nas fotos e nos cartazes, as lutas dos comunistas do Norte de Portugal, lutas gerais que se desenvolvem na realidade particular dos distritos abrangidos.

Chegamos ao **Porto**, onde pontifica o solar do vinho mais famoso do país. Uma grande discoteca anima esta zona, assim como o grande restaurante tripeiro, os stands dos vários concelhos.

Depois **Trás-os-Montes**. As pedras das montanhas não estão lá, mas desenharam-nas nas paredes dos stands. Odores: feijoadas, o cheiro forte da lã das mantas à venda. Vinhos generosos do Douro...

E agora, mesmo com a vossa estranheza, deixem-nos dizer que de Trás-os-Montes a **Santarém** é um pulo. O cheiro é outro aqui. Temos vitela à maior, que é como ela se apresenta melhor para as gentes da lezíria. Uma bem arranjada exposição política incide sobre vários temas — desde o Partido ao Poder Local, onde se pode ver com nitidez a influência dos comunistas e dos seus aliados na região. As manchas vermelhas das autarquias CDU sobem nos mapas, em direcção ao Norte. Temos ainda a Reforma Agrária. E aspectos críticos da situação social, da saúde, do turismo, do desenvolvimento da região. Uma torre encima toda a zona de Santarém, rodeada de pequenos stands de artesanato.

E agora o Sul. Do **Algarve** o cheiro a marisco. Montanhas de perceves e de camarão a tentar o gosto das caras delícias do mar, mas sem o imposto de turismo nem o ar sofisticado para inglês ver. Ali estamos em casa, num Algarve verdadeiro, entre os doces, a cestaria, os barros claros do Sul. A exposi-





ção põe o acento na regionalização, profunda aspiração da população algarvia.

A que cheira o Alentejo? A terra, diríamos nós. Chegados ao pavilhão central, aí se nos abre uma cidade clara de planície, portadas em arco, recortadas a branco. Ao alto, faixas da cor do trigo. E temos aqui Évora, património mundial, que se desenvolve harmoniosamente respeitando e valorizando o passado, sob a direcção de comunistas. O Alentejo não é, pois, apenas a terra da Reforma Agrária. Mas o **Não à lei do latifúndio**, palavras vermelhas traçadas numa parede da bela e simples exposição, é a palavra de ordem mais marcante desta representação alentejana que mostra um mapa das autarquias onde a CDU celebrou recentemente 14 vitórias por maioria absoluta nas 14 eleições realizadas em freguesias da região. No palco, vozes alentejanas celebram a unidade, o trabalho, o Partido. Terras de pão, gentes de paz, como se escreve no pórtico deste conjunto tão visitado.

E subamos à serra. Em tempo de calor, recordam-nos os incêndios na **Beira Interior**. E também os baldios que de novo querem roubar aos povos. No simpático conjunto da organização que engloba os distritos de Castelo Branco e Guarda, entre os aromas de queijo da serra e de enchidos, entre as mostras de artesanato — madeiras, adufes, a exposição oferece as imagens de um Partido em crescimento. Também ali. O gráfico dá conta da subida gradual mas firme do número de militantes que, no fim do ano passado atingia os 4444, uma capicua a dar sorte aos comunistas que, por outro lado, nas autarquias, juntamente com os seus aliados, têm 186 eleitos naqueles distritos.

E desçamos agora das serras para os lados do mar. Na **Beira Litoral** já são horas de almoço. Deixemo-nos um pouco ficar, fazemos fila num restaurante que oferece a

bom preço o leitão à bairrada, o esmuso da região. Depois um doce de Aveiro ou de Coimbra. E, em festa, ficamos a saber da luta dos agricultores do litoral beirão e ainda fica algum tempo para uma saltada à feira do vinho Viseu.

E aí vamos nós a descer, ainda pelo litoral, até chegar ao distrito de **Leiria**, onde cheira a forno e a pão quente, num passeio por entre a quermesse, os stands de vidros da Marinha Grande, as cerâmicas. Na exposição, construída na base de notícias da imprensa, as lutas dos trabalhadores da região e a mobilização organizada do Partido que recentemente ali realizou a 2.ª Assembleia da ORLEI.

Deixámos **Lisboa** para o fim, demos a volta completa ao país. A que cheira Lisboa?

O mais vasto dos conjuntos regionais abre-se em grandes espaços que vão dar à ribeira das naus como quem desce ao Tejo. Começa-se por Loures. E nem podia dei-

xar de ser, no concelho que nos acolhe para a grande Festa do «Avante!». E começa-se pelo lema que certamente será o do XII Congresso do PCP — «Por uma democracia avançada no limiar do século XXI». Trata-se de uma verdadeira cidade a conter um distrito. Quiosques, dois restaurantes centrais, artesanato, tómbolas, tavernas, o mercado de produtos agrícolas que vieram desde as lezírias de Vila Franca às hortas dos concelhos do Norte. O grande stand dos fornos de pão. O palco de Lisboa, raramente inactivo. E os grandes sectores de actividade da ORL — Transportes, Sector Público, Função Pública. E os grandes concelhos em redor da capital. E as cafetarias, os bares, as esplanadas. E a exposição que dá a ideia, em fotos e em vídeo, da actividade do PCP.

Chegámos ao fim. Trazemos já saudades desta festa.

■ LM



A Festa foi o pórtico Agora vamos ao Congresso!

Dias Lourenço chamou à Festa «o pórtico político e festivo do 12.º Congresso». A próxima reunião magna dos comunistas portugueses, marcada para os dias 1, 2, 3 e 4 de Dezembro no Porto, esteve presente em toda esta edição da Festa do «Avante!».

Foram distribuídos os projectos de Programa do PCP e de alterações aos Estatutos. As ideias-base foram amplamente divulgadas — nas exposições políticas do pavilhão central e das organizações, no colóquio com Vítor Dias e Carlos Carvalhas, no comício de domingo à tarde, nas conversas de camara-

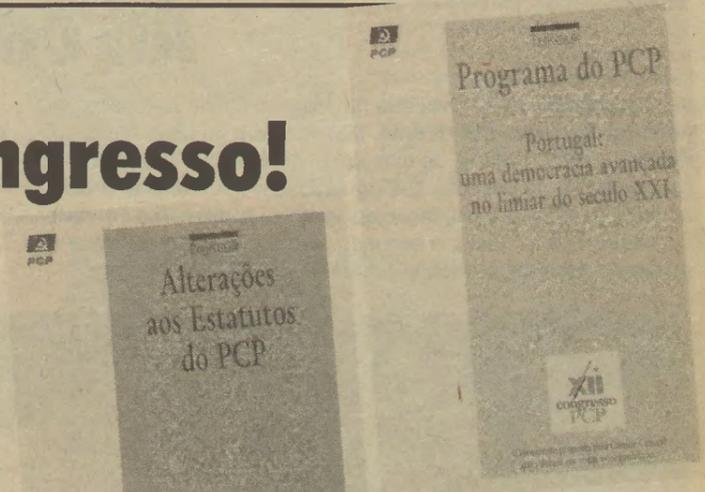
das e amigos um pouco por toda a cidade que erguemos na Quinta do Infantado.

Muita gente saiu da Festa já com os documentos do Congresso no saco, na mala, ou na mão e com o pensamento já virado para o momento importante que se aproxima na vida do PCP.

Mas este foi apenas o princípio.

Agora, com os projectos já nas organizações, por todo o País, há que alargar o conhecimento das propostas do Comité Central, há que promover a sua discussão, há que prosseguir o estudo e o debate.

Vamos a isso!



Já se encontram em distribuição em todo o Partido, os dois documentos aprovados pelo Comité Central para debate nas organizações. O Projecto de novo Programa e as Alterações aos Estatutos estão, portanto, à disposição de todos os militantes. O Regulamento para a preparação do Congresso já foi publicado no «Avante!». O debate vai, a partir de agora, desenvolver-se e organizar-se em todo o Partido



Com os clássicos violinos e algumas novidades

O «vira» ao ritmo dos violinos húngaros não será coisa comum. Mas aconteceu nesta nossa festa. Entre esses múltiplos pequenos pormenores que lhe dão forma e lhe traduzem a alegria. Marca também da fácil comunicação entre povos, quando é de expressão cultural que se trata. Uma das vias certas do co-

nhecimento e reconhecimento mútuo.

Tanta coisa acontecida nestes dois anos, dificilmente se poderia encontrar espelhada nas restritas dimensões e possibilidades da Cidade Internacional. Desta riqueza imensa de acontecimentos que de certo abrem caminho a novas reali-

dades no plano internacional, vê-se aqui e além o testemunho, nos diferentes stands da Cidade.

O histórico aperto de mão de Gorbachov e Reagan em Moscovo, carregado do simbolismo da ratificação do primeiro acordo de desarmamento nuclear. Os panos vermelhos cruzados da *perestroika* e da *glas-*



not no pavilhão da «Pravda», impulso revolucionário agora ainda em fase de arranque, que promete reforçar decididamente o socialismo, como sistema virado para o homem e para o futuro. Um saco cheio de postais, exigindo a libertação dos presos políticos na África do Sul.

Facetas diferentes de lutas de que jamais podemos ignorar a interacção dialéctica, sob pena de valorizar umas em detrimento das outras. Com inevitável perda de uma perspectiva histórica que construímos com esforços conjugados.

Entre a música popular e as bichas para petiscos — e para livros —, a palavra de solidariedade no stand do Chile, a lembrança que se procura de pavilhão em pavilhão, uma referência merecida ao dinamismo empenhado que se vivia no stand de Timor Leste, o diálogo, o

esclarecimento, a procura activa de solidariedade.

Novidades na nossa Festa — a presença da China Popular, pela primeira vez. Mas também, para nos cingirmos a exemplos poucos e diversificados, a participação múltipla dos comunistas espanhóis.

Factos que na verdade são também sintoma de todo esse processo que hoje vivemos, e de que somos protagonistas. A linha que conduz à paz — de par de uma imprescindível intensificação da luta dos povos, das lutas das massas trabalhadoras pelos seus interesses próprios — passa pelo reforço e reatar de laços de unidade entre forças progressistas, no seio da sociedade socialista, como no quadro do movimento comunista internacional. Unidade indestrutível, unidade dialéctica, das batalhas pela paz e o progresso social. ■



Uma exposição única em Portugal

Ali em cima é o cosmos

Já a exposição em si, pela sua riqueza, não tinha no nosso país nenhuma iniciativa semelhante. Mas também foi facto único em Portugal haver, durante os dias da 12.ª Festa do «Avante!», uma constante fila de pessoas que aguardavam durante uns largos minutos — fosse ao sol, fosse ao vento — o momento de visitar a exposição que ocupava o segundo piso do pavilhão central e que falava do espaço cósmico e da sua conquista pelo Homem.

A sede de conhecimento e de saber notava-se em todas as pessoas que por ali passaram.

Velhos e jovens, apaixonados do Cosmos e simples curiosos, camponeses de cara torrada pelo sol e estudantes de pele queimada nas férias, raparigas de *shorts* ou *mini-saia* e mulheres mais resistentes ao calor, comunistas ou amigos do Partido com cartões de participante na Festa e outras caras que não mostravam ar de militância — todos bebiam avidamente as legendas

que acompanhavam fotos, maquetes, modelos...

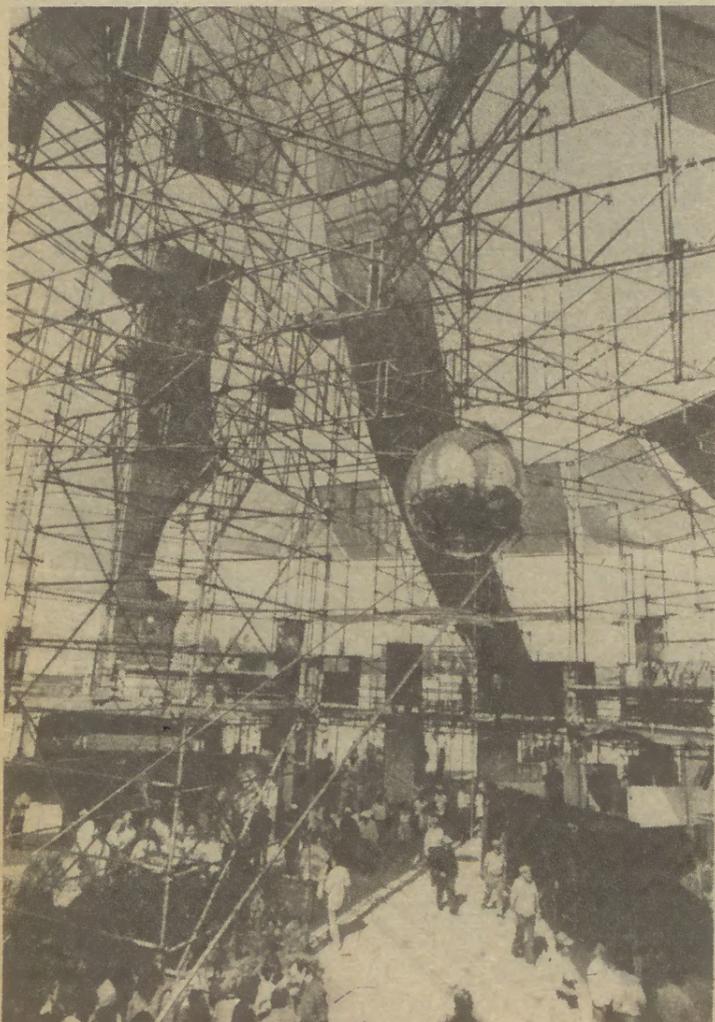
Ao todo, foram cerca de 30 mil pessoas — num primeiro cálculo — que visitaram esta exposição que ocupava o coração da Festa.

Para ver havia muita coisa, embora — na opinião de quem ali passou muito tempo — a atenção dos visitantes tenha ido sobretudo para uma réplica do complexo orbital soviético Soyuz-Mir-Kvant-Progress e para o modelo do primeiro Sputnik, em tamanho natural (acompanhado de outro mais moderno para permitir

ver as diferenças entre *avô* e *neto*).

Além dos materiais e equipamentos facultados por instituições científicas soviéticas, também ali estava trabalho de portugueses, a contar coisas, tanto do espaço que nos rodeia, como das aplicações no nosso país dos conhecimentos que nos vêm do Cosmos.

Mas ainda voltaremos a falar disto no próximo número, em que contaremos com uma entrevista com um convidado da Festa muito especial — o cosmonauta e herói da URSS Vladimir Soloviov. ■





A conquista do desconhecido juntou sábado à noite, num debate no Forum do pavilhão central, a aventura da conquista do espaço no século XX e a aventura iniciada pelos portugueses há 600 anos, com a conquista dos mares. No debate participaram os professores Armando Castro, Luís Albuquerque, Borges Coelho e António Costa, o cosmonauta Vladimir Soloviov (na foto da direita), Henrique Cristo e também o professor Gaspar Teixeira

«Não se podem separar componentes da luta»

Entre «todo o poder aos grupos económicos» e «todo o poder ao povo, todo o poder aos soviets» vai a radical diferença de conteúdo entre dois sistemas sociais, entre o capitalismo e o socialismo. Uma realidade que se pretende ignorar, escamoteando processos históricos, esbatendo as diferenças, para melhor fazer passar a ideia de que lutar não vale a pena...

Três horas da tarde de domingo. O espaço do Forum, espaço de debate, sufoca no calor da tarde, apesar das enganadoras sombras artificiais. Tema em discussão — «A luta dos povos — nova fase, perspectivas actuais».

A perspectiva de um mundo em evolução, a importância decisiva e a realidade actual da luta, de muitas e diferenciadas lutas dos povos e dos trabalhadores — foi uma das notas a marcar o debate.

Outra nota — a «ligação dialéctica» entre a via pacífica de resolução de problemas e conflitos, «à mesa de negociações» e a «luta de massas, a luta revolucionária».

Na perspectiva de que é essa luta que garante vias políticas de solução dos conflitos.

Domingos Lopes, da Secção Internacional do PCP e Paulo Areosa, do CPPC, abordaram à vez estes mesmos temas. Naturalmente de forma diferenciada.

Paulo Areosa sublinhou em particular o salto registado nestes últimos sete anos. Há sete anos vivíamos «uma clara ofensiva do imperialismo contra importantes processos revolucionários», a corrida aos armamentos com a decisão de instalação de novos sistemas de armas, um estímulo à contra-revolução. Um avolumar do clima de tensão que punha em risco a própria sobrevivência.

Hoje é tão diversa a realidade que surge a pergunta: «as negociações à mesa das conversações são um obstáculo ou um estímulo à luta?». Para responder que o clima

de desanuiamento não só é um objectivo da luta dos povos, como estes avanços no processo de desanuiamento não podem ser desligados das lutas constantes que de

diversas formas se desenvolvem por todo o mundo. «Não se podem separar componentes da luta.»

Justo realce, neste dealbar de uma nova fase de luta e de constru-

ção de outras relações internacionais, à perestroika, na União Soviética. Perestroika que muito irá transformar a vida do povo soviético, impulso revolucionário no processo de desenvolvimento do socialismo. Mas não só. Pelos seus reflexos internacionais, «pode abrir caminho a uma luta mais fácil (ou menos difícil) para os povos».

Presente no debate, de tudo um pouco. Da pergunta «e agora que vamos fazer?», a Praga de há 20 anos, a guerra do Vietnam e a Polónia de hoje. Granada, que deveria ser mais lembrada.

E também, «o que é a nova mentalidade».

«Uma apreciação nova, face a novas situações internacionais, em que assumem particular importância as relações de interdependência, o desmesurado volume de armamentos.» Resposta a conduzir a uma apreciação plena de confiança no futuro. «Está a ser limitado o campo de acção do imperialismo.» E nós somos protagonistas deste processo. ■



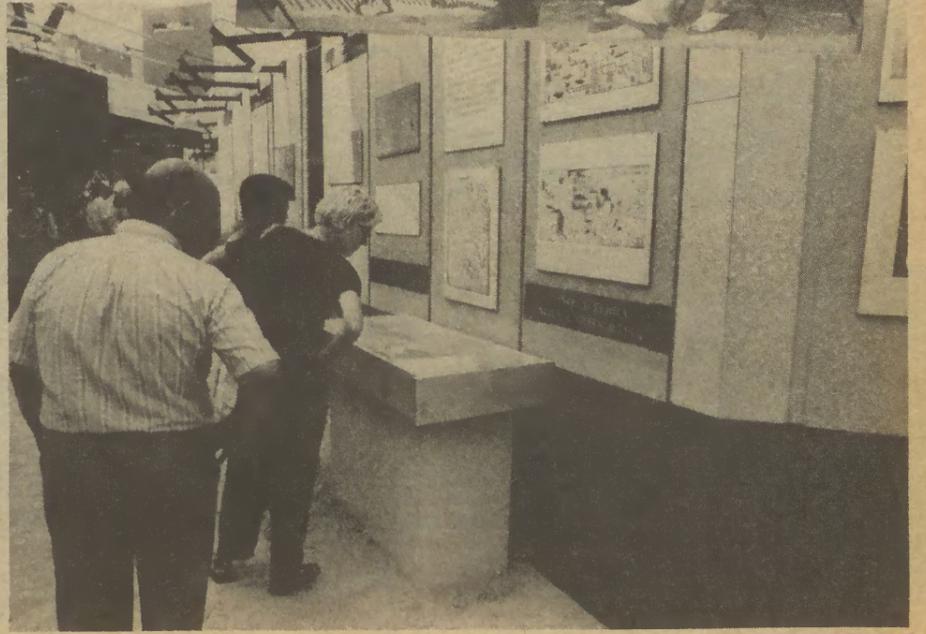
A Ribeira das Naus

Chamava-se «A Ribeira das Naus». Em memória do lugar donde se partia à descoberta. Uma larga e bem documentada exposição sobre os 600 anos das navegações portuguesas. E como o tema era «Os Descobrimentos», a exposição deixava a descoberto não só os aspectos positivos, mas também os aspectos negativos da saga em que os portugueses de trezentos e quatrocentos se lançaram.

O encontro das culturas que as viagens de então permitiram podia

ver-se na própria decoração que rodeava o conjunto, construído perto da zona da Organização Regional de Lisboa. Neste conjunto se integravam uma banca de vendas, um palco onde decorreram vários espectáculos de teatro vicentino, de música popular e de poesia, de música africana e outras.

Um belo espaço de convívio, com a taberna da Ribeira das Naus ali ao pé, para descansar e refrescar a palavra. ■



A juventude em força na festa



A juventude, que sempre marcou presença nas Festas do «Avante!», primou este ano pela afluência em massa a Loures. Pode dizer-se, sem exageros, que «invadiram» a Festa, tornando-se notados em todos os cantos e recantos, fosse pelo trabalho, pela alegria, pelo convívio, pelos penteados exóticos, pela irreverência.

A Cidade da Juventude, está bom de ver, foi naturalmente o espaço privilegiado pela maioria, que levou quase ao pé da letra que ali era o «seu» local.

Entre o artesanato e as artes plásticas, o café-concerto e o stand da JCP, sem esquecer evidentemente a autêntica maratona de «heavy metal», a juventude teve muito por onde escolher para passar da melhor forma os três dias de Festa.

As bancas organizadas pela JCP esgotaram depressa muitos dos seus materiais, como aconteceu com as camisolas reproduzindo a capa do primeiro número da «Política», a tal de Humphrey Bogart e do «não sou comunista... mas gostava de ser»; sucesso tiveram também as camisolas da «perestroika» a combinar com o coração; as peças artesanais feitas ao vivo — a que não faltavam mensagens de paz.

Variedade e iniciativa foi a tônica dominante, pelo que não consta que em algum momento o tédio tivesse invadido as hostes da juventude. Mesmo alguns excessos registados, fruto do calor dos «metais», não impediram que a juventude e a «sua» cidade averbassem um saldo positivo. A deixar em todos uma vontade grande de que para o ano seja «mais e melhor». ■

Festival juvenil

«Kódagga» de Évora arrecada 1.º prémio

... «E se um dia o Alentejo morrer, de sede cantada não há-de ser.»

Imagine-se a frase cantada num ritmo de rock, de mistura com o seu quê de música tradicional alentejana, sem esquecer a influência árabe; junte-se juventude e alegria à discrição; acrescente-se muito sonho e esperança no futuro e o resultado talvez se aproxime de «Horizontes Planos Dois».

Que é como quem diz o título da canção vencedora do Festival da Canção Juvenil, promovido pela

JCP, que teve na Festa do «Avante!» o seu final.

Uma canção que chegou a Loures pela voz dos «Kódagga», um grupo vindo de Évora para a experiência inédita e gratificante de cantar para um vasto auditório e arrecadar o primeiro prémio.

Cinco jovens constituem o grupo — João Cágado, Jorge Canhoto, Manuel Dias, Luís Cardoso e Paulo Couto — cujo projecto data de há 4 anos, mas com uma experiência efectiva de um ano, ganha sobretudo

do em festas e bailes por terras alentejanas.

Desempregado um, estudantes outros, os cinco dão vida ao grupo como é costume em casos similares, quando o apelo da música é grande e os apoios escassos: ensaiam em casa, vão gravando cassettes de modo artesanal, vão tocando «aqui e ali» para sobreviver e ganhar experiência, tomando a iniciativa sempre que podem e não deixando passar nenhuma oportunidade.

Foi assim, segundo nos contaram, que entraram no concurso da canção juvenil, escolhidos num encontro realizado em Monte Trigo, nos arredores de Évora.

«Tratou-se de uma experiência completamente nova — disseram — e muito interessante. Devia haver mais iniciativas deste tipo, que dessem à juventude oportunidade de mostrar a sua música, as suas qualidades. Pela nossa parte gostámos, havia muitos grupos a competir, bastante assistência. É claro que ficámos satisfeitos por ganhar. Na nossa canção tentámos conjugar a música rock com os cantares alentejanos, transmitir o calor do Alentejo.

«O que havemos de dizer? Façam mais!»

Bom. É um recado para a organização da juventude.

É uma chamada de atenção para Évora, onde os «Kódagga» voltaram com um prémio em instrumentos musicais e a vontade de prosseguir cantando. A margem sul está de resto de parabéns, pois para Setúbal foi o primeiro prémio de música popular e para Évora ainda o segundo prémio desta modalidade.

A dar razão às palavras dos «Kódagga»: ... *Se um dia o Alentejo morrer, de sede cantada não há-de ser...*! ■



O júri do Festival



O vencedor (concorrentes individuais)



O grupo que obteve o 1.º lugar



No capítulo do rock, este conjunto foi o mais pontuado

XII festa
Avante!

Cantem connosco contem connosco



A Solidariedade esteve presente nesta Festa do «Avante!» de uma forma muito especial. Não apenas por intermédio da cidade internacional, nem dos colóquios, mas também com os espectáculos.

Nomeadamente a solidariedade para com os povos que em África lutam contra o *apartheid*.

O objectivo tinha sido delineado à partida. Fazer desta Festa um grande festival de música africana.

Contra o *apartheid*, tocaram nos nossos palcos músicos vindos de vários países africanos. Tivemos os Is-sabary, Celina Pereira, Paulinho Vieira, Dany Silva, Kiki Lima, Mory Kanté.

Pessoas que ao longo destes três dias transformaram a Festa do «Avante!» num gigantesco palco de solidariedade para com África.

Uma realidade que ficou bem patenteada com a actuação de Mory Kanté. Tinha dito que vinha à Festa cantar a paz. E foi isso que fez.

Este homem que ocupa o número um do top combinado europeu, ultrapassou as melhores expectativas com a sua actuação. Esperava-se, claro está, um muito bom espectáculo. Tivemos uma actuação que dificilmente será esquecida. Aliada à boa música, tivemos a imensa alegria dos

cerca de vinte acompanhantes deste músico do Mali. A imensa alegria e o grande profissionalismo.

E se nos quedámos um pouco em Mory Kanté, foi porque vamos utilizar as suas palavras para falarmos da solidariedade.

Palavras que falaram por nós. Foi de paz e de luta contra o *apartheid*. Porque «a paz não é uma palavra, é um comportamento» e a África «conta connosco».

Por entre os acordes e o ritmo bem batido, um grande festival de solidariedade, este que percorreu os palcos da Festa do «Avante!». ■

Folclore em espaço próprio

Os Pauliteiros de Miranda, espectaculares nas suas danças, trajes, música, ritmo e tradições, foram um dos pontos altos da presença do folclore português na Festa, este ano «virado» para o Norte do País.

De Festa para Festa, o folclore tem ganho uma importância cada vez maior e na última edição ultra-

passou os espaços das diversas Regiões do País instaladas no terreno, para merecer um palco próprio e um programa específico. Foi o que aconteceu também este ano, dando-se aos artistas que animaram este sector um local de exibição próprio e a autonomia de um programa. ■



XII festa **Avante!**

A música portuguesa em força!

É já um lugar comum dizer-se que a Festa privilegia a música e os artistas portugueses, constituindo-se, em cada edição, numa amostra generosa e completa do que de melhor acontece neste País em matéria de música ligeira. É caso para dizer (e são muitos milhares de portugueses a «dizê-lo») com a sua presença, em cada realização da Festa) que ali a quantidade e a qualidade andam de mãos dadas, oferecendo ao visitante, nos dois dias e meio de espectáculos, a satisfação de qualquer preferência musical ou artística.

E a música portuguesa não esteve apenas em todo o lado, mas também nos momentos e espaços mais importantes da Festa, nomeadamente nos encerramentos dos palcos principais. A resposta do público correspondeu inteiramente a esta atenção organizativa para com a música e os artistas portugueses, registando-se sempre grandes afluências (às vezes transbordando das zonas disponíveis).

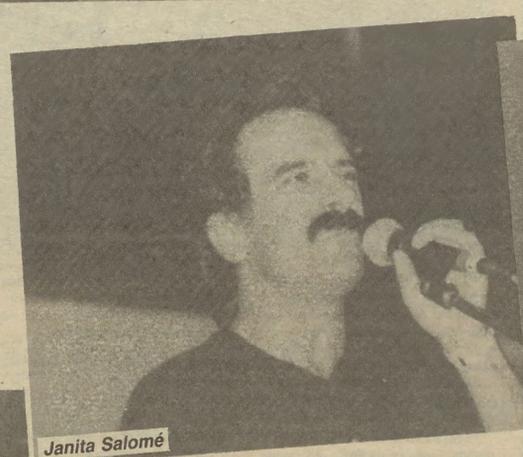
Mas falámos de quantidade e qualidade. Sendo impossível amudar o autêntico festival que constituiu o programa de música e artistas portugueses que estiveram nos diversos palcos (às vezes com desajustes de horários, ou mesmo alterações de local o que, sendo desagradável, é sempre inevitável numa iniciativa desta envergadura), pudemos, contudo, «viajar» um pouco no muito que aconteceu, para ilustrarmos o nível de participação portuguesa em mais esta edição da Festa. ■



Fernando Tordo



Nana Sousa Dias



Janita Salomé



Quarteto de Carlos Martins



António Pinho Vargas



Mário Laginha e Pedro Burmester



Rádio Macau



Maria João



Carlos do Carmo e Paulo de Carvalho



Sérgio Godinho



Miso Ensemble



Go Graal Blues Band



Sexteto de Jazz de Lisboa

Os mitos vestiram humanidade

Pelo palco 25 de Abril passaram este ano três nomes das canções americanas que são autênticos mitos.

Por razões diferentes, os seus nomes escreveram-se há já muito tempo nos compêndios da música. Chegaram todos à Festa vindos do novo mundo, e os três trouxeram na sua voz pedaços de um mundo novo. Falamos de Daniel Viglietti, Gonzaguinha e Melanie Safka.

Todos eles actuaram no Palco 25 de Abril na noite de domingo, proporcionando um grande espectáculo que seria encerrado da melhor maneira pelo português Júlio Pereira.

Contemos por ordem de entrada em cena. O uruguaio Daniel Viglietti

subiu ao palco depois da actuação de Janita Salomé.

Veio sozinho. Com a sua viola, sentou-se no imenso palco e começou a falar-nos do seu país, demonstrando o porquê de o seu nome se ter tornado num símbolo da resistência dos povos latino-americanos.

Cantou-nos dos índios, falou-nos do regime existente no Uruguai, a «democracia dura», onde «aqueles que violaram os direitos do Homem continuam em liberdade» falar do país onde «a poesia tomou o poder — Nicarágua» e terminou com «A desanlabrar», a canção que lhe valeu o exílio, um hino a um problema que «é uma luta comum, cá em Portugal e lá no Uruguai; a terra. A Reforma

Agrária».

Depois veio Melanie Safka. Uma das vozes que simboliza o movimento folk dos anos sessenta e a luta pela paz. Uma das vozes de Woodstock. Na sua interpretação, não foram apenas os daqueles tempos quem vibrou. As palavras são as mesmas e as vontades também. A sua arte, essa continua a ser imprescindível e todos os muitos milhares que enchem o vasto auditório do palco 25 de Abril renderam-se ao espectáculo e à voz que encheu a Festa.

Renderam-se de uma forma tão forte e emotiva como a própria Melanie. Pelo palco passaram canções novas e também os grandes hinos que fizeram dela embaixadora da paz; que a levaram a cantar nas Nações Unidas. «What have they done to my song, Ma», «Peace will come (according to plan)», «Lay down (candles in the rain)»...

Finalmente Gonzaguinha, o grande compositor brasileiro, que fez canções para pessoas como Elis Regina, Chico Buarque, Maria Bethânia. O nome que é também um mito pelos seus vinte anos de canções, esteve aqui pela primeira vez emprestando-lhes a sua própria voz, cantando «a vida dos meninos que sou eu das favelas» e o «o amor, essa coisa fundamental».

Cantando também o seu maior amor. «Gonzaga, filho de Gonzaga, filho de um homem que no Brasil quer dizer festa» fez-nos ir ao rubro também com o forró.

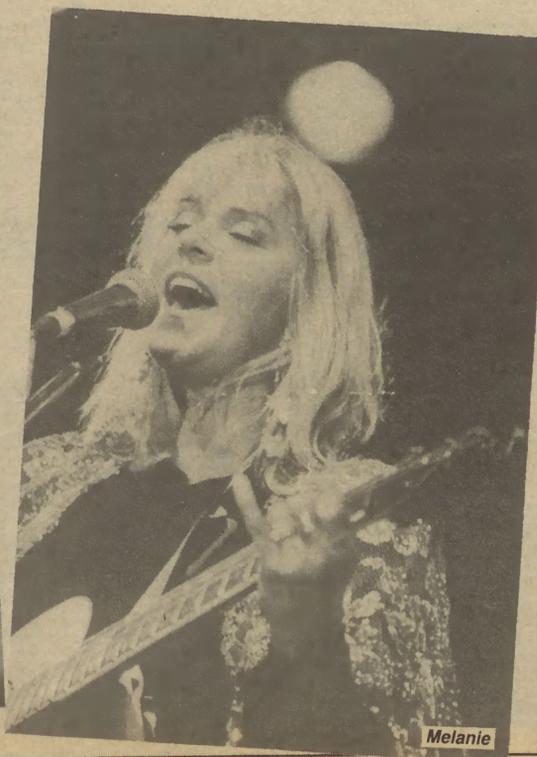
Foram três os mitos que estiveram nesta Festa do «Avante!», e na Festa mostraram porque é que se transformaram em nomes fundamentais da música. Todos eles cantaram humanidade, exalaram humanidade, vestiram humanidade. ■



Gonzaguinha



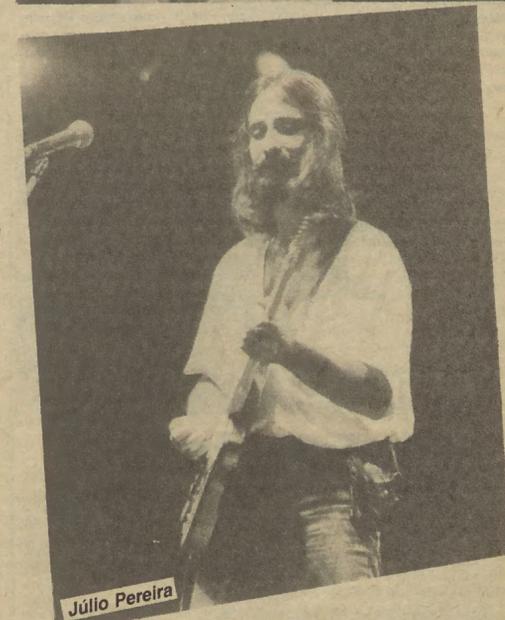
Daniel Viglietti



Melanie



Rão Kyao



Júlio Pereira



Telectu



Vozes búlgaras

A arte sem mistérios

Quando as cantoras do Conjunto Folclórico Plovdiv desceram do palco, deram as mãos aos espectadores que cá em baixo as aplaudiam entusiasmadamente e iniciaram uma dança de roda ao som endiabrado da música tradicional búlgara, levaram ao rubro o entusiasmo dos espectadores, puseram todo o «Palco Lisboa» aos pulos e concluíram o seu primeiro espectáculo em Portugal em verdadeira apoteose. Momentos antes haviam posto todo o pavilhão a cantar, ao homenagearem o público com uma bonita versão do «Grândola Vila Morena»; depois levaram-no à dança, com a surpreendente descida à plateia das artistas búlgaras que, dando as mãos aos espectadores e improvisando uma gigantesca «roda», encerraram em contagiante alegria a primeira apresentação do famoso «mistério das vozes búlgaras».

Aponte-se já que tal «mistério» é, quanto ao sucesso imediato que obteve do público, de uma clareza linear — a clareza da alta qualidade interpretativa e de execução. Mas as «vozes búlgaras» têm outros fascínios muito próprios, para além da qualidade técnica e artística dos seus executantes e intérpretes, como houve oportunidade de ser explicado por Manol Todorov, professor assistente no Conservatório da Bulgária, que acompanhou este Conjunto Folclórico Plovdiv e falou num colóquio dedicado ao tema.

O folclore búlgaro é dos mais fascinantes da Europa, pois misturam-se nele a religiosidade cristã-ortodoxa, as influências culturais do islamismo (a Turquia dominou a Bulgária durante 500 anos) e a conservação de um património popular como afirmação de resistência. Os búlgaros nunca se vergaram aos ocupantes e durante 500 anos os homens foram para as montanhas, para as guerrilhas, enquanto as mulheres assumiam, em grande parte, as responsabilidades da actividade agrícola, da manutenção dos lares e da vida social. Compreende-se assim uma das originalidades deste folclore: o ser cantado por mulheres.

O compositor húngaro Bela Bartok, intrigado com a originalidade rítmica do folclore búlgaro, sujeitou todo o material que possuía a uma revisão, verificando que as dificuldades encontradas com as subtilidades do ritmo se resolviam utilizando e aplicando as originais suspensões criadas pelos cantores e músicos das montanhas e dos vales da Bulgária. Hoje, aparece em qualquer manual de música: é o ritmo búlgaro.

Foi este extraordinário folclore búlgaro, com as suas vozes misteriosas, que esteve na Festa através do Conjunto Plovdiv, composto por quatro excelentes vozes femininas acompanhadas por outros tantos instrumentos — a flauta, a gaita de foles, o bombo e o dagulka.



Circo para todos!

Claro que o circo também esteve presente. Ao ar livre, na pura tradição dos «saltimbancos», lá estiveram os palhaços, os faz-tudo, os ilusionistas, malabaristas, etc. Para alegria não só das crianças, porque

os adultos também eram mais que muitos a ceder ao fascínio do que — não tenhamos dúvidas! — continua a ser «o maior espectáculo do mundo»! ■



Teatro

Muito, variado e bom!

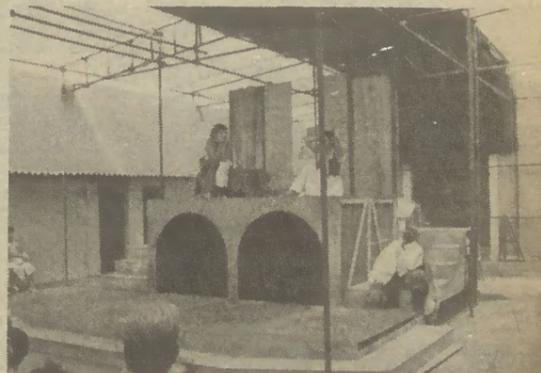
Havia (e há!) um velho solar nos terrenos da Festa. Estava em ruínas e os comunistas restauraram-no. Posto isto, o magnífico espaço do «solar cor-de-rosa» foi aproveitado para a realização do «Avanteatro», um verdadeiro festival do género

pois é de facto muito difícil vermos, em menos de três dias e no mesmo local, tanto e tão diversificado teatro.

Importa sublinhar a optimização do espaço, criando-se no interior do velho solar condições adequadas

para a actividade teatral, quer para os utentes dos espectáculos, quer para os artistas, quer ainda para a construção dos espectáculos.

Assim, em boas condições, o teatro esteve mais uma vez na Festa — muito, variado e bom! ■



«Non Sense»

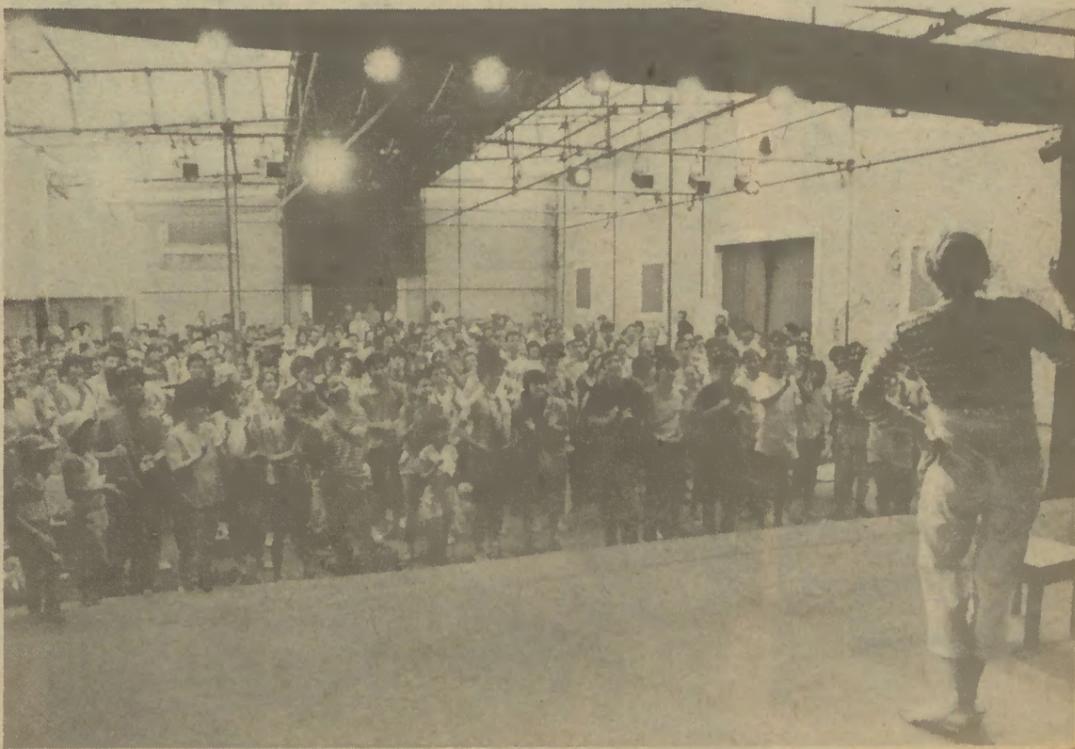
Um «mimo» de espectáculo!

Quem seguiu o conselho de não perder os Mimos de Praga — os «Non Sense», de seu nome, que actuaram no Avanteatro — já sabe a esta hora do privilégio que soube aproveitar. Os «Non Sense» apresentaram dois espectáculos, qual deles o mais notável: o primeiro, «Grotoscos Pés Nus», é uma combinação de gags, situações extrava-

gantes e humor negro, tendo o cinema mudo como referencial; o segundo, «Histórias de Palhaços», conta a forma como dois palhaços ultrapassam as limitações impostas à sua arte pelo dono do circo, ao obrigá-los a representar sempre a mesma velha cena do «Pierrot», conseguindo uma outra representa-

ção dentro da monotonia do «Pierrot».

Os «Non Sense», com um prestígio internacional já firmado há anos, são mimos e têm sede em Praga. Com a linguagem gestual é universal, os membros deste grupo, formado em 1981, já não integram só elementos checoslovacos, mas também de outras nacionalidades. ■



Pioneiros

A animação permanente

Os putos dos Pioneiros — os mais crescidos escusam de se chatear que têm tempo de sobra para ficar velhos — estão de parabéns. O seu espaço na Festa do «Avante!» foi sem dúvida um dos mais animados e concorridos.

É claro que a localização, bem à sombra das árvores, ajudava; mas seria uma injustiça atribuir o sucesso do stand dos Pioneiros apenas a esse pormenor.

Porque a verdade, verdadinha, é que o bar funcionava bem e depressa, na acção expedita de uns quantos moços e moças mal entrados na adolescência, a que não faltou o apoio de alguns mais entradotes; o mesmo se pode dizer do espaço de animação, onde quem quis pintou e pintou-se, deu asas à imaginação e fabricou enfeites de todas as cores, enquanto de uma «torre de vigia» uns quantos metros acima do solo jovens aspirantes a jornalistas ensaiavam passos atrevidos no caminho da informação.

No parque infantil, bem servido de aparelhos e velhos pneus, a criançada ignorava o calor e a poeira, dando largas à sua inesgotável energia, certa de poder matar a sede com os refrescos do bar e saciar a fome entre bolos e petiscos. Neste oásis dos mais jovens, onde a animação nunca faltou, muitos foram os crescidos que aproveitaram para retemperar forças, abrindo de boa vontade os cordões à bolsa para uma voltinha no carrocél.

Os putos ficaram a ganhar. E os Pioneiros também, por mérito próprio. ■



Mulheres Convívio e debate

Falar sobre a situação da mulher, e não só em Portugal, é um tema quase inesgotável.

Se calhar porque tem tudo a ver com os homens, com a sociedade, com o projecto de futuro que todos desejamos melhor.

Nesta 12.ª edição da Festa do «Avante!», espaço e oportunidade não faltaram para debater questões que dizem respeito a toda a gente.

Entre uma banca de venda dos mais variados produtos e um bar simpático, as «Mulheres» criaram um espaço de convívio e encontro a que nem faltavam cadeiras para um merecido descanso e um palco onde a música e o debate se alternavam naturalmente. ■



Um mercado diferente

Uma talhada de melancia; uma fatia de melão; para quem aprecia, tirinhas de presunto de fazer crescer água na boca; ou talvez pedaços de salpicão bem apaladado, mais uns queijinhos secos ou de meia-cura; um naco de pão e um copo de vinho, branco ou tinto, era só escolher.

Quem não provou não sabe o que perdeu, que não há nada melhor do que um bom petisco à alentejana, entre amigos de vozes cantadas e cheiros bons de coisas da

terra, das cebolas aos alhos, dos oregãos ao grão.

Está claro que foi no Mercado da Reforma Agrária, ponto certo de encontro dos visitantes da Festa que de há muito descobriram, por bom preço, as coisas boas da vida.

Entre o «prova-se já aqui» e o «leva-se para casa», a opção não era difícil: prova-se e leva-se. É assim que se fazem os bons negócios.

No balcão corrido, quase apetecia ficar à espera saboreando o cheiro dos produtos, regalando os olhos

nas cores fortes dos enchidos, nas tonalidades do mel, no vermelho vivo das melancias, no dourado do melão, enquanto pelo «rabo do olho» se espreitava o jogo chiniquinho a que nunca faltou assistência e jogadores.

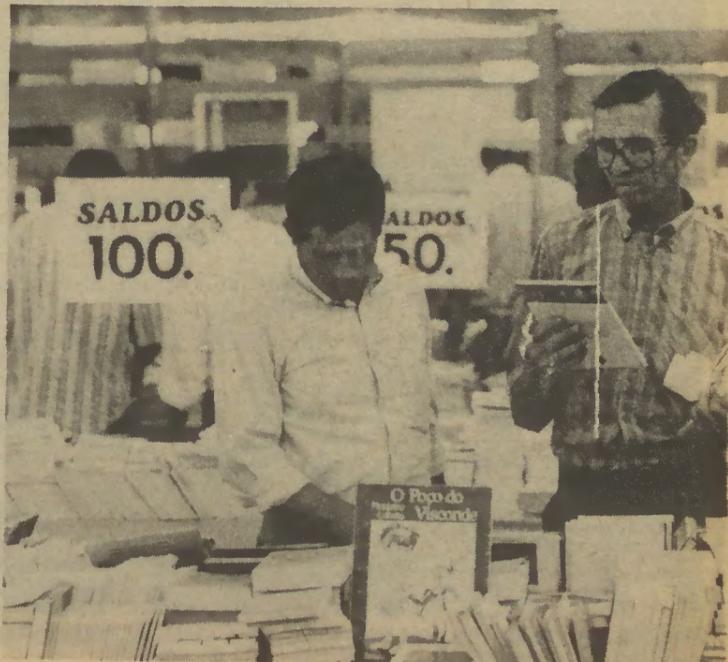
Comprar sem intermediários é sempre bom; na Festa do «Avante!» é ainda melhor. Como de costume, não houve mãos a medir. O que também é uma forma de mostrar a solidariedade com a Reforma Agrária. ■

Livros, discos e autores

Mais uma vez o grande movimento em torno dos livros. E dos discos. Verdadeiro labirinto onde ninguém se perdeu e muita gente encontrou o que procurava e também a surpresa do que não procurava e se propunha. Várias editoras representadas no Centro do Livro e do Disco, com destaque para as edições «Avante!» e para a «Caminho». Uma larga e bem fornecida secção de saldos que oferecia bons livros ao preço da chuva.

Êxito, êxito, foi o livro infantil. E o cantinho especialmente concebido para as crianças desfolharem álbuns enquanto os pais escolhiam publicações à sua medida.

Êxito também foi o convívio proporcionado pelo Centro entre os leitores e os seus autores preferidos. Algumas dezenas de autores portugueses, entre os quais figuras destacadas da literatura, passaram uns bons momentos, dando autógrafos e conversando com os visitantes. ■



Os atletas também fizeram Festa

• **Dois nomes em destaque** na Corrida da Festa do Avante!: **José Dias**, 20 anos, estudante no 12.º ano, um **anónimo** que já correu com as cores do Monte Abraão e que, em Loures, obteve uma brilhante vitória nos seniores masculinos; **Rita Borralho**, um nome consagrado do atletismo nacional, atleta do Sport Lisboa e Benfica, inexplicavelmente afastada das Olimpíadas de Seul (foi a segunda atleta a fazer os mínimos), que, entretanto, se prepara para as maratonas de Outubro e Novembro, na companhia de uma «pupila» brasileira que treina consigo há um ano — Janette Mayal, a segunda na Corrida da Festa

O País começa a estar (felizmente!) habituado a ver e a aplaudir com carinho os atletas que descem à rua para correr, envolvidos por uma mensagem importante nos dias que passam: o desporto como direito do povo, o desporto como fenómeno de massas, a prática da corrida como algo que deve ser estimulado e apoiado. No momento em que escrevemos estas linhas, observamos anúncios na imprensa sobre a meia-maratona de Vila Franca de Xira (16 de Outubro). Ao mesmo tempo, recordamos a já tradicional meia-maratona da Nazaré. De facto, o País começa a estar habituado a ver o atletismo na rua. Mas, o que se passou no último domingo no concelho de Loures é, apesar de tudo, diferente. E alguns jornalistas até notaram essa diferença...

A Festa do «Avante!» saltou do recinto da antiga Quinta do Infante e, com o atletismo, marcou presença viva no concelho, entre Loures e Odivelas, para uma prova fora

nal, designadamente através de breves depoimentos recolhidos pelo Gabinete de Imprensa da Festa do «Avante!» que, no geral, aqui publicámos nas vésperas do grande convívio de Loures.

Aconteceu de tudo...

Bombeiros no apoio, muita gente nas ruas, à beira da estrada e à chegada na Festa, uma manhã de sol brilhante neste Setembro que teima ser Verão, enquadravam uma jornada desportiva onde o clima de festa e a fraternidade deram as mãos, e onde aconteceu de tudo um pouco.

Aconteceu surpresa na vitória dos seniores masculinos: a experiência de Luís Horta não conseguiu levar de vencida a força e a juventude do «anónimo» José Dias. Aconteceu a confirmação de Rita Borralho entre

51m e 20s foi o tempo que durou a prova de José Dias: Loures/Odivelas/Festa do «Avante!», num total de 16 800 metros. Para ele e também para Rita Borralho, um prémio aliciante: viagem à República Democrática Alemã

do calendário oficial, realizada nas vésperas da Olimpíada de Seul, e contando nas inscrições com mais de 2 mil atletas. Logo aqui, um facto digno de registo.

Bem cedo, o ambiente junto ao pavilhão Paz e Amizade, numa vila sede do concelho, transformada a olhos vistos pelo Poder Local democrático, prometia no último domingo uma jornada de festa, de fraternidade, de solidariedade desportiva. Assim aconteceu. Nomes bem conhecidos (Aldegalega, Luís Horta, Óscar Santos, Rita Borralho, etc.), misturavam-se em animado convívio com uma massa de anónimos prontos para os quase 17 km da prova, enaltecida anteriormente por vários nomes sonantes do atletismo nacio-

as concorrentes femininas. Aconteceu um conjunto de «falhas» organizativas que, como diria Dias Lourenço, director deste jornal e membro da Comissão Política do PCP, na entrega dos prémios, já na Cidade do Desporto da Festa do «Avante!», não voltarão a repetir-se em futuras edições da prova. Referimo-nos especialmente à questão dos abastecimentos e à oportunidade da sua distribuição durante e depois da corrida.

Apesar de tudo, uma boa corrida animou a Festa e o concelho de Loures. Parabéns aos cerca de 1200 que a acabaram. Parabéns ao José Dias e à Rita Borralho. Um voto final: para a próxima Festa queremos outra corrida! ■



Rita Borralho a caminho da vitória



José Dias já na zona da meta, junto à entrada da Festa

As classificações

Aqui ficam as classificações (até ao 5.º lugar) registadas na Corrida da Festa do «Avante!»:

Juniões femininas

1.ª, Elisabete Oliveira (Ponte Nova); 2.ª, Sandra Jesus (Cava); 3.ª, Armandina Rodrigues (Aviscar); 4.ª, Ermelinda Carvalho (Águias da Musgueira); 5.ª, Neusa Casaca (Cava).

Juniões masculinos

1.º, Jorge Costa (Núcleo de Atletismo de Odivelas); 2.º, José Moura Santos (N.A. Carregado); 3.º, João Capinha (Casal Privilégio); 4.º, Armindo Santos (Leões da Fonte); 5.º, Luís Tibério (Cobre).

Seniores femininas

1.ª, Rita Borralho (S.L. Benfica); 2.ª, Janette Mayal (S.L. Benfica); 3.ª, Cristina Pires (N. A. Odivelas); 4.ª, Umbelina Nunes (Casal Privilégio); 5.ª, Virgínia Duarte (individual).

Seniores masculinos

1.º, José Dias (ind.); 2.º, Luís Horta (S.L. Benfica); 3.º, Óscar Santos (Sporting C. Portugal); 4.º, José Pedras (ind.); 5.º, Eduardo Fernandes (ind.)

Veteranas

1.ª, Teresa Ribeiro (Estrela de

Vendas Novas); 2.ª, Analice Silva (Algés); 3.ª, Albina Nicolau (Poço Cação); 4.ª, Jesus Mota (Algés); 5.ª, Olívia Moura (Algés).

Veteranos 1

1.º, Augusto Cruz (Patameiras); 2.º, Américo Onofre (Aliados da Brandoa); 3.º, José Neves (Alto Moinho); 4.º, Manuel Samarro (Barcarena); 5.º, Manuel João (Bairro Santiago).

Veteranos 2

1.º, Dinis de Sousa (Laranjeiras); 2.º, Custódio Chamusca (Poço Cação); 3.º, Carlos Rosa (Estrela Negra); 4.º, Vítor Gregório (Totta e Açores); 5.º, António Alemão (Academia Almadense).

Veteranos 3

1.º, Armando Aldegalega (SCP); 2.º, António Jesus (Sorefame); 3.º, António Antunes (Met. Quintinhas); 4.º, Joaquim Silva (Coop. Cabouco); 5.º, António Dourado (1.º de Maio/Aqualva).

Por equipas

1.ª, Câmara Municipal do Cadaval; 2.ª, Alto Moinho; 3.ª, Casal Privilégio; 4.ª, Ídolos da Praça; 5.ª, Aliados da Brandoa.



Multidão em movimento, os participantes na Corrida da Festa foram vivamente aplaudidos e acarinhados durante todo o percurso Loures-Odivelas-Festa do «Avante!»



Vários serviços de apoio — da cronometragem às informações via rádio — acompanharam a Corrida. Como diria Rita Borralho em conversa com o «Avante!», a partida decorreu em boas condições e, apesar do intenso calor, a prova teve um percurso bem delimitado, sendo considerada no geral como uma boa e oportuna prova de estrada



Atletismo em Portugal foi tema para debate na tarde de domingo, na zona do Desporto da Festa do «Avante!». Presentes na Mesa deste colóquio, seguido com vincado interesse, **Fernando Fernandes** (director da Corrida realizada de manhã), prof. **Mário Machado**, **Armando Aldegalega** (veterano, nome consagrado do desporto nacional), **Arons de Carvalho** (jornalista) e **Eugénio Lourenço**, da comissão organizadora da Festa do «Avante!» ■



Os atletas que não receberam os prémios relativos à sua participação na Corrida da Festa do «Avante!», devem dirigir-se ao Centro de Trabalho do PCP, na Av. António Serpa (ao campo Pequeno) em Lisboa.



Com o n.º 178, **Armando Aldegalega**, nome consagrado e prestigiado do atletismo português, vencedor na categoria de veteranos 3 da Corrida da Festa do Avante!

Futebol de salão

Vitórias para Lisboa e Alentejo

O Grupo Recreativo «Onze Unidos», de Lisboa, foi o vencedor do torneio de futebol de salão, na categoria de seniores/masculinos, desta 12.ª Festa do «Avante!».

No jogo da final, disputado no sábado no ringue municipal de Loures, a turma de Lisboa venceu por um expressivo 10 a zero a formação de Aveiro — **Os Activos**, de Pigeiros. Ao intervalo, registava-se um golo de vantagem para as alentejanas.

Por seu turno, o **Desportivo Clube das Pigarras** (Vendas Novas/Alentejo) venceu a competição feminina da modalidade, ao bater **As Nicolas** de Setúbal por 7 a zero. Ao intervalo, registava-se um golo de vantagem para as alentejanas.

No futebol de salão da Festa do «Avante!» devem ainda mencionarem-se duas equipas vitoriosas: o **Damaia Ginásio Clube** (jogadores dos 14 aos 16 anos) e o **União de Algés** (juvenis).



Os «Onze Unidos», a equipa vencedora do torneio de futebol de salão da Festa do Avante/88 (em cima). Os Activos de Pigeiros chegaram à final mas não resistiram ao maior poder atacante da turma de Lisboa



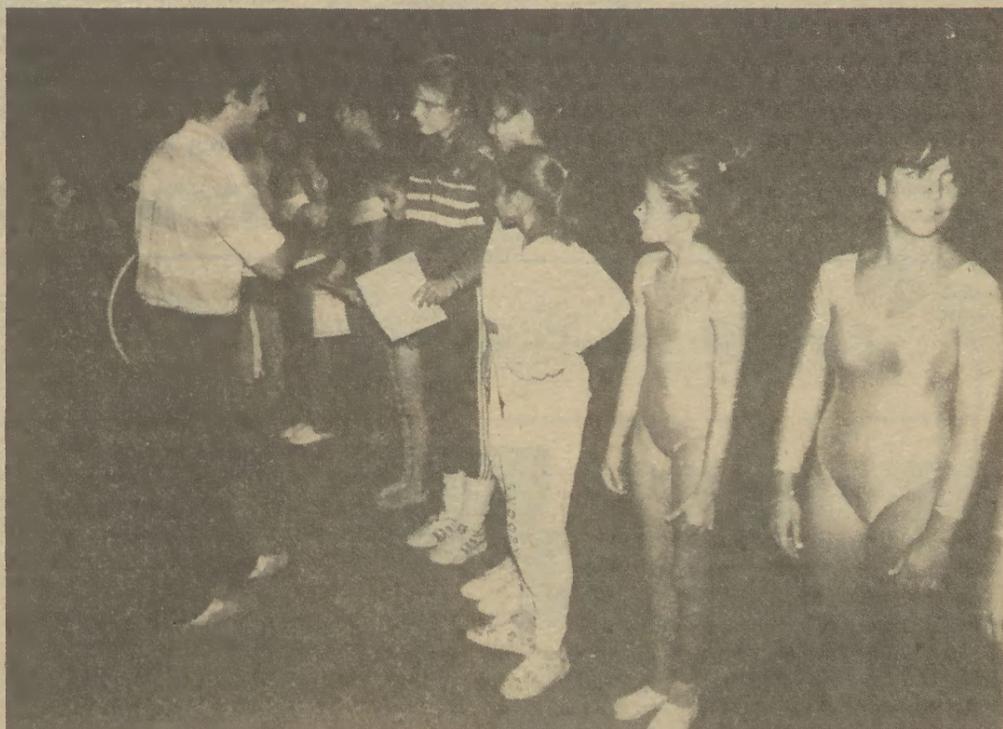
Os artistas da bola

Aqui ficam as constituições das equipas finalistas do torneio deste ano (elementos em campo e no banco):

Onze Unidos — Luís Nobre, João Paulo, Luís Silva, João Gomes, Fernando Lopes, José António, João Santos, Vítor Pedro e José Ferreira; **Os Activos** — Celestino Ribeiro, Eliseo Pinheiro, Alcino Sá, José Pinheiro, António Pinheiro, Marino Silva, Paulo Santos, Manuel Augusto, Alcino Silva, José António Ferreira; **Pigarras** — Ana Sofia Nunes, Sílvia Nunes, Célia Nogueira, Marina Marques, Alexandra Marques, Elisabete Simões, Maria José

Nunes, Ana Paula Júlio, Rute Espadinha; **Nicolas** — Ana Margarida, Ivone Pereira, Ana Filipa Vieira, Ma-

ria Teresa Dias, Margarete Matilde, Caria Nascimento, Ana Paula, Maria Antónia e Ângela. ■



Ginástica

Vinte e um atletas de três países socialistas — URSS, RDA e Hungria — e um conjunto diversificado de atletas portugueses oriundos de clubes e colectividades (alguns participando a nível individual) estiveram em acção nos saraus Internacionais e nas apresentações de ginástica, iniciativas que mobilizaram o interesse e a atenção de muitos dos visitantes da Festa nas noites de sexta-feira e de sábado. O recinto polivalente acolheu entusiásticas demonstrações de ginástica rítmica, desportiva e acrobática, a que se associaram ainda exibições de luta greco-romana. O sarau internacional previsto para domingo às 11 horas, devido ao intenso calor que se sentiu

no fim-de-semana, acabou por ser antecipado para o fim da tarde de sábado. Saliente-se uma vez mais que as delegações estrangeiras que vieram à Festa do «Avante!» integravam elementos de grande valor internacional, incluindo campeões nacionais e ginastas com experiência em competições de alto nível. Para além da presença de colectividades (Física de Torres Vedras, Sacavenense, Algés e Dafundo, etc) e de clubes como o da Cimpor (Alhandra), alguns ginastas portugueses de craveira contribuíram para a valorização deste programa na Cidade do Desporto da Festa do «Avante!»

Xadrez**Uwe Bonsch no centro das atenções**

O calor, o pó e o burburinho de uma grande festa de massas não proporcionam, certamente, as melhores condições para um xadrezista em jogo simultâneo com dezenas de competidores. Mesmo assim, o Grande Mestre internacional da RDA, **Uwe Bonsch**, de 29 anos, não cruzou os braços e aplicou-se com empenhamento nas duas simultâneas realizadas na Festa do «Avante!». A primeira no sábado (28 vitórias e 1 empate) e a segunda no domingo (23 vitórias e 2 derrotas).

José Rodrigues e **Fernando Pena** foram os jogadores que conseguiram a proeza da vitória sobre Uwe Bonsch, que esteve no nosso país desde 1 de Setembro até à última segunda-feira, tendo realizado simultâneas em Santo António dos Cavaleiros, Amadora, Seixal, Lou-

res, e na Associação de Cegos Luís Braille, em Lisboa. Jogar com deficientes visuais foi **uma experiência inédita** para o Grande Mestre, que, como nos diria momentos antes de iniciar a última simultânea do seu vasto programa em Portugal, ficou «impressionado com a participação de massas nesta Festa», mostrando-se «satisfeito por poder dar um pequeno contributo para o valioso programa de animação» que se viveu em Loures no passado fim-de-semana.

Uwe Bonsch, treinador de xadrez na unidade fabril «Buna», na República Democrática Alemã, disse ao «Avante!» que encontrou no nosso país um bom nível geral e bastante interesse na prática do xadrez, tendo sido obrigado a aplicar-se com muita determinação para obter vitórias nos jogos efectuados. ■



Uwe Bonsch em acção no pavilhão de xadrez

Damas internacionais**Uma proposta a ter em conta já para a próxima Festa**

Foi com satisfação que a nossa reportagem reencontrou na Festa **Daniel Seita Machado**, mestre nacional, um jovem já consagrado no panorama das damas e que tem dedicado uma atenção especial à divulgação das damas internacionais.

Ao fim da tarde de sábado, Seita Machado realizou uma simultânea com seis jogadores, tendo vencido em todos os tabuleiros. Com esta iniciativa, as damas internacionais marcaram de novo uma presença na Festa, que poderá vir a reforçar-se no futuro (quem sabe se já na próxima edição), se for levada em linha de conta a proposta que o jovem damista nos revelou:

«A organização poderia tentar o convite a um Grande Mestre soviético em damas internacionais. São campeões do Mundo, em femininos, juniores, seniores e por equipas. Ainda cá não vieram».

A única experiência

A presença dum jogador estrangeiro em muito contribuiria para a

divulgação das damas internacionais, modalidade apreciada no nosso país, onde conta já com muitos interessados, embora necessite dum vasto trabalho de divulgação e esclarecimento.

A única experiência portuguesa a nível internacional nesta matéria foi vivida exactamente por Daniel Seita Machado que em Dezembro do ano passado se deslocou a Moscovo

para participar no Campeonato da Europa, onde obteve a 14.ª posição.

A vinda à Festa do Avante! de um Grande Mestre soviético, conclui o jovem damista, poderia ser útil a vários níveis, incluindo possíveis iniciativas descentralizadas a que certamente a Federação Portuguesa daria o seu apoio.

Aqui fica a proposta de Seita Machado. ■

Damas**Silva Pereira venceu o torneio**

Em vez do quinto lugar obtido na última edição da Festa, o consagrado José António Silva Pereira chamou a si a vitória nesta nona edição do torneio de damas da Festa.

Com 38 participantes e disputado em sistema directo, por eliminatórias, o torneio decorreu no sábado e no domingo, com a coordenação de Malagueta Simão, que proporcionou todo o apoio necessário aos jogadores e ao torneio, iniciativa que uma vez mais se rodeou de muito interesse.

Foram finalistas (e já agora aproveitamos para deixar a classificação até ao 6.º lugar) da edição deste ano: 1.º, Silva Pereira; 2.º, Fernando Pinto; 3.º, Leopoldo Lopes; 4.º, João Sepanas; 5.º, Vítor Dias; 6.º, Daniel Freitas.

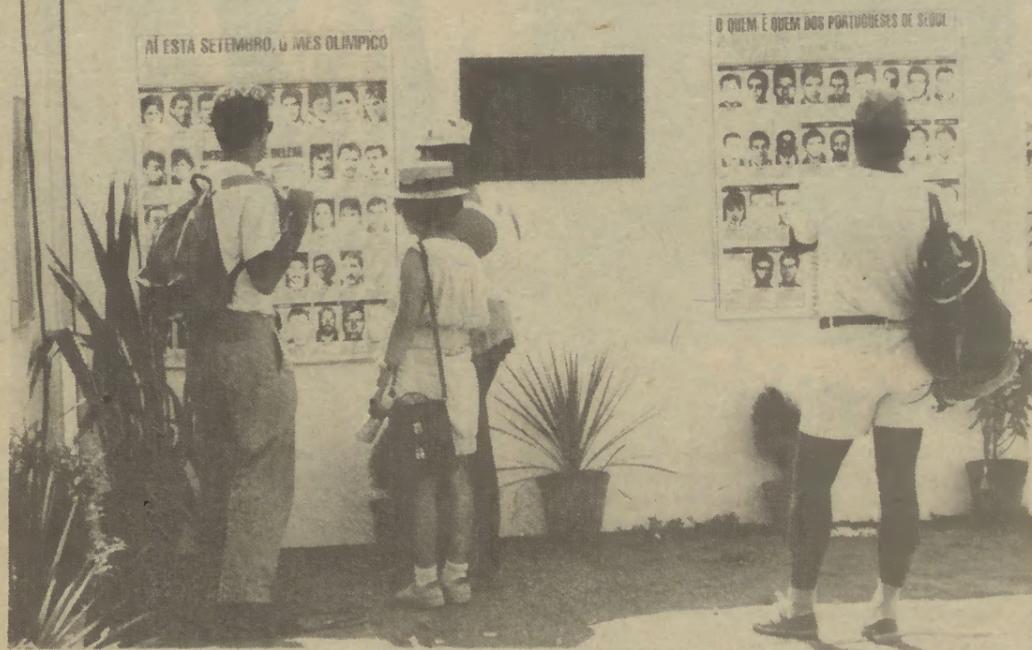
Os damistas classificados em 4.º, 5.º e 6.º lugares obtiveram os mesmos pontos.



Como sucedeu com todo o programa desportivo da Festa, foram entregues lembranças aos participantes. ■

**Chinquilho**

A malha grande, corrida e pequena voltou a marcar presença na diversificada programação desportiva da Festa do «Avante!». Dezenas de jogadores, organizados nas suas equipas — com tradicional peso de margem sul do Tejo — fizeram frente às elevadas temperaturas e no terrado dos jogos populares deram vida a modalidades que fazem parte das tradições e dos costumes da nossa terra

Portugal nos Jogos Olímpicos '88

A presença portuguesa na Olimpíada 88 esteve em foco na interessante exposição da zona do Desporto da Festa do Avante! Diplomas, fotos e documentação diversa mostraram aos visitantes momentos históricos da presença olímpica de gerações de atletas portugueses. Também foram exibidos filmes sobre os Jogos Olímpicos

Faltou um rosto na multidão

É um rosto indescernível, como sucede no meio de milhares de pessoas numa fotografia a preto e branco, mal impressa, esbatida, num jornal. Descrever num curto espaço um sentimento é uma tarefa quase impossível, mesmo para quem tem por ofício escrever todos os dias sobre os outros. Descrever esse sentimento com a profundidade com que nos é transmitido apresenta ainda dificuldades maiores, principalmente para quem nunca o experimentou ou, em palavras breves, o viu transcrito de modo credível, sincero.

É esse o sentimento da ausência, da ausência de si próprio do meio de uma multidão de que se faz e continuará a fazer parte não estando lá e da qual, mesmo pela ausência, se é partícula, momento integrante. Não falamos de alguém que morreu e de quem esse sentimento de ausência proviria como algo de indefinido e de indefinível neste espaço de jornal. Não. Falamos de uma ausência da Festa por simples e justificado motivo de doença. Mas esse estado, infelizmente banal, pouco conta para a descrição do sentimento. Sofrer fisicamente pode mesmo tornar-se um hábito. Pode não ter já qualquer manifestação exterior. Não é o mesmo o que se passa com o sentimento de ausência. Estar ausente da Festa, depois de se ter participado activamente nas onze já passadas — mas tão próximas, e especialmente neste ano de tantos modos especial para o nosso Partido — é, no caso que procuramos transmitir, um sentimento nunca experimentado. O sentimento de ter deixado de participar de repente naquilo que tem feito parte de uma vida — um momento sempre irrepetível da sua vida. Sabe-se que esteve muita gente, incontável multidão, conhecida, desconhecida, um mundo de pessoas solidárias e mais próximas — não só fisicamente — nesses dias da Festa.

Parece que são um pouco os outros que se ausentam de nós neste sentimento muito pessoal. Nunca será a mesma coisa ver depois em vídeo toda a Festa, como ela aconteceu. Não. Nada poderá curar esse sentimento de ausência, mesmo que dele esteja afastada a noção de perda, embora muito concretamente se perca alguma coisa neste caso que nos ocupa. Mas, assim como o sofrimento natural na doença, não é a perda que aqui importa substancialmente. Procuramos perceber. O que conta é o facto — pois facto nos pareceu — de ter deixado escapar para sempre um momento de alegria pessoal. Mesmo com a EP no bolso, comprado também o programa da Festa, lendo os jornais, ouvindo a rádio, vendo os escassíssimos instantes televisivos que a Festa suscitou, não há nenhum elemento de substituição. Falta, por exemplo, um cumprimento «cúmplice», um cá estamos como sempre — banal mas amigo aceno sempre tão significativo e reconfortante. Daí as perguntas hesitantes aos que lá foram e nos estão mais próximos: Viste fulano? Estava com a mulher? Estava vento? O bolo tinha areia? Como foi o Mory Kanté? As respostas nunca satisfazem. Nunca ninguém vê como nós. Fulano embateu com o carro, felizmente ninguém se feriu; beltrano andou sempre de tronco nu; cicrana pouco mais trazia que uns calções.

Nada de política. Não é da política propriamente dita que vem o sentimento de ausência — da ausência de si próprio. Também não é — oxalá fosse — um hábito que nos falta, uma frustração, por assim dizer, uma carência. É um sentimento muito íntimo, inexpressível, uma tristeza não evidente, escondida, indefinível, como a de ter estado, sem ter estado, lá... um momento da memória perdida, difícil de reinventar. Não fui nesse ano. A primeira vez em Loures, não estive lá. É tão simples e tão complexo como isso. Não é devoção ao Partido nem à Festa. É um sentimento quase apenas animal — se a expressão é permitida, se os animais têm disso — um sentimento egoísta. De afastar? Talvez. Mas não cremos que seja saudável ignorá-lo. Nem isso seria, afinal, possível. Daí esta triste tentativa de manifestá-lo com meios muito escassos e impróprios, até, para a profundidade que nos pareceu ter o sentimento de ausência. É uma espécie de negação não superada do sentimento de participar com todo o corpo — sensualmente, pode-se dizer — num corpo maior de que nós sabemos, talvez erradamente e imprópriamente, ser parte imprescindível enquanto andarmos ao cimo da Terra. Não é solene, nem sequer muito particular talvez esse sentimento, mas o seu egoísmo não parece motivo de culpa, nem pode pesar na consciência militante. Parece-nos apenas um sentimento pessoal, transmissível neste caso, digno de menção, embora à superfície apenas. Um rosto que falta na multidão.

Esta é uma pequena lembrança dedicada a quem não pôde este ano ir à Festa do «Avante!».

■ A.L.



O bom funcionamento da Festa não poderia ter sido uma realidade sem a preciosa colaboração de diversas entidades, entre as quais se contam a Câmara Municipal de Loures e os seus serviços municipalizados, a Rodoviária Nacional, os Bombeiros Voluntários de Loures e a Guarda Nacional Republicana. Para todas estas entidades e para tantas quantas conosco colaboraram uma palavra muito especial de apreço.



Rifa do moscatel

Na OR de Setúbal houve moscatel e sorteio. Aqui ficam as rifas contempladas: 1.º — 2151; 2.º — 1127; 3.º — 3092. Parabéns!



Uma obra colectiva

A construção da Festa do «Avante!» é, a todos os títulos, uma obra colectiva. Por exemplo, a nível da elaboração do plano central e de decoração dos interiores trabalharam no projecto um total de 32 técnicos, entre arquitectos, escultores e artistas plásticos.

Os cinco arquitectos: Celestino de Castro, Helena Martins, Justino Moraes, Mário Moreira e Pires Martins.

Dois escultores: Virgílio Domingos e Trindade, que é também o autor da medalha da Festa.

Os vinte e quatro artistas plásticos: Ambrósio, Bruno Serra, Eduardo Lima Teixeira, Eduardo Neves, Fátima Neves, Fernando Filipe, Filipe Dinis, Frederico Mira, Guilherme Casquilho, Ivone Luís Ralha, João Miguel, Jorge Neves, José Araújo, José Machado, Leonor Mendes, Luís Quaresma, Luís Ralha, Luís Rodrigues, Mário Caeiro, Miguel Lima, Reinaldo Silva, Rodrigo de Freitas, Teresa Fonseca e Tomás Maia. ■

Sorteio
da EP

65 460 é o número
da sorte

65 460 é o número. Aquele número por que tantos já nos perguntaram.

65 460 é o número da EP que corresponde a um automóvel Wartburg.

Este sorteio decorreu na tarde de domingo perante o

testemunho de milhares de pessoas e, como todos os sorteios, ditou a sua sorte.

Quem tiver a Entrada Permanente para a Festa com o número 65 460 pode contactar com a Festa do «Avante!».

Este número dá-lhe um automóvel Wartburg, fabricado

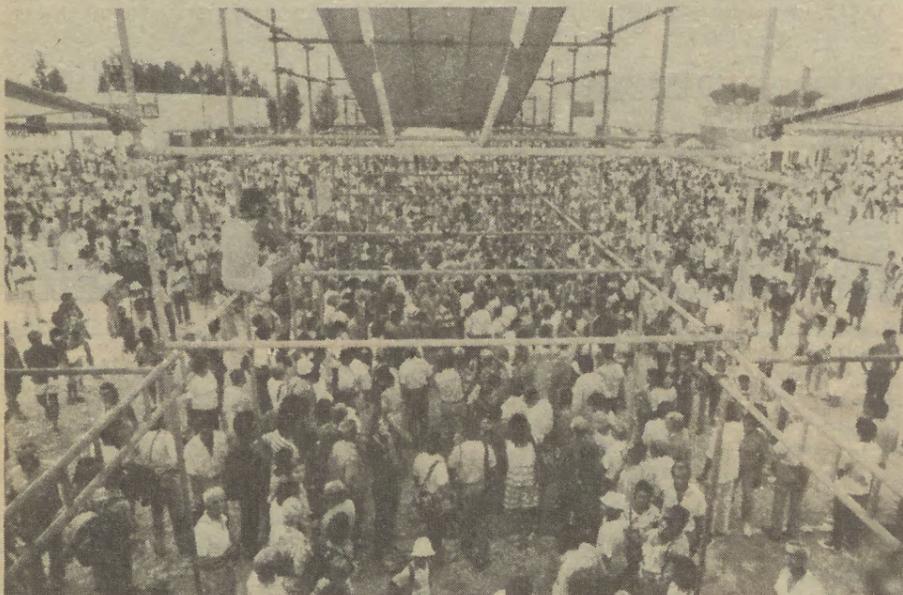
na República Democrática Alemã. Se é você o detentor desta EP, os nossos parabéns.

Se não é, os nossos parabéns também para si. Que ajudou a que a festa fosse aquela Festa! ■



Não é pose para a fotografia. Eles dançaram mesmo...

O PCP presente!



Na abertura da Festa, na sexta-feira. Álvaro Cunhal no meio da multidão



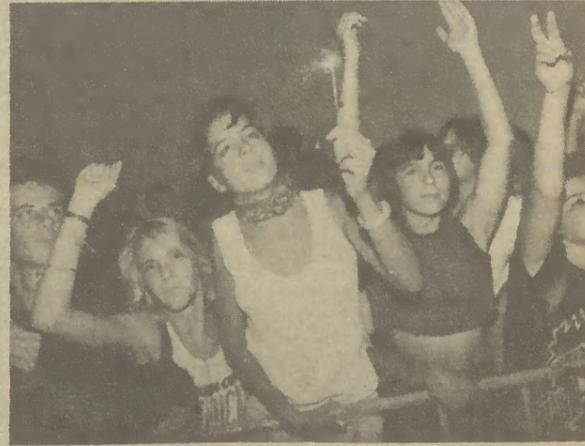
Uma refeição em plena Festa do «Avante!»-1988



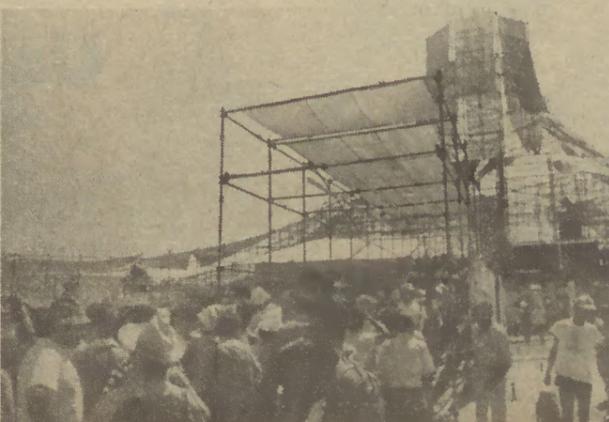
Um momento de concentração



Rostos bonitos e simpáticos



Juventude, música — a Festa dentro e fora dos palcos



«Bichas» constantes para ver a exposição central



Que se passa com este visitante?

Agenda /

Swante!

Ano 58 – Série VII
N.º 768

15 de Setembro de 1988

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

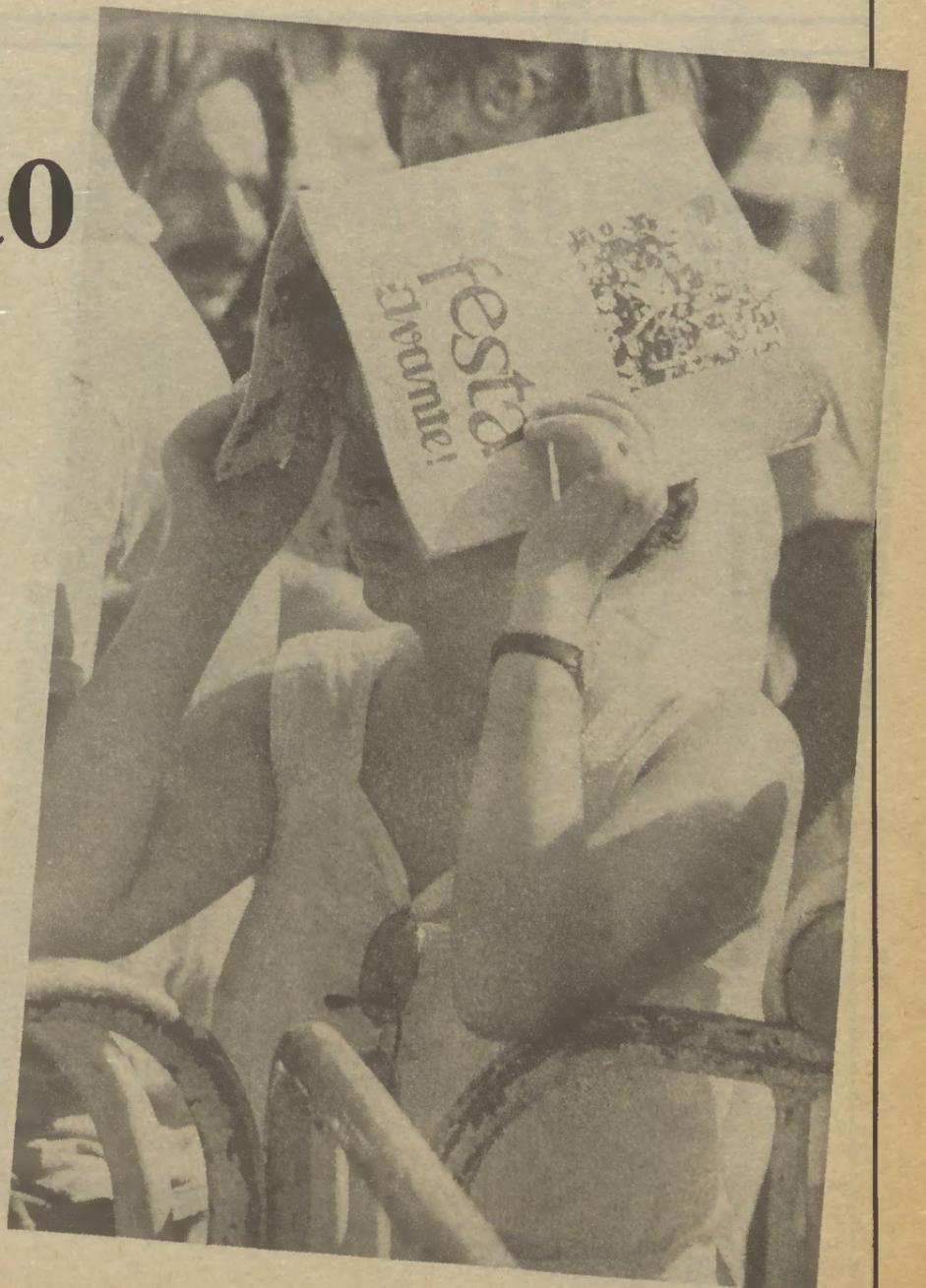


XII festa
Swante!

... e agora a desimplantação

Continua o trabalho, embora a Festa tenha acabado. Nos próximos dias há muito que fazer no terreno do Infantado, em Loures.

Desmontar e guardar materiais, conservá-los bem porque, para o ano, há mais Festa!



TV O Programa

Quinta 15

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Às Dez
- 12.20 - Telenovela «Selva de Pedra» (105.º epis.)
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Série «Linha da Fantasia» (11.º epis.)
- 14.30 - Acção de formação de professores e monitores
- 17.00 - Brinca Brincando
- 17.30 - Ponto por Ponto
- 18.30 - Estúdio 4
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.20 - Série «Duarte & C.ª» (11.º epis.)
- 21.00 - Primeiro Andamento: Cinco tangos pelo Ballet Gulbenkian
- 21.35 - Telemundo
- 22.00 - Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins (Espanha-Portugal)
- 23.05 - 24 Horas
- 23.40 - Remate

RTP2

- 14.30 - Série «Filhos e Filhas» (54.º epis.)
- 14.55 - Série «Joana» (12.º epis.)
- 16.00 - Série «Quem Sai aos Seus» (12.º epis.)
- 16.25 - Trinta Minutos Com...
- 16.55 - Telenovela «Helena» (52.º epis.)
- 17.35 - Série «O Regresso de Antilope» (12.º epis.)
- 18.00 - Série «Equinócio» (11.º epis.)
- 19.00 - Totally Live
- 19.55 - Série «O Fugitivo» (74.º epis.)
- 20.45 - Cem Grandes Quadros
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Montra de Livros
- 21.35 - Série «A Campanha» (4.º epis.)
- 22.30 - Século XX: «A Herança de Yalta»

Sexta 16

RTP1

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - Às Dez

- 12.20 - Telenovela «Selva de Pedra»
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Série «A Herança dos Guldenburgs» (3.º epis.)
- 14.30 - Acção de formação de professores e monitores
- 17.00 - Brinca Brincando
- 17.30 - Ponto por Ponto
- 18.30 - Estúdio 4
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.15 - Série «Duarte & C.ª»
- 20.40 - Escolher Saúde (Oftalmologia)
- 21.05 - Série «Homens da Segurança» (8.º epis.)
- 21.55 - Série «Brasil» (4.º programa)
- 22.25 - 24 Horas



- 23.00 - Pela Noite Dentro: «Infidelidades», real. David Lowell Rich (EUA/1986)
- 00.25 - Jogos Olímpicos (Cerimónias de abertura)

RTP2

- 14.30 - Série «Filhos e Filhas»
- 14.55 - Agora Escolha!
- 16.25 - Trinta Minutos Com...
- 16.55 - Telenovela «Helena»
- 17.30 - Série «Os Mistérios da Lua» (1.º epis.)
- 18.00 - Série «Basquetebol Americano» (9.º epis.)
- 19.00 - Totally Live
- 19.55 - Série «O Fugitivo»
- 20.45 - Cem Obras de Arte Portuguesa
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Montra de Livros
- 21.35 - Clube de Jornalistas
- 22.10 - Série «A Demissão» (3.º epis.)
- 23.05 - Entre Barreiras
- 23.30 - Troféu

Sábado 17

RTP1

- 10.00 - Juventude e Família
- 12.05 - Rock, rock, rock
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Série «A evolução dos transportes em Portugal» (1.º epis.)
- 14.00 - Roda de Amigos
- 14.25 - Chick Corea com Stanley Clarke
- 15.30 - Sessão da Tarde: «O Estranho Misterioso», real. William Perry (RFA/1982)
- 17.05 - Série «Alô, alô» (10.º epis.)
- 18.00 - Jogos Olímpicos
- 19.20 - Sete Folhas
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado
- 21.15 - Boletim Meteorológico
- 21.20 - Série «Alf, uma coisa do outro mundo» (14.º epis.)
- 22.20 - Jogos Olímpicos

RTP2

- 10.00 - Compacto «Totally Live»
- 13.05 - Compacto «Selva de Pedra»



- 16.00 - Bailado «A Idade do Ouro», de Dmitri Chostakovitch, gravação ao vivo no Teatro Bolchoi
- 18.00 - Série «Buster Keaton» (1.º epis.)
- 19.00 - Garfield
- 19.30 - Jogos Olímpicos
- 21.10 - Série «Hill Street» (3.º epis.)
- 22.05 - Cinema da meia-noite: «Zona de Perigo», real. David Cronenberg (EUA/1983)

Domingo 18

RTP1

- 08.00 - Jogos Olímpicos
- 10.00 - Juventude e Família
- 11.00 - Missa
- 12.05 - 70x7
- 12.30 - TV Rural
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Série «Elvis e Eu» (1.º epis.)
- 14.00 - Dialochi con gli etruschi
- 14.55 - Primeira matinée: «Herói por Acaso», real. Edward Cline (EUA/1940)
- 16.15 - Série «O Cavalo» (2.º epis.)
- 16.40 - Série «O Justiceiro»
- 18.00 - Jogos Olímpicos
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico



- 20.45 - Série «Nas Mãos de um Estranho» (4.º e últ. epis.)
- 21.45 - Série «Eu Sou da Noite» (1.º epis.)
- 00.50 - Domingo Desportivo

RTP2

- 10.00 - Troféu
- 13.00 - Music Box
- 14.00 - Caminhos
- 14.30 - Novos Horizontes
- 15.00 - Troféu
- 17.00 - Ideias & Negócios
- 18.15 - Série «A Bela e o Monstro» (5.º epis.)
- 19.05 - Série «Quem Sai aos Seus...»
- 19.30 - Jogos Olímpicos



- 21.55 - Artes e Letras (Salvador Dali)
- 23.00 - Cineclube «A Vitela», real. Luis Garcia Berlanga (Espanha/1985).

Segunda 19

RTP1

- 08.00 - Jogos Olímpicos
- 10.00 - Às Dez
- 12.20 - Telenovela «Selva de Pedra»
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Série «O Império de Carson»
- 14.20 - Rotas do Extremo Ocidente (Alto Alentejo)
- 15.00 - 4.º Concurso Eurovisão de Jovens Músicos (1.ª parte)
- 16.00 - Brinca Brincando
- 17.00 - Ponto por ponto
- 18.00 - Jogos Olímpicos
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim meteorológico
- 20.15 - Série «Duarte & C.ª»
- 20.55 - Série «Gente de Sucesso» (Vieira da Silva)
- 21.30 - Rão Klao no Coliseu
- 22.20 - Jogos Olímpicos.

RTP2

- 14.30 - Série «Filhos e Filhas»
- 14.55 - Agora Escolha!
- 16.25 - Trinta minutos com...
- 16.55 - Telenovela «Helena»
- 18.00 - Série «Um amigo especial»



Os Jogos Olímpicos na TV

Sábado

- 01.30 - RTP-1 - Cerimónia de abertura (em directo)
- 18.00 - RTP-1 - Cerimónia de abertura (resumo)
- 19.30 - RTP-2 - Saltos de alto voo
- 22.30 - RTP-1 - Pugilismo

Domingo

- 08.00 - RTP-1 - Saltos de alto voo (final S)
- 18.00 - RTP-1 - Sumário A
- 19.30 - RTP-2 - Halterofilia, natação
- 22.30 - RTP-1 - Natação, ginástica, sumário B

Segunda-feira

- 08.00 - RTP-1 - Natação (finais)
- 18.00 - RTP-1 - Sumário A
- 19.30 - RTP-2 - Remo, halterofilia
- 22.30 - RTP-1 - Ginástica, sumário B

Terça-feira

- 08.00 - RTP-1 - Ginástica
- 18.00 - RTP-1 - Pentatlo moderno (natação), sumário A
- 19.30 - RTP-2 - Saltos de trampolim (final H), natação, luta greco-romana (finais), halterofilia
- 22.30 - RTP-1 - Ginástica, sumário B

Quarta-feira

- 08.00 - RTP-1 - Natação (finais)
- 18.00 - RTP-1 - Sumário A
- 19.30 - RTP-2 - Halterofilia, luta greco-romana (finais), esgrima (final florete individual B)
- 22.30 - RTP-1 - Ginástica, sumário B



- 18.30 - Série «Histórias maravilhosas» (13.º e últ. epis.)
- 19.39 - Jogos Olímpicos
- 19.55 - Série «O fugitivo»
- 22.00 - Jornal das nove
- 22.30 - Montra de livros
- 22.35 - Teatro «Terre étrangère» de Arthur Schnitzler.

Terça 20

RTP1

- 08.00 - Jogos Olímpicos
- 10.00 - Às Dez
- 12.20 - Telenovela «Selva de Pedra»
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Série «Dallas»
- 14.10 - Jogos Olímpicos
- 15.00 - Aniversário TV da Galiza
- 16.00 - Brinca Brincando
- 17.00 - Ponto por ponto
- 18.00 - Jogos Olímpicos
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim meteorológico
- 20.15 - Vamos jogar no Totobola
- 20.35 - Série «Duarte & C.ª»
- 21.15 - Programa da Direcção de Informação
- 22.20 - Jogos Olímpicos.

RTP2

- 14.30 - Série «Filhos e Filhas»
- 14.55 - Dois dedos de conversa
- 16.25 - Trinta minutos com...
- 16.55 - Telenovela «Helena»
- 17.35 - Série «Histórias fantásticas de Ray Bradbury
- 18.00 - Music box especial («Via rápida»)
- 19.30 - Jogos Olímpicos

- 22.00 - Jornal das nove
- 22.30 - Montra de livros
- 22.35 - Cinemadois «Na idade da inocência» («L'argent de poche»), real. François Truffaut (França/1976).

Quarta 21

RTP1

- 08.00 - Jogos Olímpicos
- 10.00 - Às Dez
- 12.20 - Telenovela «Selva de Pedra»
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Série «Fama
- 14.15 - Série «Missões de paz»
- 15.00 - Aniversário TV da Galiza
- 16.00 - Brinca Brincando
- 17.00 - Ponto por ponto
- 18.00 - Jogos Olímpicos
- 19.30 - Telejornal
- 20.05 - Boletim meteorológico
- 20.20 - Série «Duarte & C.ª»



- 20.50 - Lotação Esgotada «O herói do ano 2000» («The sleeper»), real. Woody Allen (EUA/1973)
- 22.20 - Jogos Olímpicos.

RTP2

- 14.30 - Série «Filhos e Filhas»
- 14.55 - Agora Escolha!
- 16.25 - Trinta minutos com...
- 16.55 - Telenovela «Helena»
- 17.30 - Viagem do Mimi
- 18.00 - Série «Viagem de noite» (2.º epis.)
- 19.30 - Jogos Olímpicos
- 22.00 - Jornal das nove
- 22.30 - Montra de livros
- 22.35 - Série «Joana»
- 23.20 - Clube de Imprensa
- 00.05 - Fantasia e realidade.

O militante

Activa-se a preparação do Congresso do Comité Central

festas

Avante!

Setembro 1988 • N.º 160 • Preço 505.000

LOUIS 9/10/88 SETEMBRO 1988

Cinema

A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Gente de Dublin	—	★★★★	★★★★	★★★★	★★★
B Frenético	—	★★★	—	—	★★★
C Setembro	—	—	—	★★★★	—
D O Príncipe das Trevas	—	★★★	—	★★★	—

A — Real. John Huston — em Lisboa **Amoreiras** (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45, 24.00); em Mem Martins: **Dois Eme** (6.ª, 2.ª e 3.ª, às 21.30, sáb. e dom. também às 15.00 e 18.00); em Nova Oeiras: **Palmeiras** (de 16 a 20, 6.ª, 2.ª e 3.ª às 15.15 e 21.30, sáb. também 18.15 e 24.00, dom. também 18.15).

B — Real. Roman Polanski — em Lisboa: **Amoreiras** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) **Nimas** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30), **Quarteto** (15.00, 17.00, 19.00, 21.30; sáb. também às 23.30), **Tivoli** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); em Carcavelos: **Atlântida** (de 16 a 20, às 15.30 e 21.30; 16 e 17 também às 24.00); em Cascais: **Miramar** (até dia 20, às 15.15 e 21.30, sáb. também às 18.15 e 24.00, dom. também 18.15); no Porto: **Trindade** (até dia 20, às 15.00, 18.00 e 21.30; 6.ª e sáb. às 15.00, 18.00 e 24.00).

C — Real. Woody Allen — em Lisboa: **Hollywood** (14.30, 16.45, 19.00, 21.30, 24.00), **Las Vegas** (15.30, 18.45, 21.45 — de 2.ª a 6.ª; sáb. e dom. — 14.00, 16.30, 19.00, 21.45), **Londres** (15.00, 18.15, 21.30; sáb. também às 24.00), **São Jorge** (14.30, 16.30, 18.45, 21.15).

D — Real. John Carpenter — em Lisboa: **Alfa** (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), **Amoreiras** (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45, 00.15), **Castil** (15.30, 18.30, 21.30 — até hoje); **Fonte Nova** (14.45, 17.00, 19.15, 21.45 — até hoje); em Almada: **Cristal** (de 16 a 18, às 15.30, 18.30, 21.45; dia 19, às 15.30 e 21.45); em Loures: **Modelo** (de 16 e 20, às 15.30, 18.30, 21.30); em Oeiras: **Alto da Barra** (de 16 e 20, 6.ª, 2.ª e 3.ª às 15.15 e 21.30, sáb. e dom. também 18.15).

...e ainda

Música, debates, etc.

Por esse país fora é tempo de feiras, festas populares e romarias. Deixamos ao leitor e ao acaso de algum resto de férias a escolha destas iniciativas e acrescentamos ainda as que se seguem.

Cinema

A Sociedade Portuguesa de Autores iniciou ontem um ciclo de cinema de opinião depois de Abril, projectando às quartas-feiras, até ao dia 26 de Outubro, filmes realizados em Portugal depois da Revolução. As sessões iniciam-se às 18 horas, decorrem na sede da SPA (Av. Duque de Loulé, 31) e têm entrada livre.

Por apresentar estão ainda «Deus, Pátria, Autoridade», «Nós por cá todos bem», «A confederação», «A fuga» e «Velhos são os trapos».

No Forum Picoas (sessões às 19.00 e 22.00, bilhetes a 200\$00, ou 15\$00 com cartão jovem), mantém-se o ciclo «Sonoro Filmes»: hoje e 6.ª — «Os Ricos e os Pobres», de John Landis, com Dan Aykroyd e Eddie Murphy; sáb. e dom. — «Do Fundo do Coração», de Francis Ford Coppolla, com Frederic Forrest, Teri Garr e Nastassia Kinski; 19 e 20 — «Dinheiro do Céu», de Herbert Ross, com Steve Martin, Bernadette Peters e Christopher Walker.

Na Cinemateca Portuguesa (Rua Barata Salgueiro — bilhetes a 150\$00, à venda uma hora antes do início de cada sessão) continua o **Tarzan-Weissmuller**, com sessões sábado às 15.30 e 18 horas, e 2.ª às 18.30 e 21.30.

O **Auditério Carlos Alberto** (sessões às 15.30 e 21.30) continua a passar no Porto «Grandes nomes do cinema europeu»: 6.ª «A Mulher do Lado», de François Truffaut; sáb. «Robocop, o polícia do futuro», de Paul Verhoeven; dom. — «A Mulher Pública», de Andrzej Zulawski; 2.ª — «Querelle, Um Pacto com o Diabo», de Rainer Werner Fassbinder; 4.ª «O Meu Tio da América», de Alain Resnais. Regressamos a Lisboa, para lhe sugerir que tome nota disto: de 22 a 29 de Setembro decorre no «Apolo 70» mais uma semana do cinema soviético.



Encontro com o cosmonauta Vladimir Soloviev

Hoje, a partir das 18.15 horas, o cosmonauta e herói da União Soviética Vladimir Soloviev, que se deslocou a Portugal para participar na 12.ª Festa do «Avante!», encontra-se com dirigentes e sócios da Associação Portuguesa-URSS. O encontro realiza-se em Lisboa, na sede da Associação (Rua de São Caetano, 30, à Lapa), e é aberto ao público (com entrada livre).

Música

A **Nova Filarmónica Portuguesa** iniciou a sua 5.ª série nacional de concertos, com patrocínio do Presidente da República, abrindo assim a temporada 1988/89. Dirigida pelo maestro Álvaro Casuso, apresenta-se hoje às 21.30 no Palácio de Queluz, amanhã às 21.30 em Santo Tirso, sábado às 21.30 no salão dos Bombeiros Municipais de Vale de Cambra, domingo às 17.30 no Convento da Graça de Castelo Branco, quarta-feira às 21.30 no Pavilhão de Exposições da Ajuda, em Lisboa.

O **Teatro Nacional de S. Carlos** apresenta «A vingança da cigana», ópera em três actos de António Leal Moreira, com encenação de Carlos Avilez. Estão marcadas representações para os dias 19, 21, e 23 às 21.30 horas, no Teatro Municipal de S. Luiz. Na Amadora, inte-

grada nas comemorações dos 9 anos do município, realiza-se no sábado o Dia do Alentejo, com a actuação de ranchos, grupos corais e bandas de música; para domingo está marcado um festival/concurso de bandas populares, a partir das 10 horas, no Parque Central; terça-feira a Orquestra Ligeira do Exército dá um concerto na sala D. João V, na Damaia. Em Arraiolos decorre até domingo a Festa da Juventude amanhã à noite actua Rui Veloso; domingo, frente ao cineteatro, há «caté-concerto» a partir das 21 horas, com vários momentos musicais e um festival de música popular.

Artistas do Seixal

A Câmara Municipal do Seixal organiza um encontro de artistas plásticos residentes no concelho por ocasião do seu 152.º aniversário (6 de Novembro). Os interessados podem desde já contactar o Departamento de Cultura, Desporto e Juventude da Câmara —

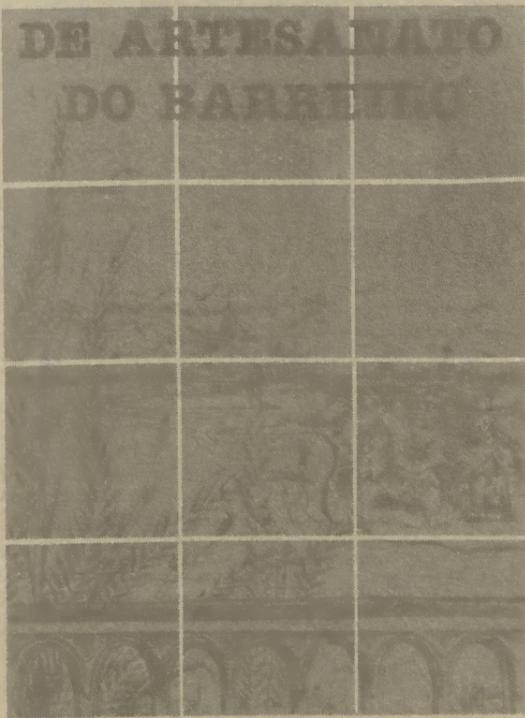
De amanhã até dia 25, a Junta de Freguesia do Alto Seixalinho e a Câmara Municipal do Barreiro organizam a sua 1.ª Feira Nacional de Artesanato. O certame dispõe de 50 pavilhões e funciona na Av. de Santa Maria, no Barreiro: de 2.ª a 6.ª — das 20 às 23.30, sábado e domingo — das 15 às 23.30.

Rua Cons. Fernando Sousa, 2 — 2840 SEIXAL.

E ainda...

Sábado, às 15 horas, abre a 1.ª Bienal de Gravura da Amadora, na Galeria Municipal. Domingo, às 9.30, inicia-se a 6.ª Travesia Baptista Pereira, Vila Franca de Xira a Alhandra.

1.ª FEIRA NACIONAL DE ARTESANATO DO BARREIRO



16 a 25 de Setembro de 1988

JUNTA DE FREGUESIA DO ALTO SEIXALINHO
CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)

Tempo Fim de Semana



Para Sábado e Domingo:
Céu geralmente limpo, vento de Leste, fraco ou moderado. Subida de temperatura.

Teatro

O Cartaz

• LISBOA

Comuna (Praça de Espanha, de 3.ª a dom., às 21.45) — **Maria! Não me Mates, Que Sou Tua Mãe!**, de Camilo Castelo Branco, adapt. e enc. de Fernando Gomes. **Edipo Rei**, de Sófocles, enc. de João Mota (hoje e sábado às 18.30, amanhã às 21.30).

Ritz Club (Rua da Glória, 57; de 3.ª a dom., às 22 horas) — **Off-Broadway: Made in Brazil**, espectáculo musical com texto e representação de Luiz Carlos Nino com 8 músicos.

Teatro ABC (Parque Mayer, de 3.ª a 6.ª, às 20.30 e 22.45; sáb. e dom. também às 16 horas) — **Olha a Bolsa, ó Zé**, de César de Oliveira/H. Santa-

na/Gonçalves Preto, enc. de Paulo César.

Teatro Aberto (Praça de Espanha, de 4.ª a sáb., às 21.30; dom. às 16 horas) — **A Nave Adormecida**, de Fernando Dacosta, enc. de Castro Guedes, pelo Novo Grupo.

Teatro do Bairro Alto (Rua Tenente Raul Cascais, 1-A; de 3.ª a sáb., às 21.30, dom. às 16 horas) — **Auto da Feira**, de Gil Vicente, enc. de Luís Miguel Cintra, pelo Teatro da Cornucópia.

Teatro Maria Matos (Av. Frei Miguel Contreiras, 3.ª, 4.ª e 5.ª às 21.30; 6.ª e sáb. às 20 e 22.30; dom. às 16 e 21.30) — **Enfim Sós**, de Carlos Cruz, José Duarte, Mário Zambujal.

Teatro Variedades (Parque Mayer, de 3.ª a dom., às 20.30 e 22.45; dom. também



às 16) — **A Prova dos Novos**, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazareth Fernandes, enc. de Maria Helena Matos e Marina Mota.

Teatro Villaret (Av. Fontes P. de Melo, 31-A, de 3.ª a sáb., às 21.30; dom. também às 16 horas) — **Criada Para Todo o Serviço**, enc. de Armando Cortez.

• ESTORIL

Cine-Teatro do Casino (5.ª a sáb., às 21.30; dom. às 17.30) — **Obrigado Pelo Amor de Você**, de Edgard Neville, enc. de Gracindo Júnior.

• S. GERALDO

Bonecos de Santo Aleixo — Hoje, pelo Centro Cultural de Évora, em S. Geraldo (Montemor-o-Novo).

Exposições

• LISBOA

Colectiva de alunos da António Arroio (ano lectivo 87/88). Na António Arroio, de 2.ª a 6.ª das 9.00 às 20.00 (até 7/10).

Companhia Rey Colaço/Robles Monteiro — no Museu Nacional do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a dom. das 10.00 às 13.00 e das 14.30 às 17.00.

Escultura Portuguesa dos Séc. XIII a XVIII, Museu de Arte

Antiga, Janelas Verdes.

Gravura mexicana contemporânea (130 obras de 12 artistas) — nas galerias das exposições temporárias da Gulbenkian.

Homenagem a Joseph Buys — Gravuras. Gal. Almada Negreiros, Av. da República, 16. De 3.ª a dom. das 10.00 às 20.00.

Lino António — Pintura. Gal. de Arte dos CTT, Forum Picoas, Av. Fontes Pereira de Melo. De 2.ª a 6.ª das 11.00 às 13.30 e das 14.30 às 19.00.

Ouiversaria Portuguesa («Linguagem



dos nossos ourives (séc. XII/XIX)» e «Linguagem dos novos materiais»). Galeria do Palácio da Ajuda.

Oxido de ferro (escultura e desenho de António Silva e Rui Vasques) — na Voz do Operário, de 2.ª a 6.ª das 10 às 19 e das 20 às 22 horas e aos sábados das 15 às 19 (até dia 27).

Ruben Nakian (escultura) — Na Gulbenkian, das 10 às 17 horas; encerra à 2.ª, e à 4.ª e sáb. de manhã (abrindo até às 19). Abre hoje às 18.30, mantém-se até 13 de Novembro.

8.º Salão Nacional de Pintura Naif — Colectiva de 55 autores. Galerias do Casino Estoril, das 15.00 às 24.00 (até dia 18).

Titina Maselli (pintura) — Na Gulbenkian, até dia 25.

• OUTRAS LOCALIDADES

Raquel Zagallo e Bernardette de Freitas — Cerâmica. Das 10.00 às 18.00, até 15/9, Biblioteca Pública — ALMADA.

1.ª Mostra de Escultura ao Ar Livre. Até 30/9, Parque Central — AMADORA.

Colectiva de Pintura e Escultura. Até 30/9, Museu Souza-Cardoso — AMARANTE.

«Traje Popular na mudança do século nos arredores de Braga». Gal. da Universidade (até 15/9) — Braga.

A Arte da Miniatura em Barro — Colectiva de cerâmica. Até 18/9, Museu José Malhoa — C. DA RAINHA.

Colectiva de Pintura e Escultura. Almada Galeria, Av. Gen. Humberto Delgado, das 17.00 às 23.00 (até 15/9) — COSTA DA CAPARICA.

Manuel Baptista — Pintura e desenho. Até 30/9, Gal. de Arte do Convento Espírito Santo — LOULÉ.

Loures em Imagens do Passado — A Memória das Coisas — Recolha fotográfica e etnográfica. Museu Municipal de Loures/Casa do Adro. De 3.ª a dom. das 10.00 às 17.00 (até 10/12) — LOURES.

Tapetes orientais da colecção do Museu Gulbenkian. Até 25/9 no Palácio Nacional — MAFRA.

Fotoporto («Dez exemplos de fotografia de autor em Espanha») e «Nouvelles figuras/Homenagem a Philippe Chaveau» — de amanhã (22 horas) até 5 de Outubro, na cooperativa Árvore (Rua Azevedo de Albuquerque, 1) — PORTO.

Luis Ralha — Pintura. Junta de Freguesia de Santiago — SESIMBRA.

Manuel San-Payo — Pintura. Centro Cultural Emmerico Nunes — SINES.

Vitor Pomar — Pintura. Gal. Spatium e Casa Museu Álvaro de Campos — TAVIRA.

Na Fotografia a Diferença — Colectiva de fotografia. Até 18/9, Galeria Municipal de Exposições — VILA FRANCA DE XIRA.

Bartolomeu Cid dos Santos — Exposição de gravura integrada na VI Bienal Internacional de Arte — VILA NOVA DE CERVEIRA.

a TV

Pela mão de um maneta

Jornal de Sábado apresentou uma peça sobre a venda da Capital a Pinto Balsemão. Houve referências às estranhas ligações de empresários portugueses aos grandes potentados internacionais da informação. Na terceira parte da matéria esteve em discussão o sector público da informação.

Quanto à Capital apenas ouviram Pinto Balsemão, embora outras forças estivessem envolvidas no processo. Deve ser a isto que lá em casa chamam «objectividade».

Claro que o dinâmico empresário acha que o Governo decidiu bem ao fazer «uma opção meramente técnica». Opções «meramente técnicas» no mundo da política há-de alguém vir contar-me o que é isso mais do que um barrete para esconder calvícies, caspas ou perucas.

A sua opinião é que o Estado pode ser dono da televisão e da rádio, mas não de jornais. Talvez porque o Estado seja alérgico à tinta de impressão?

Carlos Barbosa, no «frente a frente» mantido, logo depois, com Artur Portela, iria mais longe: o Estado não deve ser dono nem de rádio, nem de televisão, nem da imprensa. E isso por uma razão muito simples: o capital privado «garante melhores condições de rigor, de objectividade e de pluralismo». Pode ser uma anedota. Mas está muito mal contada...

Artur Portela não é da mesma opinião e acentua que não foram muitas as intervenções estatais na televisão e na rádio.

Vejamos. A natureza democrática da informação estatizada depende da natureza democrática do Estado, tal como a natureza da informação privada depende da natureza das forças envolvidas.

Assim, à medida que o Estado, em Portugal se foi afastando dos ideais do 25 de Abril, a informação perdeu o seu carácter pluralista. Hoje, sob o domínio de Cavaco, é o que se vê.

Artur Portela compreenderá que o Estado terá menos ocasiões de intervir quanto mais dominar o aparelho. Repare ele nas vozes progressistas da informação da RTP contam-se pelos dedos da mão de um maneta.

... ou talvez não

Claro que não é o Governo português quem manobra a televisão analisar os fenómenos sociais nos países do Leste de maneira tão agressiva e catastrófica. Quem ouvir os finos, os santos pereiras, etc., etc., ficará com a impressão de que, naqueles países, o socialismo está ultrapassado e que só o capitalismo tem futuro. Os povos desses países estar-se-iam mesmo batendo galhardamente pelo capitalismo...

Claro que não é o Governo quem os manobra. Mas se eles lá estão é exactamente para fazerem o que fazem sem que o Governo os mande...

No **Jornal de Sábado** em questão e fazendo a ponte (?) com a situação da informação no nosso país, lá veio uma nova (velhíssima!) peça sobre os países socialistas. Foi uma autêntica peça... de artilharia.

Em geral, a RTP escolhe um alvo para fazer pontaria, dependendo das épocas de caça. Ultimamente tem estado a Polónia sobre o fogo da RTP. Mas depois variam, atacam-se a outro. Quando não há motivação imediata, recorrem às efemérides e às imagens de arquivo.

Mas no último sábado Moniz, Fino & Cia. estavam desastados. Valeu tudo. A Polónia, a Hungria, a Roménia, a URSS, a Jugoslávia... Tudo ao mesmo tempo. Verdadeiro «órgão de Estaline»...

A atmosfera tornou-se irrespirável sob os escombros do socialismo desfeito a pontapé e à cacetada pelo narrador. Quem sofre de miséria e desemprego num país capitalista; quem sonhe com um futuro melhor conduzido pelos trabalhadores; quem veja nos países socialistas um passo decisivo da Humanidade para a sua libertação — a esses, Moniz, Fino & Cia, dizem: perdei toda a esperança, capitalismo é que é bom...

Assim mesmo, qual seria o motivo de tanta sanha anticomunista concentrada num só Telejornal?... Mistério — ou talvez não.

Onde lhes dói...

Curiosamente, no supracitado «Jornal de Sábado» houve tempo para tudo — menos para nos dar algumas imagens — uma ao menos, para salvar a honra do convento! — da Festa do «Avante!».

Havia lá material bastante, em quantidade e qualidade, para encher largas horas de televisão em todos os domínios: artístico, social e político. Ostensivamente, agressivamente — a RTP ignorou tudo isso!

Decerto, no **Telejornal** de sexta-feira houve referência ao acontecimento sem, no entanto, se dar uma páida ideia da sua grandeza. Basta dizer que o **Telejornal** dedicou à Festa do «Avante!» o tempo de um minuto e cinco segundos! E não te zangues leitor, nem te irrites, há coisas que só com uma gargalhada. A gente sabe onde lhes morde...

No sábado, pois, nicles. Mas no **Jornal de Domingo** último dia da Festa, voltaram a falar dela, num apontamento exclusivamente dedicado ao discurso do Álvaro Cunhal. Quanto ao mais, outra vez nicles. Tempo dedicado à notícia: 2 minutos, sete segundos e 15 centésimos de segundo. Vai tudo assim, para não se dizer que roubamos no peso...

Nesse mesmo jornal, por exemplo, deram mais tempo a um desfile de modas (2 e 48) e aos saldos de Lisboa — 2 e 48 também. Isto é apenas para se ter uma ideia do critério jornalístico da imprensa na casa.

Repito, leitor: não te zangues, não te irrites. Não lhes dê essa importância. Ri. Onde lhes dói sabemos nós...

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

A generalidade da Comunicação Social deu naturalmente relevo à Festa do «Avante!», abordando-a, descrevendo-a, comentando-a ou referindo-a nas suas páginas e noticiários. Tratando-se, como se trata, da mais importante manifestação cultural, política, artística e social realizada no nosso País, não constitui surpresa tal atitude da maioria esmagadora dos órgãos de informação. As próprias excepções de alguns pasquins que por aí andam a sujar as mãos do pessoal já entraram na rotina e, de resto, dali não há nada decente a esperar.

Mesmo assim houve alguma surpresa quanto ao tratamento e relevo dado à Festa — e pela positiva. Na verdade em alguns jornais donde se esperaria, por anteriores indiferenças às actividades dos comunistas, uma cobertura pobre e redutora, surgiram excelentes trabalhos jornalísticos que nos apraz registar. A «bola preta» vai para uma senhora a quem, pelos vistos, misteriosamente convenceram que é jornalista e cuja hilariante prosa o «Diário de Lisboa» acolheu. Mas será isto uma surpresa?!...

Esta é a crónica possível, da reportagem impossível, dos espectáculos musicais da Festa do «Avante!».

Impossível porque, a partir das 15 horas de sábado e domingo, quatro palcos começaram a funcionar simultânea e ininterruptamente, até cerca da meia-noite. Nada mais nada menos do que 9 horas consecutivas de músicas de todos os géneros e para todos os gostos.

Uma pequena-grande máquina posta ao serviço da música e dos seus autores: dezenas de operadores de som e luz, electricistas, motoristas, cadeiras de espaldar, camarins floridos! Cá fora, o público mostra-se pouco complacente, exige rapidez e cumprimento de horários, quantas vezes «falhados» devido ao fusível que se funde, ao microfone que se avaria, ao amplificador que «estoiro»...

Sábado, por exemplo, 16 horas, bastidores do Palco 25 de Abril: Carrinhas chegam e partem, trazendo e levando artistas, transportando instrumentos e material de som.

Na régie, Ruben de Carvalho, responsável pela organização dos espectáculos, tem numa das mãos um de vários telefones e na outra um *walkie-talkie*. Dá indicações e distribui tarefas ao som da música do grupo Isabary, da Guiné-Bissau (...)

Bem mais calmas estão as coisas no Palco Lisboa, onde está a decorrer o II Festival da Canção Juvenil, enquanto que no Palco 1.º de Maio se apresenta o Quarteto de Jazz do soviético Gueorgui Garanian.

No percurso entre cada um dos palcos, o repórter mergulha no espectáculo gastronómico, que também é a Festa do «Avante!». Num dos pavilhões «actua» as fabulosas sandes de leitão da Bairrada. Adquirido um exemplar, a respectiva deglutição acabou por ocorrer mais abaixo, na companhia de um copo de vinho tinto de Pínel, capaz de transtornar a audição de qualquer peça musical, se bebido em quantidade desusada.

A Rádio Festa-88 vai-nos dando (conforme pode) conta, em directo, dos espectáculos que vão decorrendo neste ou naquele palco (...)

(«o diário», de 12/9/88)

• Oferecendo um espectáculo contagiante de ritmo, energia, cor e sentimentos o músico africano Mory Kanté foi a estrela incontestável da XII Festa do «Avante!». O seu concerto de quase duas horas deixou os mais de 80 mil presentes com a dança «infiltrada» nos corpos, e a sua mensagem de paz e anti-apartheid ficou no ar tal como o refrão «que nunca mais se esquece» de «Yeke Yeke».

Com uma cartaz pouco aliante, depois do cancelamento de Johnny Clegg, o músico sul-africano que está a bater recor-

des de popularidade em França, Mory Kanté conseguiu «aquecer» e surpreender uma assistência desmobilizada pelo frio que se fazia sentir em Loures e também pelo adiamento da actuação de Melanie, de sábado para ontem à noite, devido a um atraso no avião que a transportava.

Na verdade, a ventania que soprou na noite de sábado levantou ondas de poeira pouco agradáveis, não só para o público como para os artistas que, no enorme palco 25 de Abril, tentavam «fugir» dos inconvenientes, a nível de som, do forte vento que varria o recinto. Para além deste revés, o atraso na programação fez com que a actuação de Kanté prevista para as 23,30, só começasse às 0,45 horas.

Mas a longa e gelada espera foi bem compensada pela espectacular actuação de Mory Kanté e da sua excelente banda. Onze músicos de excepção ajudaram-na a espalhar a sua comunicação. Particularmente um casal imparável de saxofonistas, que funcionam também como bailarinos, cruzando o palco em animadas correrias. Loures (ele exibindo músculos tipo Rambo, ela insinuando a sua elegância), contrastavam com os restantes músicos, que, à excepção do teclista, são todos africanos. (...)

No que respeita aos portugueses, o prato forte foi servido no sábado à noite, também no palco 25 de Abril. Os Rádio Macau lideraram a representação do «rock» nacional, demonstrando mais uma vez que estão em grande forma. Privilegiando a apresentação de temas do último álbum, «Rádio Macau», o grupo encheu as medidas à assistência, com uma sonoridade cada vez mais distante do «pop» e cada vez mais «hard» (...)

Muito mais pacata foi a prestação de Rão Kyao, que apresentou uma selecção de temas seus e canções populares portuguesas e indianas. Apesar do som ter sido prejudicado pelas condições climáticas («o vento obriga-me a tocar de lado, espero que compreendam»), as suas flautas de bambu ecoaram no enorme recinto de Loures com a serenidade que as caracteriza.

Ao interpretar «Ó Rama, Ó que Linda Rama» num arranjo seu, Rão Kyao demonstrou uma vez mais as potencialidades inesgotáveis das flautas, acompanhado pela guitarra portuguesa de António Chainho e pelas percussões de Quim Jojó e João Represas. O teclista Renato Júnior, no piano, deu também um valioso contributo à banda.

(«A Capital» de 12/9/88)

• A poucos minutos do encerramento da Festa do «Avante!», animadas pela música de Júlio Pereira, as pessoas presentes conhecem o autor de «Grito de Alerta» e «Explode Coração».

Gonzaga, filho de Gonzaga, respondendo por Gonzaguinha, apresentou praticamente na íntegra o «show» que faz actualmente no Brasil, e que, dentro de um mês, levará aos Estados

Unidos. Temas que poucos conhecem, «Corações Marginais» por exemplo, levam ao rubro uma audiência rendida ao forró do papai, senhor do baía, mestre da música brasileira, Luís Gonzaga. Acontece, finalmente, o conhecer do compositor de temas cantados por Bethânia, Simone, Elis e tantos outros. A alegria da descoberta de um intérprete como se define, porque «cantor é o Milton Nascimento», Gonzaga (o filho) com a sua extraordinária capacidade de entrega e de gostar das pessoas estabelece o contacto e explode a emoção.

A sua actuação foi menos participada do que devia, por causa de uns senhores da organização, que querendo estar sentados, pediam à segurança que não permitisse que os outros se levantassem para dançar para os não incomodar. Porque insistem em festas tristes? Porque não entendem que para ouvir assim alguns artistas mais vale ficar em casa e ouvi-los em disco? Porque não encerram as festas com fado ou música erudita com cadeiras estofadas? Ou será que os que constroem a Festa do «Avante!», e nela trabalham, não terão também eles o direito à alegria?

No entanto quando, como no caso, a voz é de um cantor que recusa a opressão, luta pela liberdade, pela justiça e pelo encontro solidário e cúmplice, não serão com certeza incidentes deste tipo que conseguirão impedir que haja o encontro, e se faça a Festa. Então a emoção é forte e os olhos brilham em cima e em frente ao palco.

Gonzaga, e o seu grupo, viu e venceu. Contou da ignorância do Brasil sobre África e si próprio, de miséria, de escravidão e de amor, ganhando à volta de 50 000 novos amigos. Que volte rápido para um concerto a solo no Coliseu (...)

(«Diário de Lisboa» de 12/9/88)

• Nunca como este ano a sensação de grande paradoxo que representa a Festa do «Avante!» foi tão forte. Só em Portugal seria possível pôr à disposição de um «haping», naquilo que ele encerra de determinados valores culturais, a perfeita máquina organizada do Partido Comunista.

Como se este «Woodstock» tivesse sido planeado com todas as condições logísticas, a fim de proporcionar aos seus milhares de presentes as comodidades que o festival norte-americano não teve.

Nesta edição, tudo isto ainda nos pareceu mais flagrante. Os valores comungados pelos muitos milhares que, no sábado, ouviram o Sérgio cantar coisas esquecidas de um quase esquecido Zeca Afonso e «abandaram a carola» dos ritmos africanos, pouco terão a ver com a postura tradicionalista do PCP.

Mas estiveram lá, na Festa do «Avante!». Todos aqueles que ainda são capazes de sujar os «jeans» sentados no chão, entre as pernas de alguém, e trocar um trago de cerveja, ou uma passa num charro não conotado com toxicoddependência.

Muitos. Já não pensávamos que existissem tantos, depois de um ano em que a direita contra-atacou culturalmente e conquistou a moda de ser diferente.

E jovens. Afinal, a «espécie» não está tão extinta como nos querem fazer crer.

Ainda há quem parta à aventura, de saco-cama e pouco mais (como o Jack Kerouak nos ensinou), apenas esperando em que ele venha a ser apertado por dois, durante a noite.

Mesmo os grupos de camisolas vincadamente «heavy metal» só nos fazem recordar, que ser diferente pode ser algo mais que uma pose no Bairro Alto.

É quase surrealista. Numa altura em que o PCP cerra fileiras, até contra os novos ventos da União Soviética, a sua festa consegue reunir os menos comprometidos desta terra.

Depois de um ano de interregno, foi uma espécie de «prova dos nove», para saber se alguém ainda mantém viva uma chama antiga, que começou a arder em Liverpool, ateou os Estados Unidos e morreu em Paris, num mês de Maio, apesar de ter dado um brilhoso nos olhos por estas bandas, alguns anos depois.

Afinal, ainda somos uma minoria de muitos milhares.

(«Diário Popular» de 12/9/88)

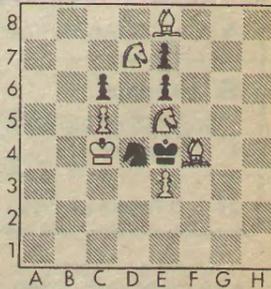
Xadrez

CLXXI — 15 de Setembro de 1988

Proposição N.º 171

Por: Y. Dorokhov, «Leninskoe Znamia», 1963

Pr.: [5]: Ps. ç6, é6, é7-Cd4-Ré4



Br.: [7]: Ps. ç5, é3-Cs. d7, é5-Bs. é8, f4, Rç4

Mate em 2 lances

Jogo N.º 171

Memorial Barcza, Julho/1988

Br.: Szalanczy

Pr.: Gavrikov

1. é4,ç5; 2. Cf3,d6; 3. d4,ç:d4; 4. C:d4, Cf6; 5. Cç3,é6; 6. B63,é6; 7. g4,Cç6; 8. g5,Cd7; 9. h4,Bé7; 10. Dh5,0-0; 11. 0-0-0, C:d4; 12. fd4,b5; 13. Bd3,b4; 14. Cd5,é:d5; 15. B:g7,D68; 16. Bf6 e as pretas abandonam.

Solução do N.º 171

Chave: 1. Bh5! blocus!
1. ..., Cf5; 2. Bf3+
1. ..., C outro lance; 2. Bg6+
1. ..., Rf5; 2. Bg6+
A. de M.M.

Damas

CLXXI — 15 de Setembro de 1988

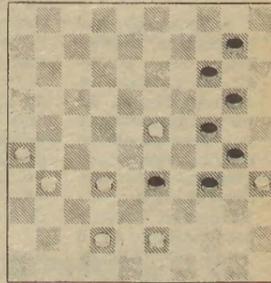
Proposição N.º 171

Por: Louis Dalman

— Nîmes, 1975

Pr.: [7]: 10-14-20-24-30-33-34

Br.: [7]: 23-26-31-32-35-42-43



Jogam as brancas e ganham

Golpe N.º 171

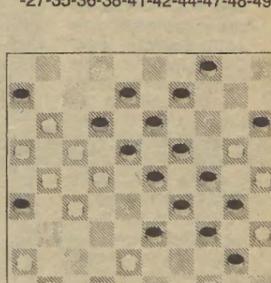
(Golpe/Problema)

Por: Avenel

(6.º Prémio Concurso da F.F.J.D. — 1960)

Pr.: [17]: 4-6-8-9-12-13-15-18-19-23-24-26-29-30-33-34-40

Br.: [17]: 11-16-17-20-21-22-25-27-35-36-38-41-42-44-47-48-49



Jogam as brancas e ganham

Soluções do N.º CLXXLXXI

Miniatura n.º 171 (L.D.): 32-38 (33x22); 23-191 (14x23); 43-39 (34x43); 42x38 (43x32); 31-27 (32x21 ou 22x31); 26x19 (24x13); 35x4=D+

Golpe n.º 171 (A.): 42-37 (33x31); 49x43 (40x38); 48x43 (38x49); 41-37 (31x42); 47x38 (49x32); 27x38 (18x27); 21x32 (12x21); 16x27 (6x17); 38-33 (29x38); 20x18 (13x31); 35x2 (38x27); 25-20 (15x24); 2x14 (4-9); 14x3 (31-37); 3-14 (37x42); 14-37 (42x31); 36x27+

A. de M.M.